



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**RAPHAEL STEIGLEDER BOTELHO**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**

**UNB, 18H, QUARTA-FEIRA, 1000º:**

**A Batalha da Escada como Espaço de Esperança na autonomia do Direito à  
Cidade**

**Brasília**

**2018**

RAPHAEL STEIGLEDER BOTELHO

**Universidade de Brasília - UnB**

Monografia apresentada ao Curso de Prática em Pesquisa de Campo 2, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Shadia Husseini de Araújo.

Brasília

2018

RAPHAEL STEIGLEDER BOTELHO

UNB, 18H, QUARTA-FEIRA, 1000°:

A Batalha da Escada como Espaço de Esperança na autonomia do Direito à Cidade

Monografia apresentada ao Curso de Prática em Pesquisa de Campo 2, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Brasília, \_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª Shadia Husseini de Araújo

Universidade de Brasília

---

Profª Drª Márcia Marques

Universidade de Brasília

---

Profª Drª Regina de Souza Maniçoba

Universidade de Brasília

*Dedicado à cada integrante deste movimento de resgate da valorização do ser humano. RAP  
é compromisso e temos de honrá-lo em todas as nossas práticas!*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pai, Simone e Sílvio, e meus irmãos, Carolina e Estevão, que com muito amor se concentraram em incentivar minhas escolhas e, em todos os momentos de dúvidas, trouxeram-me a certeza e a segurança de respeitar meus momentos. Vocês transmitiram a coragem de conhecer o mundo e instigaram em mim a valorização de cada indivíduo em prol do coletivo. Sou muito grato à cada ensinamento para que eu me descobrisse em quanto pessoa.

À professora Shadia Husseini, que igualmente teve paciência e proporcionou a orientação necessária nos momentos de indecisões e incertezas. Foi um enorme prazer poder trabalhar com uma profissional tão competente.

Ao coletivo organizador da Batalha da Escada, que há três anos tem sido paciente com minha exorbitante teimosia. Obrigado por terem me ensinado a aprender a enfrentar o erro, entender as dificuldades dos outros, construir este projeto tão significativo a mim e pela disposição “religiosa” para lidar com as demandas.

Aos integrantes do movimento Hip Hop do DF e do Brasil. A oportunidade de vivenciar essa experiência também passa por vocês e sou muito grato à tudo que este movimento me ensina. Vida longa ao Hip Hop Nacional!

Aos amigos que com muita compreensão entenderam em todos os momentos o porquê de eu não estar presente ou com muito saudosismo me receberam nos momentos os quais busquei uma válvula de escape. Que eu possa sempre recordar de nossos momentos em todos os agradecimentos dos trabalhos que ainda estão por vir!

À UnB e ao Departamento de Geografia, que me apresentaram um mundo de realidades diversas e no qual tive a oportunidade de me construir em quanto indivíduo crítico. Este espaço tem sido minha segunda casa e tenho muito orgulho de ter feito parte da história desta universidade. Vida longa à UnB e a universidade pública, gratuita e de qualidade, para que mais pessoas possam ter a oportunidade de vivenciar a experiência incrível que eu tive.

*Te aproximar da questão, menos luz, água e pão.  
Quantos manos vão pro crime por falta de opção?  
Pra ter no pé um símbolo de uma grande corporação.  
Quantos sofrem por aceita esse tipo de situação?  
Com vergonha de quem é por não ser modelo padrão.  
Sociedade segrega com discurso de união.  
Pra não ter o peso da culpa consumindo a consciência.  
E com a ciência que as grades não trazem mais proteção.  
E toda essa divisão um dia volta.  
Exílio não regenera só causa revolta.  
Na rua os mano quer e se manda você solta.  
Disposição não falta onde a maldade brota.  
De baixo pra cima vem da base a mudança.  
E fazê-los entender é onde mora minha esperança.  
Pra que a real liberdade de expressão seja mantida.  
E eu mantenha essa utopia no olhar de cada criança.*

## RESUMO

Desde a década de 80, o Hip Hop surge como cultura, a partir de tradições jamaicanas, no Brooklyn de Nova Iorque (LEAL, 2007). Seu surgimento tem ligação direta com os processos de urbanização vividos em Nova Iorque na década de 70 e que segue até hoje se estabelecendo a partir de uma lógica nefasta de marginalização e estratificação social reproduzidas no espaço, sob orientações da lógica capitalista que beneficia as elites em detrimento da população. (HARVEY, 2008). Nesse sentido, surgem alternativas às imposições sistêmicas quanto ao uso e acesso dos espaços, bem como ao modelo de vida a ser seguido (HARVEY, 2014). O presente trabalho busca entender em que medida a Batalha da Escada na UnB transforma o espaço construído pelos frequentadores, reivindicando o Direito à Cidade. Visando concluir os objetivos, a presente produção propõe como método a análise da construção do espaço na Batalha da Escada, a partir do entendimento dos frequentadores quanto à transformação realizada em prol de um espaço de esperança em uma vida menos alienante. Para tanto, a produção envolveu a aplicação de dois questionários. O primeiro voltado ao coletivo gestor da Batalha da Escada, aplicado com 9 dos 12 integrantes, e o segundo ao público, aplicado com 133 pessoas entre MCs (Mestres de Cerimônia) e espectadores, visando entender como esta comunidade compreende o espaço que constrói. Como conclusão da pesquisa, aponta-se que a interpretação tanto dos integrantes da gestão, quanto dos espectadores e MCs sobre a BDE é de que de fato a Batalha da Escada constrói um espaço de esperança através de seu caráter de resistência em trazer ao ambiente acadêmico uma cultura até então marginalizada, além de levar à uma parcela da população que sofre violência institucional todos os dias, um pouco do que é o acesso às experiências e conhecimentos do ambiente acadêmico.

Palavras-chave: Direito à Cidade. Espaços de Esperança. RAP. Batalha da Escada.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Uma das primeiras edições da BDE, nas escadas em frente ao Ceubinho	56
Figura 02 - Caixinha de doações	58
Figura 03 - Arte com agenda de atividades	59
Figura 04 - Batalha da Escada no Teatro de Arena	60
Figura 05 - Durante uma das batalhas	61
Figura 06 - Intervenção no Teatro de Arena	64
Figura 07 - Mapa da distribuição de frequentadores da BDE, por RA de residência	76



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 02 - Principais conteúdos abordados nas batalhas, segundo os gestores	70
Gráfico 03 - “O conteúdo das batalhas aborda questões de teor político de alguma forma?”	71
Gráfico 04 - “Existe algum viés político na Batalha?”	72
Gráfico 05 - Regiões Administrativas de residência do público entrevistado	76
Gráfico 06 - Relação com a UnB	77
Gráfico 07 - Idade dos entrevistados	77
Gráfico 08 - “Você se considera integrante do movimento Hip Hop?”	78
Gráfico 09 - Você acredita que a BDE é um espaço democrático?	79
Gráfico 11 - Frequência com que o conteúdo das batalhas aborda questões de teor político	81
Gráfico 12 - Frequência em que os entrevistados afirmam testemunhar a reivindicação por direitos	81

## LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

APROPUC-SP	Associação dos Professores da PUC-SP
<i>B-boy</i>	<i>Break-boy</i>
BCE	Biblioteca Central
BDE	Batalha da Escada
BDG	Batalha das Gurias
<i>B-girl</i>	<i>Break-girl</i>
CONIC	Setor de Diversões Sul
DEX	Decanato de Extensão
DF	Distrito Federal
DJ	<i>Disc Jockey</i>
FAC	Faculdade de Comunicação
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FUNARTE	Fundação Nacional das Artes
ICC	Instituto de Ciências Central
MC	Mestre de Cerimônia
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RA	Região Administrativa
RAP	<i>Rhythm And Poetry</i>
UnB	Universidade de Brasília

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. CONTEXTO DE ORIGEM DO HIP HOP: DO SURGIMENTO À RELAÇÃO COM O INVESTIGADOR.....</b>	<b>15</b>
1.1. Origens do investigador: O Hip Hop como possibilidade .....	16
1.2. The Bronx: o início de um fenômeno .....	21
1.3. Formação do RAP nacional: ocupação do espaço público desde o berço .....	24
1.4. Batalhas: do RAP ao Grafite, ocupar e resistir.....	28
1.5. O RAP do DF invade a cena! As batalhas e o movimento Hip Hop candango .....	30
<b>2. O DIREITO À ESPERANÇA: ESPAÇOS DE ESPERANÇA COMO INSTRUMENTOS DE SOBERANIA DO DIREITO À CIDADE.....</b>	<b>37</b>
2.1. Conceituação do Direito à Cidade .....	37
2.2. Os processos de urbanização modernos e a sociedade segregada.....	40
2.3. Moses e Nova Iorque: o gatilho do Hip Hop .....	42
2.4. Espaços de Esperança em uma vida menos alienante: revolução a partir da ocupação de espaços públicos com cultura.....	44
<b>3. METODOLOGIA DO TRABALHO .....</b>	<b>52</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>55</b>
4.1. Um olhar sobre a origem da Batalha da Escada a partir do documentário “[RAP]ORTAGEM BdE” .....	55
4.2. Perfil e entendimento do coletivo gestor da Batalha da Escada .....	64
4.3. O olhar da Escada: o espaço percebido pelo público .....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>94</b>

## INTRODUÇÃO

Analisar as construções da sociedade em torno da vivência nas cidades hoje pode levar a uma compreensão das reais intenções presentes entre os agentes no espaço. Desde os tempos de Napoleão, a sociedade presencia a desigualdade social ser alimentada pela configuração territorial imposta por governantes (HARVEY, 2008). Um processo que não se restringe ao tempo ou espaço e delimita a emancipação do Direito à Cidade (HARVEY, 2008).

Os grandes conglomerados urbanos se estabelecem a partir de uma lógica nefasta de marginalização e estratificação social reproduzidas no espaço, sob orientações da lógica capitalista que beneficia as elites em detrimento da população. Nesse sentido, surgem alternativas às imposições sistêmicas quanto ao uso e acesso dos espaços, bem como ao modelo de vida a ser seguido (HARVEY, 2014).

Desde a década de 80, o mundo convive com um fenômeno chamado Hip Hop. A cultura que surge a partir de tradições jamaicanas, no Brooklyn de Nova Iorque (LEAL, 2007), hoje já conta com o RAP como o estilo musical mais consumido no mundo<sup>1</sup> e uma história rica em vertentes e personagens que de alguma maneira influenciaram a forma como vivemos hoje. O RAP e o Hip Hop podem ser a possibilidade de uma mudança.

Nesse sentido, em meio a produção cultural do Hip Hop, estão as Batalhas de MCs (Mestres de Cerimônia), duelos entre os adeptos, por meio de rimas, em que se consagra o campeão aquele que fora ovacionado com mais ímpeto pelo público. Um enorme intercâmbio de ideias entre diversos vetores e receptores das inúmeras mensagens em cima da harmonia preparada pelo DJ (*Disc Jockey*). Sempre em espaços públicos, as batalhas reúnem fãs e transeuntes e convidam as pessoas a debater de uma forma inovadora. (LEAL, 2007)

Com início em Abril de 2015, a BDE reúne semanalmente em torno de 400/500 pessoas no Teatro de Arena, localizado entre o Instituto Central de Ciências Norte e a Biblioteca Central, todas as quartas às 18h. Além disso, cerca de 20/30 MCs são inscritos em um sorteio, ávidos por uma vaga na disputa. Porém, na Batalha da Escada, o sorteio das 16 vagas tem dois tipos de cotas: A primeira para mulheres (únicas participantes de todos os sorteios) e a segunda para MCs que nunca tiveram a oportunidade de serem sorteados, com duas vagas reservadas para cada tipo.

---

<sup>1</sup> Segundo a empresa *Spotify* em 2015, líder em *streaming* de áudio com 75 milhões de usuários ativos

Após o sorteio, são chaveados 16 MCs que se enfrentam em um esquema de eliminatórias. Cada Batalha acontece com o enfrentamento de 2 MCs em 2 *rounds* de 45 segundos para cada. A partir disso, o público vota através do contraste de gritos, palmas e a clássica “mão pra cima”<sup>2</sup>. Ao fim de todos os enfrentamentos, o campeão leva o troféu e outros prêmios, além de ter o microfone aberto para o “Free do campeão”<sup>3</sup>. (SILVA, 2017)

A realidade de uma Batalha de RAP na universidade, incentiva muitos jovens em se empenhar em se efetivar como alunos de uma faculdade. Este incentivo pode ser fomentado no momento em que o estudante nota que pode desenvolver pesquisas nessa área, contribuindo para entender melhor os impactos deste fenômeno, além de poder representar parte da profissionalização do indivíduo. No que tange ao ensino, inclusive, a Geografia tende a se beneficiar em aliar os seus estudos ao Hip Hop. São inúmeras as pesquisas que atrelam os elementos da cultura Hip Hop como ferramentas de aprendizagem no ensino básico. Nesse sentido, o Hip Hop torna-se uma ferramental “multi-tarefas” visto que além de cumprir um papel básico quanto a transmissão do conteúdo programático das escolas, também pode emancipar o cidadão como agente político que compreende sua existência no espaço ao longo do tempo (MARQUES; FONSECA, 2017).

Em meio a dificuldade de acesso a instrumentos e espaços públicos das cidades, seria a ocupação do espaço público com manifestações culturais, uma forma de transformar o acesso aos espaços da cidade? É nesse sentido que o presente trabalho busca entender em que medida a Batalha da Escada na UnB transforma o espaço construído pelos frequentadores, reivindicando o Direito à Cidade. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: investigar a origem das Batalhas de RAP no Distrito Federal; verificar em que medida a Batalha da Escada contribui para a gestão democrática dos espaços públicos; analisar se a BDE contribui para a formação de “espaços de esperança”; e avaliar o potencial a ação política da Batalha da Escada.

Visando responder tais questionamentos, o presente trabalho tem como referencial teórico uma análise do contexto de formação do Hip Hop e das batalhas de RAP em relação a perspectiva política e social. Assim como, um resgate conceitual do Direito à Cidade a partir da perspectiva da influência no cotidiano moderno. Além disso, propõe como método a

---

<sup>2</sup> Muito usada (também pelo contraste) para aferir o resultado quando o barulho não distingue o vencedor da Batalha.

<sup>3</sup> Rima de encerramento após todas as Batalhas.

análise do objeto de estudo, a Batalha da Escada, a partir do entendimento dos frequentadores quanto a transformação realizada em prol de um espaço de esperança em uma vida menos alienante.

O primeiro capítulo corresponde a análise da contextualização histórica de formação do Hip Hop e da Batalha da Escada, de forma a elucidar ao leitor a ligação histórica desta cultura com a politização das manifestações artísticas em prol de uma comunidade marginalizada perante a sociedade. Também nesta primeira parte, porém mais direcionado ao público do Hip Hop, o autor toma a liberdade de explicar o vínculo com o movimento.

Em seguida, no segundo capítulo, conceitua-se o “Direito à Cidade” a partir dos ideais trabalhadas por David Harvey, assim como dos “Espaços de Esperança” também trabalhado pelo mesmo autor, buscando relacionar com a produção acadêmica em torno do Hip Hop como instrumento de emancipação do Direito à Cidade. Ao fim desse capítulo, traça-se um paralelo desses trabalhos com a produção de Milton Santos em “Por uma outra Globalização”, afim de abstrair um pouco mais a conceituação de “Espaços de Esperança”.

Como métodos, o presente trabalho propõe uma metodologia dividida em três partes: a primeira, a análise do documentário “[RAP]ORTAGEM Bde”, produto final do Trabalho de Conclusão de Curso de Rafael Montenegro da Silva e que aborda as origens da BDE sob a perspectiva de vários agentes; a segunda, a aplicação de uma entrevista semi-elaborada com os gestores da Batalha da Escada; E a terceira, a aplicação de um questionário com o público da BDE, entre MCs e espectadores, visando entender objetivamente como estes agentes interpretam a Escada.

Por fim, o último capítulo apresenta os resultados das análises e questionários aplicados. Aborda as origens da BDE sob a perspectiva dos vários agentes que a compôs. Além disso, analisa visando entender objetivamente como estes agentes interpretam a Escada e partir dessa interpretação, constroem um espaço influenciado pela lógica contrária aos padrões impostos a sociedade.

## 1. CONTEXTO DE ORIGEM DO HIP HOP: DO SURGIMENTO À RELAÇÃO COM O INVESTIGADOR

O RAP, ou *Rhythm and Poetry* (Ritmo e Poesia, em português). Um dos quatro pilares da cultura Hip Hop. Se fortalece nos bairros pobres e, majoritariamente, negros dos Estados Unidos, ainda no fim da década de 60. Quatro elementos culturais emergidos em um único conceito: No som os *DJs* (*Disc Jockey* ou Disco-Jóquei) e *MCs* (*Master of Ceremony*, ou Mestre de Cerimônia), além das artes plásticas de Grafiteiros/Pixadores<sup>4</sup> e *B-boys/B-girls* dançando o *Breaking*. Desde então, o Hip Hop tem se difundido, sobretudo nas comunidades pobres e negras, através destes quatro elementos, transformando realidades por meio do comprometimento com a cidadania, do resgate de jovens inseridos na criminalidade, da denúncia de injustiças sociais e da valorização de atitudes que promovam o respeito aos indivíduos. É neste bojo que se forma a cultura Hip Hop, cuja qual emancipa até hoje os jovens de periferia, como lembra o MC Mano Brown<sup>5</sup>, do grupo Racionais MCs, no prefácio do livro “Hip Hop Brasil” de Nina Fideles:

O rap e o Hip Hop não fizeram nada sozinhos. A transformação foi visível. Orgulho próprio, forma de encarar, forma de se vestir, forma de abordar o outro. Em cada fase a gente ocupou um espaço que não ocupava. (FIDELES, 2014, p. 6)

Durante a década de 80, o RAP surge no Brasil, com aquele que possivelmente foi o primeiro MC do Brasil: Pepeu. Ainda que alguns digam que este posto é de Jair Rodrigues em “Deixa isso pra lá” ou Aranaud Rodrigues e Luis Carlos Miele em “Melô do Tagarela”, foi Pepeu o primeiro a adotar o RAP e todos os aspectos da cultura Hip Hop, em sua expressão artística. Desde o princípio, o RAP Nacional destoava do americano em que discorria sobre sonhos de consumo, no Brasil, o RAP esteve mais ligado à letras de contestação das mazelas sociais (FIDELES, 2014).

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, peço licença à norma culta da língua portuguesa para considerar o “x” no lugar do “ch”, em respeito aos integrantes do movimento Hip Hop e sobretudo aos pixadores.

<sup>5</sup> Um dos precursores do movimento Hip Hop que juntamente com Ice Blue, KL Jay e Edi Rock, integram um dos grupos de RAP mais conhecidos do Brasil, o Racionais MC's.

Ao contrário do que ocorre no país de origem, o Hip Hop no Brasil adquiriu matizes próprios, politizado e crítico; em vez de falar de sonhos de consumo e riqueza, como ocorre no rap norte-americano, denuncia a condição de vida na periferia, a violência policial e o conjunto de opressões e repressões que os mantêm à margem de uma vida digna. Foi através do Hip Hop que o país pôde conhecer não apenas uma realidade até então invisível, mas vários talentos que não seriam, não viveriam, não desenhariam, não escreveriam, não dançariam alegres seus passos cheios de vigor. Porque antes não cabiam nos estúdios da cultura hegemônica, nos escritórios das editoras, nas paredes das galerias, não passavam pelas portas que existiam. De norte a sul, o Hip Hop se alastrou, entrou nas aldeias indígenas, saiu do beco, invadiu as rádios, as TVs dos burgueses, conquistou seu espaço no menu da cultura nacional. (FIDELES, 2014, p. 6)

Em meio à essa cultura, está o *Freestyle* (em português, estilo livre), modo em que o MC faz rimas improvisadas no momento, muito difundido como uma prática cotidiana dos MCs e é desse modo de se fazer rimas que as Batalhas de RAP são oriundas. As Batalhas evoluíram e se tornaram mais uma vertente da cultura Hip Hop, a disputa hoje é pela ovação da platéia, que julga o conteúdo, forma e autor das mensagens proferidas. No Brasil, o cenário de Batalhas de RAP já era instigado pelas Batalhas de *Breakdance*, competições entre *B-boys* e *B-girls* na disputa pelos melhores passos de dança. No início dos anos 2000, com a popularização da internet e das mídias sociais (BALBONI, 2007), os agentes deste cenário se articularam, intensificando a promoção de Batalhas de RAP pelo Brasil. Em pouco tempo, o combate poético tomou conta das ruas e hoje já conta com inúmeros adeptos.

### 1.1. Origens do investigador: O Hip Hop como possibilidade

Apesar de ter adentrado em um curso e estar cada vez mais atrelado à outro, acredito que a universidade trouxe pra mim, duas respostas que almejei muito responder: “Quem sou?” e “O que faço?”. A primeira, respondida pela Geografia e a segunda pelo Audiovisual. É dessa maneira que almejo iniciar a pesquisa que concluirá meus trabalhos na Graduação da Universidade de Brasília, provavelmente com duas das questões mais latentes no ser humano. A vontade de chegar a estas conclusões foi quem norteou os meus caminhos na UnB.



Em 2012, eu conheci a ciência que me ajudaria a entender quem sou eu e tudo que me rodeia. Até que em 2015, eu viria a conhecer a equipe e o projeto que me ajudariam a entender o que eu quero fazer, e como eu inserir o “quem sou?” no “o que eu faço?”. Literalmente me jogar na Batalha da Escada, foi a melhor coisa que me aconteceu e a mais trabalhosa também. No último ano, o projeto cresceu muito e sempre fora a minha prioridade, o que consome pelo menos 1/3 do meu tempo, semanalmente.

Meu envolvimento com a Batalha da Escada surgiu de forma espontânea, como acredito que os grandes projetos em nossas vidas devem ser. Ainda que o surgimento deste movimento seja recente, meu envolvimento para com o RAP e os elementos da cultura Hip Hop é antigo e tem data e hora certa, quando eu escutei a primeira música do gênero em minha vida: "Da ponte pra cá" - Racionais MC's, no fim dos anos 1990. A música não envolve nenhuma genialidade em rimas, muito menos em conteúdo, fora outra característica que chamava atenção, o som. Com uma técnica clássica no mundo dos DJs e *Beatmakers* do RAP (o *sample*), além do uso de efeitos na voz (o que certamente chamaria atenção de qualquer criança), a música me apresentava um novo mundo que em um futuro próximo seria “minha segunda casa”.

A partir daí o envolvimento passou a ser constante e a minha infância e juventude passaram a ser influenciadas por esta cultura. Descobrir que o RAP existia mudara minha vida de forma que o prazer de ouvir uma música, passava pela exigência de um conteúdo inspirador e emancipatório. Assim, acompanhado das rimas de alta contestação (oriundas da cena de RAP da década de 90) e a realidade de desigualdade social no país, o Hip Hop entrava em minha vida para levar a um caminho sem volta: encarar minhas responsabilidades no mundo.

Mais do que escutar os álbuns dentro do quarto, toda criança/adolescente que se envolva com o RAP, também anseia em conseguir conversar com seus ídolos na mesma linguagem e comigo isso não foi diferente. Descobrir que a poesia era algo da qual eu poderia me apropriar para discutir minhas ideias e ainda reunir os amigos, talvez tenha sido a minha grande motivação em conhecer as Batalhas de RAP. Apesar de não ser adepto do confronto, as Batalhas são o lugar em que me sinto em casa, ainda que a cidade em que eu viva não proporcionar este tipo de atração.

Em 2002, eu viria a Brasília para iniciar uma nova etapa em minha vida. Curiosamente, eu me mudara para uma das “cidade-berços” do RAP nacional. Nessa época, já havia conhecido GOG<sup>6</sup> por exemplo, o que me deixara mais ansioso por conhecer a cidade que poderia me proporcionar ao menos uma Batalha. Foi quando em 2005/2006, com o hábito de andar de skate, fui ao CONIC esperando apenas comprar uma peça para manutenção e acabei ficando. Ao chegar, me deparei com o barulho, o qual eu já conhecia muito bem, e fui de encontro. Lá estava a primeira Batalha que eu presenciaria, o antigo “Calango Pensante”. Alegria em dobro ao descobrir que o encontro era mensal, o que significava que, pra mim, deixaria de ser apenas virtual através do Youtube.

Muitos anos depois, já em 2015, tive o prazer de encontrar um amigo de infância (amizade que me acompanhava nas vivências do RAP) na UnB e este me convidou a retomar as antigas rodas de Freestyle que fazíamos quando adolescentes. Além disso, me apresentou outras pessoas na universidade que tinham o mesmo interesse. A partir daí, nossas vidas dentro da academia estariam marcadas para sempre, pois nascia a Batalha da Escada. A BDE me levou a uma outra instância dentro do mundo Hip Hop: a de agente produtor.

O RAP passava a ter uma outra dimensão em minha vida, passava a fazer parte do meu cotidiano, me levou a conhecer mais pessoas envolvidas, em suma permitiu que eu adentrasse esse mundo. Mas com toda certeza, este envolvimento é fruto da crença de que o RAP é um agente emancipador da população negra e de periferia. Mais do que isso, sempre acreditei que o RAP dá ao indivíduo, as premissas necessárias para se tornar um cidadão, pois o RAP me ensinou a contestar os padrões que regulam as minhas vivências e assim lutar pelos meus direitos, mas para muito além me ensinou o que a Geografia viria a complementar: as responsabilidades com o que me rodeia, em busca de um mundo melhor.

Vivenciar as experiências do Hip Hop, caracterizariam a importância da escolha de cursar Geografia na Universidade. Ainda que não seja um objeto central desta ciência, o Hip Hop e o seu surgimento, abrem margem para estudos em diversas temáticas da Geografia. Temas como territorialização e ensino frequentemente são utilizados em estudos que envolvam este movimento cultural e são rapidamente encontrados em pesquisas acadêmicas da área.

---

<sup>6</sup> Genival Oliveira Gonçalves, o GOG, é um dos pioneiros do movimento Hip Hop (sobretudo o RAP) no Distrito Federal. Em um de seus maiores sucessos, "Brasil com P", GOG argumenta sobre a realidade da população negra brasileira usando apenas palavras com a letra inicial "P".

Ainda assim, é essa realidade que esta pesquisa também visa contribuir. É necessário que cada vez mais estudantes abordem em suas pesquisas, as culturas e saberes populares até então marginalizadas pelas elites sociais, visando assim um processo de construção de uma sociedade mais democrática e igualitária. Caso contrário, a cultura Hip Hop, além de outros saberes, continuarão sendo marginalizados perante o acesso aos estudos acadêmicos, e reforçando um estigma de ser conteúdo vazio e ignorante.

Frequentemente as práticas juvenis pelo espaço geográfico, sobretudo nas cidades e metrópoles, são reguladas, vigiadas e punidas (quando contravêm as normas impostas) pelos agentes fiscalizadores de um projeto de sociedade: a família, as autoridades, a polícia, o Estado etc. Mas existem grupos de jovens que r-existem à essa regulação e opressão erigidas pelos adultos. (MOREIRA, 2016)

Hoje em dia as Batalhas de Hip Hop ainda sofrem com a falta de apoio estrutural e financeiro, apesar de ser um objeto cobiçado para divulgação (eventos, marcas, instituições, etc.), pois podem literalmente mobilizar milhões de jovens, apesar disso, muitas batalhas não conseguem se profissionalizar perante o cenário da produção cultural. O acesso a informação se torna, nesse caso, peça fundamental para a produção deste evento, portanto, a promoção de pesquisas acadêmicas envolvendo a temática Hip Hop tem dois papéis preponderantes. O primeiro, levar ao lume da academia, um retrato da ocupação de espaços públicos urbanos por parte da juventude periférica, marginalizada pela elite intelectual acadêmica. O segundo, gerar dados que alimentem futuras pesquisas, afim de promover cada vez mais, estudos que abordem a cultura Hip Hop.

As Batalhas de RAP, além dos outros elementos da cultura Hip Hop, trazem a vida cotidiana, um retrato da realidade vivida pela margem da sociedade excluída das políticas públicas, estimulam a cidadania através do espaço para o debate político sobre as demandas sociais reivindicadas pela população jovem e negra das periferias. No caso da Batalha da Escada, em especial, se trata de um movimento ainda maior, pois traz ao espaço acadêmico, um discurso até então distante da realidade acadêmica, historicamente elitizada.

Ao elencar alguns estilos musicais, Dayrell (2002) aponta o rap (além do funk) como um dos grandes reveladores das realidades sociais em que os jovens se encontram inseridos. De acordo com o autor, o rap, associado a outras linguagens artísticas que constituem o movimento hip-hop, tem sua origem a partir do soul - música símbolo da consciência negra americana e trilha sonora de muitos movimentos americanos civis durante a década de 1960 - e tem nas ruas o espaço significativo e privilegiado para ser cantado. As letras do rap mixadas às novas tecnologias têm grande força na denúncia das condições sociais, da injustiça e da opressão de seus cantores. (MOREIRA, 2016)

A realidade de uma Batalha de RAP na universidade, incentiva muitos jovens em se empenhar em se efetivar como alunos de uma faculdade. Este incentivo pode ser fomentado no momento em que o estudante nota que pode desenvolver pesquisas nessa área, contribuindo para entender melhor os impactos deste fenômeno, além de poder representar parte da profissionalização do indivíduo. No que tange ao ensino, inclusive, a Geografia tende a se beneficiar em aliar os seus estudos ao Hip Hop. São inúmeras as pesquisas que atrelam os elementos da cultura Hip Hop como ferramentas de aprendizagem no ensino básico. Nesse sentido, o Hip Hop torna-se uma ferramental “multi-tarefas” visto que além de cumprir um papel básico quanto a transmissão do conteúdo programático das escolas, também pode emancipar o cidadão como agente político que compreende sua existência no espaço ao longo do tempo (MARQUES; FONSECA, 2017).

O negro até os dias atuais sofre com o racismo e a discriminação racial, assim como as classes populares vivem em desigualdade perante a uma parte população que possui uma maior poder aquisitivo, essas injustiças que marcam a sociedade brasileira são geralmente expressas no rap. Faz-se importante que, ao trabalhar o Hip Hop em sala de aula, o professor ressalte a importância deste movimento para a população negra. O movimento simboliza a resistência do negro no espaço geográfico e todas as desigualdades presentes neste, divulgando o preconceito, as vivências e cultura do negro para que toda a história dessa população não seja esquecida e ignorada como foi durante longo tempo. (MARQUES; FONSECA, 2017, p. 174)

Acompanhando um pouco mais sobre os estudos acadêmicos da Geografia em relação ao Hip Hop, é possível notar que estes dois elementos estão mais conectados do que se costuma acreditar. Aliás, é esta junção que permitiu a Carlos Geovani Ramos Machado, em sua dissertação de mestrado, nos apresentar ao que seria o quinto elemento da cultura Hip Hop, o “conhecimento”. Elemento este, que viria a trazer o compartilhamento das vivências dos indivíduos (MACHADO, 2012).

Os *manos e minas* desafiam-se a estudar, a partir dos elementos originários desta arte para solidificarem um **quinto elemento** e, a partir dele socializar suas experiências, suas histórias de vida, seus desejos e sonhos por um mundo mais justo, mais igualitárias. Onde o abandono, a solidão, a falta de referências humanitárias não lhes tirem a vontade de aprender, de estudar por outros caminhos que a complexidade da vida lhes possibilita. Portanto, momentaneamente nos arriscamos afirmar - o *hip hop*, pode contribuir para resgatar a autoestima do Sujeito jovem da periferia, estando ele na escola, ou não. Ao percebermos a sociedade como um gigantesco novelo de lã, enrolado a partir de multicores complexas, abarcando o espaço escolar como um nó integrante do rolo, poderemos, quem sabe, reinventar os fazeres cotidianos, oportunizando aos Sujeitos um maior protagonismo na construção deste espaço, de suas identidades, na reconstrução do conhecimento. Possibilitando torná-los, cidadãos mais felizes, tecedores de um universo escolar mais instigante. (MACHADO, 2012, p. 133)

Nesse caso, Machado vem trazer aos leitores a reflexão que fundamentou a existência desta pesquisa. A crença em um elemento cultural como poder de reconstrução da sociedade em meio ao cenário de desigualdade do mundo. Sobretudo nas pesquisas em Geografia, é necessário cada vez mais a inserção da cultura Hip Hop como objeto de estudo, para compreendermos cada vez mais as possibilidades desta como um elemento transformador do espaço, “quem sabe possibilitando a formação de um ser mais humano, socialmente mais solidário, culturalmente mais forte para enfrentar as incertezas tão presentes em nosso cotidiano” (MACHADO, 2012, p. 133), principalmente no que se refere a formação do geógrafo

## 1.2. *The Bronx*: o início de um fenômeno

Apesar da influência direta de um estilo musical muito famoso à época, o Hip Hop é multifacetado em sua origem. Ainda que existam controvérsias, o Hip Hop na verdade não pode ser creditado à uma única pessoa ou instituição. Este fator evidencia o caráter coletivo imbuído nas experiências dentro do Hip Hop, fator que deve ser considerado ao se analisar os potenciais à ação política deste movimento. O Hip Hop nasce nos guetos de Nova Iorque, na transição da década de 60 para a década de 70, em meio a uma realidade de extrema desigualdade social em que os Estados Unidos viviam no período pós-industrialização (ROSE, 1997 **apud** LEAL, 2007, p. 28).

O momento era de dificuldades para a população de baixa renda e sem qualificação técnica, os quais eram substituídos por máquinas e pessoas com mais acesso à uma educação

de qualidade, qualificando sua mão de obra. O resultado era o desemprego entre a parte pobre, em maior parte negra, da população, instigando a realidade desigual no país. Como reflexo, nos bairros pobres, viam-se a acentuação das diferenças sociais e da discriminação social, favorecendo os índices de criminalidade e violência. (LEAL, 2007)

Sob esta perspectiva e sob influência de produtores como Afrika Bambaata, Kool Herc, Grandmaster Flash, entre outros, nascia a cultura Hip Hop que pouco a pouco definiria cada um de seus 4 elementos: RAP, DJ, B-boy e o Grafite. Os DJs reinventavam as tradições de matrizes africanas que eram traduzidas nas *block parties* em Nova Iorque, celebrações musicais em espaços públicos que acompanhavam os imigrantes jamaicanos e porto-riquenhos que buscavam condições mais favoráveis.

O termo *Hip Hop* foi estabelecido por volta de 1968 e é atribuída ao *DJ* de origem jamaicana Afrika Bambaataa, herdeiro cultural da tradição dos *griots* africanos, cujo canto falado havia sido introduzido na ilha caribenha durante o período da colonização e provocado o aparecimento do *toasting*. Bambaataa. A utilização das palavras *hip* e *hop*, em primeiro lugar, significaria uma referência consciente ao recurso mais frequentemente utilizado para a transmissão da literatura e da cultura nos guetos, valendo-se da tradição oral; em segundo lugar, uma ilustração do popular modo de dançar difundido entre os jovens de periferia da época, que consistia na exibição de uma variedade de saltos (*hip*) aliados a um balanço constante dos quadris (*hop*), sempre ao som de bases sonoras entremeadas ao discurso *toast*. (ANDRADE, 1996; PIMENTEL, 1997; CARRIL, 2003 **apud** ALVES, 2008, p. 21)

A violência constante nos bairros de origem do Hip Hop, emergiam a juventude negra e periférica nos movimentos de gangues em que se instituiu verdadeiras guerras por territórios na disputa do poder em torno do tráfico de drogas. O RAP não fugiu desta realidade, pelo contrario, emergiu cada vez mais trazendo a público as mazelas vividas por esta parte da população. E é nesse ponto, que o Hip Hop tinha um papel fundamental, trazer para o âmbito artístico as guerras violentas em torno do poder territorial, transformando-as em disputas simbólicas através da música, da dança e do desenho (ALVES, 2008).

O Hip Hop nascia dos toca-discos dos DJs que viviam sob forte influência da música *Disco*, febre na Nova Iorque da década de 60. Contudo, a vertente do Hip Hop resgataria a música *Soul* e *Funk* com a influência da música eletrônica e a nova geração em aparelhagem de som. Ainda que muitos acreditem que o Hip Hop nascera junto com a famosa festa “*Back to School Jam*” em Agosto de 1973, o Hip Hop é um movimento cultural composto de 4 elementos, os quais são indissociáveis entre si, representando o caráter dinâmico e coletivo na construção deste fenômeno. Fato é que os DJs foram os responsáveis por difundir o novo

movimento cultural, proporcionando nas festas, os ambientes para que o RAP e o *Break* se manifestassem.

Kool Herc passa a divulgar seus breakbeats em locais populares como o Hevalo, no Bronx. Sua influência crescera através de DJs como Grandmaster Flash, que mais tarde se tornaria também uma fonte inspiradora para outros colegas. Afrika Bambaataa segue seu exemplo, promovendo festas por todo o bairro. Além das festas conhecidas pelos nomes “Party” e “Flava Jam 2002”, que acontecem no número 123 da 4th Street, no Bronx, Bambaataa tem a idéias de realizar algo não-convencional. Com a intenção de adotar um novo conceito de festa, ele cria a “Hip-hop Beeny Bop”. É a partir dessa festa que, com o auxílio do MC Lovebug Starski, o termo hip hop se espalha. Nela, Afirma Bambaataa adota ritmos populares como rock, electro-pop, calypso, temas de TV e heavy metal, além dos sons funk de James Brown, Sly and The Family Stone e George Clinton, entre outros. MC talentoso, Starski entretém o público jovem com suas frases de efeito imortais: ‘Welcome to the hip-hop Beeny Bop! That’s Right ya’ll! Hip-hop till you don’t stop!’ (LEAL, 2007, p. 27)

Mais do que uma festa, Kool Herc criava bases que fundamentaram o Hip Hop. A festa em que Kool Herc se apresentara, trazia também a novidade em relação ao som que viria a dar o nome de um dos elementos da cultura: o *Break*. A arte de reproduzir continuamente, trechos de música, chamou a atenção e deu origem aos *Break Dancers* que se agrupavam em grupos previamente estabelecidos pela disputa entre as gangues. Além desta novidade, Herc buscava agregar valor às suas apresentações e era acompanhado do que para muitos pode ser o primeiro MC da história do RAP, Coke La Rock. La Rock acompanhava as batidas com rimas de afirmação de seu bairro e seus amigos, além de fazer a propaganda das drogas que vendia às pessoas que frequentavam as festas (HIP HOP EVOLUTION, 2016).

Sob forte influência da realidade local, o Hip Hop se estabelecia como cultura predominante em meio ao cenário violento e desigual ao redor. A rivalidade entre as gangues marcava também a produção do Hip Hop, fato que motivou uma das maiores reviravoltas que os adeptos já vivenciaram. Afrika Bambaataa e a *Zulu Nation* viriam instigar o caráter social marcante no RAP. O cenário era de uma escalada nos índices de violência dentro das periferias, quando a *Zulu Nation* uniu as diversas gangues em torno de um objetivo em comum, a paz e a prosperidade da população pobre. É neste ponto que o Hip Hop passaria a sofrer forte influência de movimentos sociais (*Nation of Islam, Black Panther Party, Young Lords Party, etc*) e adotaria com mais evidencia o tom de contestação presente no RAP até os dias de hoje.

No dia 12 de Novembro, preocupado com os conflitos crescentes entre os jovens do seu bairro, Afirmo Bambaataa funda a Universal Zulu Nation, uma Organização Não-Governamental que reuniria DJs, dançarinos, MCs e grafiteiros, com sede na Escola Secundária Adlai Stevenson, na Avenida Sedgwick, 1520, no Bronx. Com o lema “Paz, Amor, União e Diversão”, a entidade oferece atividades envolvendo dança, música e artes plásticas, e também promove palestras, as *Infinity Lessons* (Lições Infinitas), sobre temas como matemática, ciências, economia e prevenção de doenças, entre outros. A idéia é transformar positivamente o comportamento dos integrantes de gangues de rua. É importante salientar, nesse campo, a influência de trabalhos comunicarmos desenvolvidos anteriormente por grupos libertários como os Panteras Negras junto aos guetos afro-americanos. (LEAL, 2007, p. 25)

Através de um dos maiores DJs da história do Hip Hop, Grandmaster Flash, o Hip Hop viria a conhecer o *Scratch* a técnica mais utilizada nas apresentações dos DJs. A técnica, que consistia em complementar a música com o som do arranhão ao girar o disco com as mãos, foi revolucionária e mudou a forma de ver os *Breaks* já que era um tabu entre os DJs tocar nos disco ou arranhá-los. Ao mesmo tempo, a dança entre os *Break Dancers*, assim como o Grafite e o RAP, se desenvolviam em um contexto de contestação de uma realidade mais igualitária.

O dia 12 de Novembro, além de marcar o aniversário da Zulu Nation, passa a significar também - com um ano de diferença - o aniversário do hip-hop enquanto movimento cultural, idealizado pelos DJs Kool Herc, Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa. O hip-hop torna-se a filosofia do gueto e contribui para nortear os membros da Zulu Nation, garantindo a manutenção de valores construtivos e positivos. (LEAL, 2007, p. 26)

### 1.3. Formação do RAP nacional: ocupação do espaço público desde o berço

O Hip Hop chega ao Brasil como um estilo musical. Na década de 80, acessar o conteúdo produzido pelos norte americanos ainda era uma dificuldade e o pouco conteúdo produzido no cenário vinha através das equipes que organizam os chamados “Bailes Black”, nas periferias de São Paulo. Com a chegada através da competição por novidades entre os DJs, os Bailes que até então tocavam *Soul* e *Funk* começam a se transformar em pistas de dança de Break e aos poucos ajudam a difundir a cultura Hip Hop. (LEAL, 2007)

Na transição da década de 70 para a década de 80 os Bailes representavam o mesmo que as *block parties* do DJ Kool Herc e também eram pistas para grandes nomes do *break*. Dentre eles, um nome que talvez seja o precursor do alavancamento da cultura Hip Hop no Brasil: Nelson Triunfo. Triunfo foi um dos maiores dançarinos de *break* da década de 80,



Pernambucano, com seus passos de dança, propagou a cultura Hip Hop por todo Brasil, através de caravanas de apresentações e programas de televisão.

Com o esfriamento do soul devido à explosão da discoteca ou *disco music*, um novo estilo de dança chega às ruas de São Paulo, vindo diretamente do Bronx, para dar continuidade a uma história interrompida, e, ao mesmo tempo, uma alternativa para a nova geração das periferias. A nova onda é batizada pela mídia de *break dance*. O programa de auditório do apresentador Sílvio Santos, exibido na extinta TVS, promove concursos para divulgar a novidade. Mesmo sem conhecer completamente os movimentos dos *b-boys*, Nelson Triunfo aceita o desafio e comparece na emissora. A partir daí o Funk & Cia. passa a levar o *breaking* às ruas e monta sua base em frente ao Teatro Municipal. Por causa da má acomodação, eles se mudam para as esquinas das ruas Dom José de Barros e 24 de Maio, no Centro de São Paulo. (LEAL, 2007, p. 141)

As apresentações de Nelson Triunfo e o Funk Cia. passam a instigar a prática do *breaking* que aos poucos vão conquistando os primeiros adeptos nas ruas de São Paulo. Em meados de 1985, é quando o Hip Hop chegaria ao lugar que passaria a abrigar o *breaking* brasileiro e daria início às principais *crews* de dança que desenvolveriam as primeiras batalhas em torno de um elemento da cultura: a Estação São Bento. É nesse ponto que se origina a *crew* Dragon Break, de surgiria um dos MCs pioneiros do Brasil, Thaíde. A peregrinação em busca de um local fixo para as apresentações de *breaking* tinha um motivo. A repressão em torno da cultura, que diante da lógica burguesa da realidade brasileira representa um ponto de resistência da periferia, era dura e constante. Sobre a repressão, DJ TR traz ao leitor, no livro “Acorda hip-hop!”, o depoimento de Thaíde sobre os primeiros movimentos em torno do Hip Hop:

Quem começou o hip-hop em São Paulo foi o Nelsão Funk & Cia. Eu e alguns amigos dançávamos soul e queríamos algo mais radical. Começamos a dançar break. Na época, era muito mais difícil conseguir informações, e sempre que íamos dançar nas ruas chegava a polícia e não permitia. Naquele tempo, não se podia andar de boné na rua, quem usava era bandido. Não podia entrar de agasalho e tênis em salão. (LEAL, 2007, p. 151)

O Hip Hop que chegou em inglês no Brasil se adaptou inicialmente ao DJ e aos *b-boys*. O impedimento do idioma pode ser um fator para se compreender como o Hip Hop se adaptou por aqui. Porém, na medida em que se alastrou, o Hip Hop no Brasil demonstrou um exemplo de como este fenômeno se adapta às realidades locais de onde permeia. Esta é uma característica do Hip Hop e principalmente do RAP. (LEAL, 2007)

Qualquer adepto da cultura consegue identificar com nitidez, sobretudo atualmente, a diferença do RAP produzido nos EUA e o produzido no Brasil. Isso se deve ao caráter emancipador e igualitário do Hip Hop. Onde quer que seja, o Hip Hop retrata as desigualdades sistêmicas do mundo, porém estas realidades se manifestam de maneiras diferentes em cada território, o que reflete em uma produção cultural do Hip Hop peculiar a cada lugar.

Entre as décadas de 80 e 90 o Hip Hop brasileiro viria manifestar esta característica. Em meados da década de 80, o RAP passa a ganhar forma com as primeiras coletâneas produzidas por grandes gravadoras. Thaíde e DJ Hum iniciam a sua carreira no RAP, assim como Mano Brown e Ice Blue, dos Racionais MCs, MC Jack, Ndee Naldinho, entre outros. Ainda assim, a São Bento continua com uma forte tendência às expressões artísticas voltadas ao *breaking*. No final da década de 80, a prefeitura de São Paulo estava sob gestão do Partido dos Trabalhadores. O partido (nesta época, extremamente vinculado às suas bases de esquerda) passa a dar atenção às demandas do movimento, e assim o Hip Hop encontra espaço para se difundir na capital paulistana. (LEAL, 2007)

É no início dos anos 90 que o RAP passa a ter também a sua “casa” em São Paulo. A São Bento, que até então abrigaria o Hip Hop no Brasil, passa por problemas estruturais. A realidade de abrigar em torno de 1000 pessoas por semana, gerava conflitos com a população usuária do metrô. Aos poucos, alguns dissidentes da São Bento, migrariam para a Praça Roosevelt em busca de um espaço mais voltado ao RAP. Essa divisão, proporcionaria um espaço exclusivo ao RAP, o que por si só foi um impulsionador da cultura Hip Hop. (LEAL, 2007) Neste ponto, o RAP brasileiro manifestaria suas peculiaridades e assim retrataria cada vez mais a realidade da população pobre. Sobre essa divisão, DJ Johnny lembra:

A São Bento era conhecida como lugar de *b-boy*. E o cara chamado JR Blow tinha na mente ter um lugar só para rappers. O Blow era integrante do grupo Estilo Selvagem [que existe até hoje, com outra formação]. Ele morreu atropelado, vítima de um taxista embriagado, quando voltava de uma casa noturna. A ideia era a gente ter o nosso espaço, como os *b-boys* tinham o deles. A Roosevelt começou com poucos grupos como o Extinto Selvagem, Artigo B, Balanço Negro e o Bad. [...] Na Roosevelt não tinha essa de branco, preto ou amarelo. E aí foi crescendo. Outros foram chegando, os grupos já passavam de 10, e muitos conheciam o Milton Salles, ex-empresário dos Racionais e responsável também pela revelação de grupos da época como Os Gêmeos e B.B. Boys, e ele tinha uma ideia de cooperativa. (LEAL, 2007, p. 155)

Apesar de dar os primeiros passos, São Paulo não fora a única cidade do Brasil a “emanar” Hip Hop. O Rio de Janeiro e Brasília, em pouco tempo, se tornariam (assim como São Paulo) expoentes da produção de RAP no Brasil. A década de 90 marcaria o início do RAP candango com a gravadora Discovery, juntamente com aquele que futuramente seria um dos principais nomes na capital federal: GOG. Além dele, outros grupos como Câmbio Negro marcariam o RAP com um retrato fidedigno da realidade nas favelas em suas letras.

Em Brasília, GOG explode com o sucesso do álbum *Dia-a-dia da periferia* (do selo musical Só Balanço) com destaque para a faixa-título. O curioso sobre este sucesso é perceber a preocupação de GOG em retratar na letra imagens reais das periferias brasileiras. Por exemplo, em vez de carrões comumente cantados nos rap gringos, o popular Fusca é que passa por seus versos. (LEAL, 2007, p. 186)

O RAP ainda se manifestaria de uma forma única no Distrito Federal. A capital federal, território que abriga o poder político do país, reflete em uma produção musical essencialmente diversa. A influência do discurso político e contestador nas letras de GOG eram um contraponto a forte influência do “RAP Ostentação”<sup>7</sup> produzido por grupos como Cirurgia Moral. Esta característica se reflete até os dias de hoje na produção musical do DF. (LEAL, 2007) O som adotou características únicas, como por exemplo, o uso incessante de sintetizadores nas produções de grupos como Tribo da Periferia e Hungria. Bem diferente do RAP produzido na Ceilândia, onde a produção chama a atenção por estar mais próxima a um dos primeiros estilos de RAP, o *boom-bap*, um estilo clássico de forte influência do Soul.

Em Brasília, o grupo Cirurgia Moral lança seu álbum *A minha parte eu faço* (Discovery), em que uma das faixas é dirigida ao rapper GOG de modo desrespeitoso. Fica claro que há uma divisão de estilos na capital, e, conseqüentemente, de pontos-de-vista: de um lado, o discurso politizado de artistas como GOG e Câmbio Negro. De outro, o estilo que se assemelhava ao gangsta rap na Costa Oeste americana, com Cirurgia Moral e Alibi. (LEAL, 2007, p. 191)

De meados da década de 90 em diante, o Hip Hop brasileiro, assim como os meios de comunicação em geral sofreriam constantes modificações, reflexos do globalitarismo<sup>8</sup> instaurado. O Hip Hop estrangeiro, logo chegaria ao Brasil instantaneamente com o aprimoramento das tecnologias em comunicação, fator de influência do mercado sobre o Hip

<sup>7</sup> A melhor forma que o autor encontrou de traduzir o termo original “RAP *Gangsta*”, estilo de RAP...

<sup>8</sup> O termo faz alusão ao processo de globalização em que vivemos, o qual destrói a diversidade e instiga a desigualdade, e consta no livro de Milton Santos, "Por uma outra globalização", que ganhei de meu pai ao entrar na Geografia e o qual mantém viva em mim a esperança de um mundo melhor.

Hop. Assim como em outros lugares, o Hip Hop brasileiro também tem o seu cenário *mainstream* e *underground*.

#### 1.4. Batalhas: do RAP ao Grafite, ocupar e resistir

Confrontar é um verbo constante na história do Hip Hop. O percurso original deste movimento cultural perpassa conflitos entre gangues na disputa por territórios nas periferias de Nova Iorque, talvez uma razão para que a disputa entre os diferentes nichos seja uma realidade constante no RAP. Porém, o objeto de estudo deste trabalho retrata um outro tipo de disputa, esta muito mais saudável. As Batalhas de MCs surgem ainda na década de 70, em Nova Iorque. Com as *block parties* em alta e a Zulu Nation em atividade, os primeiros MCs começam a surgir e as primeiras disputas também.

Durante a década de 70, torna-se comum entrar nas festas da Zulu Nation e deparar-se com as animações feitas pelos MCs. Cansado da mesmice instalada nas festas, um MC conhecido como Busy Bee, num gesto radical, instaura uma nova maneira de usar as rimas. Surgem então as “batalhas”, desafios em forma de rima lançados por um MC a outro, de onde sai vencedor aquele que fosse mais longe em confrontar o adversário dentro do espaço de tempo estipulado. Tal idéia torna o público mais fiel às festas. Em entrevista ao documentário *Além do Bronx*, Kool Moe Dee, um de seus principais oponentes na época, esclarece: ‘Eu e Busy Bee fizemos a fita de rua mais conhecida. Era uma competição de rap.’ [...] Kool Moe Dee então completa: ‘Era uma nova onda, um novo jeito de falar sobre alguém.’ (LEAL, 2007, p. 38)

Essa forma de rima tem como base, um estilo de rimas improvisadas, chamado *Freestyle*. O estilo livre, característica peculiar das rodas de improviso entre amigos, é o caráter determinante de uma batalha de RAP. O conteúdo das rimas, a técnica e muitas vezes o carisma do MC são o objeto de análise do público e quanto maior a sagacidade em desenvolver rimas impactantes, maior será a ovação. As primeiras Batalhas de RAP no Brasil, desenvolvem o *Freestyle* nacional, ainda ao fim da década de 90, mas é nos anos 2000 que se tornariam atrações com milhões de telespectadores através do *Youtube*<sup>9</sup>, como é o caso do canal Meleca Videos, que hoje acumula mais de 110 milhões de visualizações em vídeos da Batalha com maior prestígio do DF, a Batalha do Museu, às margens do Museu da República. (CABRAL, 2017)

<sup>9</sup> Rede Social de compartilhamento de vídeos na internet.

Por se tratarem de encontros em espaços públicos (na grande maioria dos casos), as Batalhas de MCs estabelecem um vínculo forte com um lugar do imaginário Hip Hop, a Rua. A Rua é quem abriga uma grande parte das rimas entoadas pelo RAP, sobretudo nas Batalhas, onde a palavra constantemente é citada nas disputas. A Rua representa o berço de todo adepto do Hip Hop e abriga as diversas realidades ao qual este movimento retrata. Um meio possível de se expressar a arte através do *underground* em oposição aos padrões do mercado *mainstream*. (HESS, 2007)

E o Hip Hop *underground*, no Brasil, teve muito espaço. Diferentemente do exemplo *gangsta* norte americano, o qual se relaciona diretamente às demandas do mercado nos dias de hoje da produção fonográfica, o RAP Nacional se desenvolve em solo brasileiro, sob a realidade vivida neste país. Portanto, no Brasil, o RAP se desenvolve sobretudo no cenário *underground*, onde as Batalhas são espaços de estimulação do Hip Hop idealizado por Bambaataa. Thifani Postalli, na revista cultural da APROPUC-SP (Associação dos Professores da PUC-SP), a Cultura Crítica, cita a opinião de Bambaataa sobre o RAP Nacional:

Em passagem pelo Brasil, no ano de 1999, para participar do Festival DuLôco: Cultura Hip-hop em festa, ocorrido nas unidades Belenzinho e Itaquera dos Sesc, ambas localizadas na cidade de São Paulo, Afrika Bambaataa revelou gostar muito mais do hip-hop do Brasil e de países como França, Alemanha, África do Sul, entre outros, do que do hip-hop dos Estados Unidos. O idealizador do movimento justificou que o hip-hop dos Estados Unidos. O idealizador do movimento justificou que o hip-hop desses países possui expressões verdadeiras, diferentemente do movimento norte-americano, que se distanciou das origens reivindicativas e libertarias. (POSTALLI, 2011, p. 14)

O cenário *underground* é o grande responsável por manter vivos os vínculos do Hip Hop Nacional com o teor crítico da idealização do movimento. E as Batalhas, que em grande maioria sofrem dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos, dão vazão aos discursos politizados que permeiam a cultura Hip Hop. Porém, o impacto do desenvolvimento da internet, não afetara exclusivamente o meio *mainstream* do Hip Hop. O *underground* também se beneficiaria deste recurso, sobretudo as Batalhas. (HESS, 2007)

Através das mídias sociais, sobretudo com a guinada dos índices de acesso à internet, as Batalhas vem conquistando espaço no meio virtual, que hoje já gera milhões de telespectadores pelo país, não restringindo-se mais às fronteiras. Além disso, as Batalhas no meio *underground* revelam artistas de forte expressão nacional no RAP, como Emicida,

Rashid, Criolo, Marechal, Froid, Clara Lima e a D.V. Tribo, entre outros. A relação é tamanha que não é difícil encontrar adeptos do Hip Hop que encarem as Batalhas como a “várzea” do RAP Nacional, como um espaço de preparo dos grandes talentos do Brasil. (CABRAL, 2017)

Mas, mais do que um espaço de preparo para grandes apresentações, as Batalhas são espaços de preparo para o debate político do MC. A relação entre o *underground* e o *mainstream* desenvolve nas Batalhas, dois estilos diferentes: o “Sangue” e o “Conhecimento”. Nada mais do que a diferença do conteúdo das rimas de cada MC. O primeiro, trata de rimas que tentem submeter o adversário a dois discursos diferentes, o da humilhação e da opressão ou do humor e da irreverência, ambos em busca de um discurso de entretenimento aos espectadores. No caso das rimas de “Conhecimento”, a busca é por um conteúdo nas rimas que traga o teor político e social do RAP em questão. Nesse caso, as rimas têm um tom reflexivo e inspiram a contestação das desigualdades, geralmente reivindicando a resistência dos ideais originais do Hip Hop. (LEAL, 2007)

Além disso, as Batalhas se desenvolveram a tal ponto que hoje são atrações tão grandes, quanto às rodas de *break dance* nos anos 80 em São Paulo. Parcerias com grandes eventos, escolas, congressos estudantis e políticos, aparições nas rádios, na televisão e inclusive, o Nacional, a Batalha que culmina de uma seletiva em mais de 15 estados do Brasil. Rio de Janeiro, São Paulo e o Distrito Federal, seguem como expoentes nesse âmbito. Só no DF, semanalmente, ocorrem mais de 20 Batalhas em todo o território. (CABRAL, 2007)

### 1.5. O RAP do DF invade a cena! As batalhas e o movimento Hip Hop candango

Com os avanços na democratização do acesso à internet vivida no Brasil a partir do início dos anos 2000 (BALBONI, 2007), as Batalhas e o cenário *underground* ganham espaço no Brasil, mas sobretudo no Distrito Federal. Até meados dos anos 2000, o DF ainda não contava com um circuito tão complexo, como vive hoje. Porém, o CONIC abrigaria a Batalha, que daria início ao surgimento deste roteiro de Batalhas. O Calango Pensante, fora a Batalha que reunia jovens mensalmente para realizar o que seria a primeira Batalha do DF a ser vinculada ao *Youtube*. (CABRAL, 2017)

Nessa época o Hip Hop do DF já contava com grandes referências e era uma cultura acessível a maior parte da população. O Grafite e o Pixo já eram realidade para Brasília, tanto

que estava institucionalizado em projetos com ONGs e até o Estado, com o projeto “Picasso não pichava”, que na prática incentivava a prática do Grafite em detrimento da Pixação em prol da revitalização de espaços públicos. O Calango Pensante, porém, fora uma iniciativa de jovens de diferentes partes do DF, que se reuniam no centro da capital federal para batalhar, em um dos centros comerciais mais tradicionais de Brasília, rodeado por lojas diversas que somente o CONIC consegue reunir. (RODRIGUES, 2016)

Lojas de artigos de esportes como skate e escalada, instrumentos musicais, lojas de roupa com as vestimentas de referência do Hip Hop, igrejas evangélicas, *sex shops*, e já chegou a abrigar inclusive, cinemas pornográficos. Todas na mesma localização eram companhia aos jovens que se reuniam em torno do Calango Pensante. Porém, em poucos anos, o Calango Pensante se restringiria a realizações em algumas festas, mas daria início ao que estava por vir. Em reportagem na Revista do Correio Braziliense, Ailim Cabral faz um breve resgate histórico desta época, tempos de poucas Batalhas a cada mês, fato que motivaria os jovens em um curto espaço de tempo a se organizarem:

A história da Batalha do Museu começou em 2010. Na época, só existiam três batalhas no DF: na Praça do Bicalho, no Conic e no Recanto das Emas. A periodicidade também era diferente e elas só aconteciam uma vez por mês. 'Quando o MC perdia, ficava indignado, pois tinha que esperar um mês para ter a chance de se redimir ou de ter uma revanche', lembra Thiago Afonso Rocha, 25 anos. Mais conhecido como MC TR, o servidor público é um dos organizadores da Batalha do Museu. (CABRAL, 2017)

Cansados de esperar pelo movimento de alguns nomes de referência no cenário *underground* (caso dos organizadores do Calango Pensante), alguns jovens, por iniciativa sobretudo de um deles, o Meleca, se reúnem às margens do Museu da República, poucos metros da antiga localização, para iniciar esta que seria a Batalha de maior prestígio do DF: a Batalha do Museu. Meleca, um dos jovens adeptos do Hip Hop que era conhecido nas festas, era também um aficcionado por filmagens, fato que viria muito bem a calhar com a escalada mundial nos acessos ao *Youtube*. (RODRIGUES, 2018)

Inicia-se esta, que seria a precursora das muitas outras Batalhas que estariam por vir. Na época, o transporte público (que até hoje é um grande problema no DF) dificultava a mobilidade da população e estar presente, em uma tarde de domingo, no centro da capital, era um ato de resistência destes jovens. Porém, como dito anteriormente, o Museu não se restringiria às fronteiras. Em pouco tempo, os jovens iniciantes no cenário Hip Hop,

começavam a se conhecer e se comunicar, mas não somente isso. O Museu seria ponto de encontro que organizaria o movimento de Batalhas. (CABRAL, 2007)

Aos poucos, os jovens que no início eram 20/30 pessoas, passaram a ser 150/250 pessoas. As rimas, que traduziam as vivências das diferentes realidades vividas no DF, pautavam as dificuldades da Batalha também. Transporte, falta de estrutura, pouco prestígio, a repressão policial, entre outras pautas, eram debatidas através das disputas, porém, sem se desvincular do Sangue, referência nos vídeos de Batalhas em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde estas já estavam mais desenvolvidas. Ainda assim, o Museu já era acessível ao mundo todo, quando Meleca instituiu no *Youtube* o canal “Meleca Vídeos”, captando e reproduzindo as Batalhas que ali aconteciam semanalmente.

Um grupo de MCs de Taguatinga resolveu criar a Batalha do Relógio. O objetivo era descentralizar e transformar a Praça do DI em mais um ponto de encontro dos rimadores do DF. Para escolher o local, os idealizadores consideraram a facilidade de acesso — ao lado da estação de metrô —, e a possibilidade de transformar a imagem da praça, associando o lugar a um espaço de atividade cultural. 'A praça tem vida, muita cultura e potencial. Queremos tirar esse preconceito que a ronda', afirma o MC Thiago Cardoso Martins, 24 anos. Um dos idealizadores dessa batalha, e mais conhecido como Cardoso, o MC ressalta que criar cultura em um lugar tão carente de opções de diversão gratuitas é uma grande oportunidade. 'Aqui, todo mundo tem voz e pode propagar a cultura.' (CABRAL, 2017)

Em meio a experiência da Batalha do Museu, os jovens que até então tinham de percorrer grandes distâncias com transporte público reduzido, aos Domingos, começam a se organizar em outras Regiões Administrativas do DF. Surgem Batalhas como a Batalha do Relógio em Taguatinga, Batalha da Santinha em Santa Maria, Batalha do Neurônio, também em Taguatinga porém em outra localização e periodicidade, entre outras, que aos poucos vão dando forma ao cenário de Batalhas do DF. Sobre a movimentação dos MCs em torno da Batalha, MC Nauí, no programa "Bonde do Tey Tey" cita:

Eu acho isso aí o fenômeno da Batalha, 'cê' bota fé? Por exemplo, igual vir aqui pro Plano Piloto fazer a Batalha do Museu. Cara, é um fenômeno mesmo, o tanto de pessoas que vão. Porque quem mora aqui sabe que o transporte público é ridículo. Aqui é o quadradinho que dava pra tudo funcionar, é considerado um dos piores transportes do país e a Batalha acontece ainda, né?!. Você conhece pessoas vindo de Luziânia, que vem de Planaltina pra cá, mano, é impressionante isso. Esse é um lado muito bonito. (BDE, 2017)

Até então (já em torno de 2012), as Batalhas ainda eram realidades vividas localmente, apesar do grande investimento em torno do canal Meleca Vídeos. Em pouco tempo, alguns



nomes se tornariam tradicionais campeões das Batalhas, que acompanhavam a escalada do RAP em geral no mundo e já passariam a ser acessadas por outras gerações através do *Youtube*. Nomes como Nauí, Biro-Biro, Van Lee, Zen, Maneco, Maoc, Cardoso, Marinho, Fernandes, entre outros, levariam as Batalhas a um outro patamar, e assim o canal Meleca Videos passava a fazer parte da programação semanal da maioria dos jovens que aspiravam ser MC. (RODRIGUES, 2016)

Meleca passaria a ser o produtor da maioria das Batalhas no DF e através do seu canal, estas ganhavam notoriedade em meio ao cenário do Rio e de São Paulo. Em meio a esta realidade virtual, a Batalha do Museu sobretudo, passa a levar grandes nomes de MC para o cenário nacional. Através dos vídeos das Batalhas realizadas aqui, pessoas de outros estados passaram a aderir a programação do canal Meleca Videos e os vídeos de Batalha no DF, gerando o tamanho que são hoje.

Aos poucos, não seriam somente a quantidade de canais do *Youtube* sobre Batalhas que cresceria, a própria quantidade de Batalhas, alavancaria em pouquíssimo tempo. Desde o surgimento da Batalha do Museu (por volta de 2011/2012) até o presente momento, surgiram cerca de 30 Batalhas em todo o DF e já em 2016, a capital federal contava com pelo menos uma Batalha acontecendo todos os dias. É nesse bojo que nascem duas Batalhas de muita importância: A Batalha das Gurias, uma Batalha restrita à mulheres, em todo último domingo do mês, inicialmente também no Museu da República mas duas horas antes da Batalha do Museu. E a Batalha da Escada, uma Batalha em toda Quarta-Feira às 18h, na Universidade de Brasília, a qual é objeto de estudo deste trabalho. (SILVA, 2017)

A Batalha da Escada, origina-se pela iniciativa de dois estudantes da Faculdade de Comunicação, André e Pedro, MC Good e MC Além, respectivamente, que convocam alguns amigos para uma roda de *Freestyle* abaixo de uma mangueira às margens do Teatro de Arena da UnB. A iniciativa é encarada com entusiasmo e leva o grupo de estudantes a repetir a roda nas semanas seguintes. Logo, a falta de iluminação, pauta constante nas campanhas políticas de reitores por exemplo, levou o grupo de jovens a migrar a roda rumo às escadas que se localizam entre o tradicional “Ceubinho” e a Biblioteca Central. Estava batizada a futura Batalha. (SILVA, 2017)

Ao chegar às escadas e contabilizar a quantidade de MCs, a Batalha estava formada. Nada mais do que o ideal, uma Batalha de RAP em uma Universidade Federal com um

aspecto único que tem a UnB: a crítica. Ao passarem as semanas, a Batalha da Escada que já estava batizada, ganhava corpo ao chamar a atenção de estudantes transeuntes ao redor. O horário (intervalo entre os estudantes de cursos diurnos e noturnos) e a localização (rito de passagem de muitas pessoas na UnB) foram as razões perfeitas para aos poucos, a BDE ganhar adeptos. O grupo que até então era de 20 pessoas, passara pela mesma transformação vivida pelo Museu, o que demandou a instituição de uma equipe de organização.

Os encontros continuaram acontecendo toda semana e, um mês depois, os amigos se surpreenderam com a presença de quase 50 pessoas. No terceiro mês, o público chegou a 100 estudantes. Para que o evento não perdesse a essência, foi criada uma comissão de organização. Parte do movimento desde o início, Rafael [MC Stroga] afirma que a batalha é um aspecto fundamental da sua vivência como estudante e indivíduo. 'A gente ajuda a UnB a cumprir seu propósito. É um movimento estudantil, e nós trazemos uma cultura marginalizada para dentro da universidade, incentivando a criatividade e criando um espaço de diálogo. Era isso que Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira queriam', acredita. (CABRAL, 2017)

Um grupo em torno de 7 pessoas, resolvera se reunir para tentar estruturar a BDE, com sucesso, que ia ganhando forma e com o trabalho colaborativo dos estudantes a estrutura de som começava a ganhar forma e recebia os nomes já conhecidos no cenário Hip Hop e de Batalhas do DF. Porém, a proximidade com o Instituto Central de Ciências era conflituosa com a produção da universidade, somada ao distanciamento do coletivo a gestão da reitoria da época, obrigaram a levar o grupo que com seis meses de idade já era de 250 pessoas a migrar para sua localização definitiva, o Teatro de Arena. (SILVA, 2017)

A Batalha na UnB que começara em torno de Abril de 2016, em Novembro do mesmo ano já era encarada pela gestão como um projeto de Extensão da Universidade de Brasília, visto que o conteúdo das Batalhas eram pautas oriundas não só das vivências sobre a qual o Hip Hop trata, mas também, oriundas das discussões em salas de aula. Assim, a gestão, em conjunto com a Faculdade de Comunicação, sobretudo sob responsabilidade do Diretor Professor Fernando Paulino e a Professora Márcia Marques, iniciam os trabalhos burocráticos em busca da institucionalização do projeto da Batalha da Escada como Projeto de Extensão.

A Batalha da Escada chama atenção devido a algumas peculiaridades que geram reflexões em todos a quem atinge. Por se tratar de uma Batalha na Universidade, o público desta Batalha é extremamente diverso. Fato que determina as condições de uma Batalha, visto que os vencedores são escolhas do público manifestadas através da ovação dos mesmos. Portanto, as Batalhas que até então, costumavam reunir apenas as pessoas que eram assíduos

frequentes dos eventos ligados aos Hip Hop, viam nascer uma das Batalhas mais peculiares. (SILVA, 2017)

Essa diversidade no público, soma-se ao fato de contar com a presença de estudantes da UnB, uma população mais crítica quanto aos aspectos políticos e sociais do mundo, fato que fora de encontro como um trem, com o discurso predominantemente opressor e, sobretudo, machista que o cenário Hip Hop tem. Sobre a Batalha da Escada, MC Cardoso, em entrevista ao documentário “[RAP]ORTAGEM BdE” de Rafael Montenegro da Silva, afirma:

Então, Batalha da Escada... Esse bagulho é uma onda, né?! Na minha visão, é uma parada muito positiva. Essa questão, da gente estar dentro da academia, tá ligado?! A Batalha [da Escada] acontece dentro de uma Universidade Federal, na capital do país. E a gente sabe que o conhecimento não está limitado às salas de aula da universidade. Conhecimento é a vivência, é a troca. E eu vejo muitos manos da quebrada, conhecer a UnB, por causa da Batalha da Escada, tá ligado?! E isso é a real mesmo, porque tem uma rapazeada que nem como faz pra estudar aqui, nem sabe o que é um vestibular. (SILVA, 2017)

O Hip Hop que fora atingido pela produção voltada para a lógica mercantil, se manifesta hoje através da ostentação do mundo *mainstream*. Porém, são realidades como a vivenciada pela Batalha da Escada que rompem com essa lógica e resgatam os antigos preceitos de Bambaataa (*Peace, Love, Unity and Having Fun*) ao ocuparem um espaço público com um movimento cultural de resistência da população marginalizada. Além disso, subverte a lógica que expulsa a população pobre das grandes centralidades. Uma característica inata às Batalhas, sobretudo a BDE, uma Batalha de RAP, em uma universidade federal, em uma Região Administrativa de alto poder aquisitivo.

O público universitário, inclusive, é uma peculiaridade muito interessante da Batalha da Escada. A crítica às imposições sistêmicas é uma característica deste público, que tende à militância das causas sociais, herança do contato direto com a produção do conhecimento acadêmico. Na Batalha da Escada, esta situação fica evidente. O engajamento em lutas como a causa negra e o feminismo são cotidiano para os estudantes que intensificam as suas bases através da ação política na universidade. A realidade das Batalhas, que são palco para reprodução de opressões cotidianas devido a própria origem da disputa, encontram no público da BDE um ponto de conflito quanto às suas próprias origens.

Querendo ou não, para uma mina batalhar, aqui é muito mais suave do que em outras batalhas fora da universidade. Porque querendo ou não, aqui é um ambiente acadêmico. Mesmo que haja machismo, porque acontece e isso é fato, no meu ponto de vista é numa proporção menor. Pelo fato de ser um ambiente acadêmico, mas ainda assim existe. (SILVA, 2017)

MC Lorak refere-se ao fato de que, em torno do ambiente em que se realiza, a Batalha da Escada, de alguma forma, traz a tona as demandas dos movimentos sociais. Bandeiras que ao serem confrontadas pelo conservadorismo da sociedade, não se intimidam e ganham força na representatividade destes grupos. As mulheres, que sempre fizeram parte do surgimento histórico do RAP e das Batalhas, conquistam o espaço que lhes é de direito através da inserção das pautas feministas nas Batalhas. (SILVA, 2007)

E do mesmo modo, as diferentes lutas representadas na diversidade dos estudantes, com o percorrer do caminho acadêmico em relação ao ensino e a pesquisa, formam base política para os estudantes, que através do julgamento quanto aos vencedores da Batalha, respaldam as argumentações contra o preconceito e a opressão gerada pelo conservadorismo. sobre os conteúdos expostos nas disputas em torno da Batalha da Escada, Olgamir Amância, Decana de Extensão da Universidade de Brasília, comenta:

Quando eu assisti a Batalha no dia 8 de Março [de 2017], que eu tive a oportunidade de assistir por mais tempo, eu pude ver por exemplo que muito do campo teórico que nós construímos com os estudantes em sala de aula estavam ali pautados no desafio que as faziam. Recorrendo às autoras mais destacadas na área do feminismo e do debate acerca da desigualdade de gênero. Então aquilo ali era uma sala de aula à céu aberto. (SILVA, 2017)

Assim como com a desigualdade de gênero, pautas como desigualdade racial, social, a repressão policial em relação a periferia, a corrupção, as dificuldades cotidianas como locomoção por transporte público, a violência, os conflitos internos e até mesmo a dificuldade de lançar a carreira artística em meio ao mercado, são tem das discussões na Batalha. Esta é uma característica intrínseca ao teor de contestação visto no Hip Hop originado no Bronx e que vê agora com as Batalhas e o cenário *underground* resgatar os valores e preceitos entoados no som de Bambaataa, Herc e Flash. Além desse movimento de fora pra dentro, o qual o Hip Hop traz à UnB, existe também um movimento reverso, de dentro pra fora, representado nos esforços empreendidos em tornar a Batalha da Escada um projeto de extensão universitária da Faculdade de Comunicação.

## **2. O DIREITO À ESPERANÇA: ESPAÇOS DE ESPERANÇA COMO INSTRUMENTOS DE SOBERANIA DO DIREITO À CIDADE**

Revolucionar, sobretudo atualmente, está atrelado a uma mudança nos estilos e padrões de vida que almejamos alcançar. É com essa frase que início o capítulo sobre um conceito chave para este trabalho, eximamente retomado pelo britânico David Harvey, em 2008, em artigo na *New Left Review*: o Direito à Cidade. Viver no mundo atual é uma constante batalha pelo direito de existir e residir.

Neste artigo, Harvey aponta para os processos desiguais quanto ao acesso aos espaços da cidade, os quais seguem a lógica fundamental de exclusão dos processos de urbanização das cidades correspondendo às demandas da elite social. Sendo assim, o processo de expansão dos centros urbanos, é carregado de intenção que amplia e reproduz as barreiras ao acesso aos recursos por parte da população pobre.

Valendo-se disso, as camadas da elite da população, dão vazão aos processos urbanísticos desiguais, encarnando na população marginalizada, a figura do “outro” e adotando estilos de vida e padrões de consumo que dão margem aos processos de desigualdade social apresentados nos centros urbanos. Esta lógica, instiga na população a investida na propriedade privada e nos processos de exclusão da população de baixa renda, que nesse ponto já é encarado como uma ameaça a qualidade de vida.

Desse modo, o capital e seus defensores, se utilizam desta estratégia para manter o controle do poder político nas mãos de uma ínfima porcentagem da população. Contudo, a população que detém a força de trabalho tão necessária a lógica capitalista, apresenta alternativas de resistência frente ao capital e a sua nefasta intenção. É desse modo, com a esperança viva nas experiências que a sociedade é capaz de construir, que iniciamos as investigações em torno do conceito trabalho por Harvey e a sua relação com a cultura Hip Hop.

### **2.1. Conceituação do Direito à Cidade**

Para explicar a origem do conceito, David Harvey volta a Paris do século passado, sob os comandos de Napoleão Bonaparte. A reestruturação econômica de Paris passaria pelo

investimento em grandes planos de infraestrutura o qual Napoleão encarregaria Georges-Eugène Haussman para tratar, em quanto Napoleão lidava com a política através da repressão aos movimentos que ameaçassem sua integridade como imperador. Para tanto, Haussman revela a capacidade do capital em se modelar para as investidas em seus projetos, como lembra Harvey:

Evidentemente, Haussman entendeu que era sua missão ajudar a resolver o problema do excedente de capital ocioso através da urbanização. A reconstrução de Paris absorveu um enorme quantum de trabalho e capital pelos padrões da época, o que, associado com a supressão das aspirações da força de trabalho, consistiu no principal meio de estabilização social. Ele tomou os planos que fourieristas e saint-simonianos tinham debatido na década de 1840 para remodelar Paris, mas com uma grande diferença: ele transformou a escala na qual o processo urbano era imaginado. Quando o arquiteto Jacques Ignace Hittorff mostrou seus planos para um novo boulevard, Haussmann repeliu-o, dizendo-lhe: “não é suficientemente amplo... você concebeu 40 metros e eu quero 120.”. Ele anexou o subúrbio e redesenhou toda a vizinhança, tal como Les Halles. Para Isto, Haussmann precisou de novas instituições financeiras e novos instrumentos de débito, o *Crédit Mobilier* e o *Crédit Immobilier*, que foram construídos sobre bases saint-simonianas. Com efeito, ele ajudou a resolver o problema da disponibilidade de capital excedente ao estabelecer um sistema proto-keynesiano de financiamento da infraestrutura urbana. (HARVEY, 2008, p. 76)

Os projetos de Haussman teriam fim com a crise financeira no início da década de 1870, período da derrocada de Bonaparte contra a Alemanha. Porém, este processo daria início a um dos movimentos sociais mais conhecidos, sobretudo a respeito dos processos de urbanização: A Comuna de Paris, o qual fora “forjado, em parte, sem nostalgia pelo mundo que Haussman destruiu, assim como pelo desejo de devolver a cidade àqueles desalojados por sua obra” (HARVEY 2008, p. 76).

Rumo a um passado mais recente da história, Harvey remota a Nova Iorque da década de 40, contexto chave para a compreensão do surgimento do Hip Hop 30 anos depois. Chama a atenção para a eterna luta do capital para a absorção do que chama de “capital excedente”, em outras palavras, a força da mão de obra estagnada. A partir de uma produção no periódico *Architectural Forum*, um nome ganharia destaque como defensor das políticas implementadas por Haussman em Paris.

Em 1942, uma longa avaliação do esforço de Haussmann apareceu no periódico *Architectural Forum*. O periódico documentou em detalhe o que tinha sido feito e arriscou uma análise de seus erros, mas procurou recuperar sua reputação como um dos maiores urbanistas de todos os tempos. O artigo foi escrito por ninguém mais que Robert Moses, que após a Segunda Guerra fez em Nova York o que Haussmann tinha feito em Paris (Moses, 1942). Ou seja, Moses mudou a escala da concepção de processo urbano. Por meio de um

sistema de autoestrada e transformações infraestruturais, suburbanização e completa reengenharia, não simplesmente da cidade, mas de toda a região metropolitana, ele ajudou a resolver o problema da absorção de capital excedente. (HARVEY, 2008, p. 77)

Moses, assim como Haussman, vê suas realizações se encerrarem, dando início a movimentos sociais de expressão, porém desta vez mais descentralizados. Os períodos que se sucedem dão espaço a movimentos sociais diversos, que buscam a reivindicação do acesso aos recursos e estruturas da cidade. O pós-guerra, marcaria o momento em que Moses, deixaria de ser a referencia em planejamento urbano, mas não apenas, marcaria também a investida da população por novos estilos de vidas.

Os subúrbios originados pelas políticas de Moses em Nova Iorque, teriam o mesmo efeito de agente inspirador tal qual as políticas de Haussman e o reflexo na Comuna de Paris. Nova Iorque teria na sua população a luta pela reivindicação dos direitos civis até então excomungados da sociedade pelo estilo de vida nos subúrbios. É inclusive neste momento, que começam-se os debates acerca do Direito à Cidade, com a obra *The Urban Revolution* de Henri Lefebvre.

Em Paris, a campanha para interromper a Left Bank Expressway e a destruição da tradicional vizinhança pela invasão de “torres gigantes”, tal como a Place d’Italie e a Tour Montparnasse, estimulou as grandes manifestações da revolta de 1968. Foi neste contexto que Henri Lefebvre escreveu *The Urban Revolution*, que previa não apenas a urbanização como central para a sobrevivência do capitalismo e, portanto, destinada a tornar-se o foco decisivo das lutas políticas de classes, mas isto está obscurecendo pouco a pouco as distinções entre o urbano e o país através da produção de espaços integrados por todo o território nacional, se não além (Lefebvre, 1996). O direito à cidade tinha de significar o direito a comandar todo o processo urbano, que estava dominando progressivamente a zona rural através do fenômeno de expansão desde o agrobusiness à segunda casa e o turismo rural. (HARVEY, 2008, p. 78)

Doravante a existência destes projetos, estão as estratégias do capitalismo em absorver o capital excedente e manter os padrões de vida nos termos mais justos aos poucos que os controlam. Para isso, tanto Haussman, quanto Moses, necessitaram contar com o poder de controle do capital em fornecer as bases de crédito para tais projetos. Sendo assim, o capital que até então, produzira esta situação de mão-de-obra excedente (além de desqualificá-la através da implementação de novas tecnologias), reproduzira assim a exclusão da parte da população que é marginalizada em detrimento da qualidade de vida aos mais afortunados nos

centros das grandes metrópoles. Porém, se o capital produz estes processos de urbanização, os mesmos estão fadados a volatilidade das crises do sistema.

## 2.2. Os processos de urbanização modernos e a sociedade segregada

Harvey aborda o processo de urbanização atual, ao qual a propriedade particular é defendida pelo discurso político da classe dominante, restringindo cada vez mais a vida em coletivo, que demanda por ocupação e efetiva utilização dos espaços públicos. O autor chama a atenção aos grandes processos de urbanização ao redor do mundo, motivados quase que exclusivamente por parte das elites sociais com seus interesses, e que nos dias de hoje obedece a lógica neoliberal de manter o poder aquisitivo e o acesso a recursos entre a elite dominante.

Analisando os processos atuais de urbanização, Harvey relembra o quanto o sistema capitalista é volátil e “tem estado numa montanha russa de crises e abalos regionais” (2008, p. 78). Ainda que o mercado imobiliário tenha sido grande responsável por subsidiar a manutenção do capitalismo (sobretudo com a expansão urbana das grandes metrópoles norte-americanas) nos últimos anos, Harvey chama a atenção ao mercado chinês e a especialização em grandes obras do país.

A urbanização da China nos últimos vinte anos teve um caráter diferente, com sua ênfase no desenvolvimento infraestrutural, mas mesmo ela é mais importante do que a dos EUA. Seu compasso sofreu enormemente após a breve recessão de 1997, na medida em que a China consome quase metade do cimento mundial desde 2000. Mais de cem cidades passaram da marca de 1 milhão de habitantes neste período e, anteriormente, pequenas vilas, como Shenzhen, haviam se tornado grandes metrópoles de 6 a 10 milhões de moradores. Vastos projetos infraestruturais, incluindo barragens e autoestradas – também financiadas – estão transformando a paisagem. As consequências para a economia global e a absorção de capital excedente têm sido significativas: o Chile cresceu graças ao elevado preço do cobre; a prosperidade da Austrália, até mesmo da Argentina e do Brasil, tem sido recuperada em parte pela forte demanda chinesa por matéria prima. (HARVEY, 2008, p. 79)

Além do próprio crescimento, a China abastecerá com capital, um mercado até então deficiente por depender exclusivamente do capital norte-americano. Países como o Brasil se beneficiariam do consumo de matéria-prima por parte da China, que assim, amenizariam os efeitos da crise imobiliária dos EUA. Nesse sentido, lugares como Nova Deli, Bangkok,



Johannesburgo, Londres, Hong Kong, Dubai, Abu Dhabi, entre outros, tornaram-se referências em grandes projetos de urbanização, abastecidos financeiramente pela flexibilização do mercado e do comércio de matéria-prima. Tão logo, passariam pelos mesmo processos desenvolvidos nos projetos de Haussman e Moses apontado por Harvey como uma característica intrínseca às lógicas burguesas nos processos de urbanização das cidades, admitindo-a hoje em escala global.

Esta escala global torna difícil compreender que o que está acontecendo é, em princípio, similar às transformações que Haussmann comandou em Paris; pois o incremento da urbanização global dependeu, como as anteriores, da construção de novas instituições e arranjos financeiros para organizar o crédito requerido e sustentá-lo. As inovações financeiras estabelecidas ao longo dos anos 80 – securitização e titularização de hipotecas locais para venda a investidores internacionais e o estabelecimento de novos mecanismos de seguro de dívidas e obrigações – desempenharam papel decisivo. Seus vários benefícios incluíram dispersar os riscos e permitir à poupança excedente acesso mais fácil à demanda habitacional, também rebaixaram a taxa de juros agregada, gerando imensas fortunas para os intermediários financeiros que operavam essas maravilhas. (HARVEY, 2008, p. 80)

O resultado é o surgimento das periferias como as conhecemos hoje. Em que a população, sobretudo negra, é marginalizada do acesso aos recursos oferecidos pelos centros urbanos. A democratização dos serviços é permitida apenas aos beneficiados pelo privilégio de poder conviver em proximidade. Além disso, os espaços públicos em que circulam a população que controla o poder político e econômico das cidades, são constantemente vigiados por sistemas informacionais de sentinela e prontos para reagir ao menor esboço de ameaças. Dessa forma, a propriedade privada e a exclusão da população desprivilegiada se estabelecem como um estilo de vida cotidianamente imposto a sociedade.

Mas dispersar riscos não os elimina. Mais ainda: o fato de que ele pode ser distribuído tão amplamente encoraja comportamentos locais de risco, porque a responsabilidade pode ser transferida alhures. Sem o adequado controle da avaliação de risco, esta onda de financeirização se tornou a assim chamada crise de hipotecas sub-prime e de ativos habitacionais. O detonador estava concentrado, em primeiro lugar, nas e em torno das cidades dos EUA, com sérias implicações particularmente para baixa renda, os afroamericanos das regiões centrais e os domicílios chefiados por mulheres solteiras. Também foram afetados aqueles que, incapazes de dispor de habitação a preços estratosféricos nos centros urbanos, especialmente no Sudoeste, foram forçados à semiperiferia metropolitana; onde eles começaram especulativamente a construção de residências a taxas inicialmente acessíveis, mas já enfrentam a escalada dos custos, como o preço do óleo, e os elevados pagamentos

das hipotecas na medida em as taxas de mercado se impuseram. (HARVEY, 2008, p. 80)

### 2.3. Moses e Nova Iorque: o gatilho do Hip Hop

Ao passo do desenvolvimento das cidades, o capital vai demonstrando sua forma de controle sobre a população. Aos poucos, as vidas são limitadas a um labirinto em que aqueles que contam com o poder aquisitivo, costumam um mosaico de espaços restritos à maior parte da população. A segurança, por exemplo, é adquirida em meio a um mercado de vigilância patrimonial e pessoal. Incentiva-se assim o resumo da vida urbana a condomínios que literalmente mais parecem cidades.

Fora isso, a política neoliberal ganha contornos no estilo de vida da população. A liberdade individual passa a ser comprada por aqueles que detêm o poder financeiro, em detrimento da força de trabalho explorada da população periférica, sobretudo negra. Com a investida neoliberal dos últimos anos, a propriedade privada se estabelece através das estratégias de mercado perpetuadas pelos novos padrões de consumo da população. Apesar de “dar a deixa”, não é exatamente nesse trabalho que Harvey apontaria para uma esperança em relação a emancipação do Direito à Cidade por parte da população.

Sob estas condições, ideais de identidade urbana, cidadania e pertencimento – já ameaçados pela propagação do mal-estar da ética neoliberal – tornam-se mais difíceis de se sustentar. A redistribuição privada através da atividade criminal ameaça a segurança individual a cada momento, induzindo demandas populares por repressão policial. Mesmo a ideia de que a cidade poderia funcionar como um corpo político coletivo, um lugar no interior do qual e a partir dele movimentos sociais progressistas poderiam surgir, parece implausível. Há, entretanto, movimentos sociais urbanos procurando superar o isolamento e remodelar a cidade segundo uma imagem diferente da que apresentam os empreendedores, que são apoiados pelas finanças, pelo capital corporativo e um aparato local do Estado progressivamente preocupado com o empresariamento. (HARVEY, 2008, p. 82)

Harvey atenta para o caráter contraditório intrínseco aos processos de urbanização das cidades. Ao citar Engels, o autor afirma que o projeto das mais altas elites, através da desapropriação dos espaços ocupados pela classe trabalhadora. Tudo isso, em detrimento da manutenção dos poderes políticos das elites, que encarnam na população pobre a ameaça aos padrões de qualidade de vida. Segundo o autor, este tem sido o resultado da investida dos

projetos de urbanização desde os tempos de Haussman, que vive a contradição de eliminar os espaços de ameaça, mas reproduzi-los em outro local:

Na realidade, a burguesia tem apenas um método para resolver o problema habitacional à sua maneira – isto é, resolve de tal modo que a solução reproduz continuamente a questão. Este é o denominado método “Haussmann”... Não importa o quão diferentes sejam as razões, o resultado é sempre o mesmo: escandalosas alamedas e ruelas desaparecem para exaltação e desperdício da burguesia por causa de seu extraordinário sucesso, mas elas reaparecem imediatamente em outro lugar... A mesma necessidade econômica que as produz num primeiro lugar, as produz em outro lugar. (ENGELS, 1935 *apud* HARVEY, 2008, p. 82)

Coincidentemente, Harvey se utiliza, em um de seus principais exemplos, dos projetos de Moses, influência direta no surgimento do Hip Hop. A realidade vivida por Bambaataa, Herc e Flash, era também, fruto das políticas de Moses que em poucos anos, geraria a revolta nos jovens amantes do *boom bap*. À esse movimento - de desapropriação dos espaços por meio da especulação imobiliária e dos aparatos burocráticos e de repressão - Harvey chama “acumulação por despossessão”, processo o qual ocorreria em escala global.

Robert Moses ‘abriu caminho a machado até o Bronx’, em suas infames palavras, provocando longos e ruidosos protestos de vizinhanças e movimentos. Nos casos de Paris e Nova York, como o poder estatal de expropriação foi contido, uma ofensiva mais insidiosa e degeneradora se realizou através da disciplina fiscal do município, da especulação imobiliária e da definição do uso do solo segundo a taxa de retorno conforme seu ‘melhor e mais alto uso’. (HARVEY, 2008, p. 83)

O fato de ocorrer em uma escala global, é apontado por Harvey como o fator de complexidade quanto aos caminhos para uma revolução urbana. Uma situação em escala global, deve ser encarada como tal, portanto, a necessidade de coletividade pode ser a chave para a situação apontada por Harvey. Ao abordar as iniciativas de rebelião quanto a lógica catédrica dos processos de urbanização, Harvey aponta para a falta de articulação entre estes movimentos como um fator de ineficácia do Direito à Cidade, mais do que isso, estabelece o “controle democrático sobre a produção e utilização do excedente” como a constituição do Direito à cidade.

Como o processo urbano é o principal canal de utilização do excedente, estabelecer uma administração democrática sobre sua organização constitui o direito à cidade. Em toda a história capitalista, parte do excedente foi taxada e, na fase social-democrática, a proporção à disposição do Estado se elevou significativamente. O projeto neoliberal, nos últimos trinta anos, foi orientado para a privatização daquele controle. Os dados para todos os países da OCDE mostram, entretanto, que a parte do Estado no resultado bruto tem sido

constante desde os anos 70. A principal realização da ofensiva neoliberal foi impedir o compartilhamento público das receitas, como nos anos 60. O neoliberalismo criou, também, um novo sistema de governança que integra o Estado e os interesses corporativos e, através do poder monetário, ele assegurou que a disposição do excedente através da aparato estatal favorecesse o capital corporativo e as classes superiores na moldagem dos processo urbano. Elevar a proporção do excedente apropriado pelo Estado terá um impacto positivo apenas se o próprio Estado for submetido a controle democrático. (HARVEY, 2008, p. 86)

#### 2.4. Espaços de Esperança em uma vida menos alienante: revolução a partir da ocupação de espaços públicos com cultura

Em 2014, no livro “Cidades Rebeldes” Harvey volta a tratar sobre o Direito à Cidade como forma de emancipação política da sociedade. É deste livro que surge a inspiração do presente trabalho, em trazer ao lume dos conhecimentos científicos, o estudo de caso da Batalha da Escada. Já sob a realidade de movimentos como o *Occupy Wall Street* (Ocupe Wall Street), em Nova Iorque, Harvey traz um pouco dos movimentos culturais como meios alternativos de reconstrução dos espaços urbanos em meio a lógica liberal de privatização dos ambientes.

Nesta obra, após o Direito à Cidade ser revisto de maneira mais ampla, o autor indica o otimismo em relação a contribuição de alternativas ao estilo de vida, para o processo de urbanização e a resistência a vida alienante proporcionada pelo sistema. Para tanto, Harvey define a “renda de monopólio” forma com a qual o capitalismo se desenvolve como agente transformador do espaço urbano.

Toda renda se baseia no poder monopolista de proprietários privados sobre certos ativos. A renda de monopólio surge porque agentes sociais podem conseguir um maior fluxo de receitas por um maior período de tempo em virtude de seu controle exclusivo sobre determinado item direta ou indiretamente comercializável que, em alguns aspectos cruciais, é único e irreproduzível. [...] A versão disso no caso da localização seria a centralidade (para o capitalista comercial), que diz respeito à rede de transportes e comunicações ou à proximidade (por exemplo, no caso de uma cadeia de hotéis) de alguma atividade altamente concentrada (como um centro financeiro). O capitalista comercial e o hoteleiro estão dispostos a pagar mais pela terra devido à sua acessibilidade. (HARVEY, 2014, p. 172)

Ainda sobre a renda de monopólio, o autor explica os fatores de contradição deste processo. É neste ponto que Harvey passa a abordar um fenômeno ao qual o Hip Hop, mas principalmente o RAP também sofrem influência: a comercialização da cultura tanto em forma material quanto ideológica. Com a crescente do movimento Hip Hop, sobretudo em

relação aos jovens, a indústria fonográfica encontrou no RAP um novo cenário a ser explorado para a comercialização de produtos.

Embora enfrente muita resistência por uma ampla parte do movimento Hip Hop (sobretudo nas quebradas onde o Hip Hop ainda tem um forte vínculo com suas origens políticas), o “RAP mais comercial” é um termo constantemente usado para desvincular esta produção do que se considera ser o RAP original, de reflexão e contestação às injustiças sociais. Assim como as outras “forças políticas dos agitadores culturais” (HARVEY, 2014), o RAP é um campo fértil a apropriação do capital, como vemos acontecer com os Estados Unidos.

Há duas contradições na categoria de renda de monopólio. Ambas são importantes para o argumento seguinte. Em primeiro lugar, embora a exclusividade e a particularidade sejam cruciais para a definição de “qualidades especiais”, a exigência de comercialidade significa que nenhum item pode ser tão único ou tão especial que possa ficar totalmente fora do cálculo monetário. [...] A contradição aqui é que, quanto mais facilmente comercializáveis esses itens se tornarem, menos únicos e especiais eles serão. Em alguns casos, a própria comercialização tende a destruir as qualidades únicas (sobretudo se elas dependerem de qualidades como isolamento, afastamento, a pureza de alguma experiência estética e coisas do tipo). (HARVEY, 2014, p. 174)

É no mesmo sentido, de apropriação do capital destes elementos culturais, que Harvey ainda aponta para uma terceira contradição da “renda de monopólio”. Neste ponto, chama a atenção um processo que talvez seja enfrentado pela maior parte das iniciativas que buscam romper com a lógica elitista de urbanização. O autor cita como exemplo, o turismo nas favelas do Rio de Janeiro, criado após da ampla distribuição internacional do filme “Cidade de Deus” (HARVEY, 2014).

Visto que os capitalistas de todos os matizes (inclusive os mais exuberantes dentre os financistas internacionais) são facilmente seduzidos pelas lucrativas perspectivas dos poderes de monopólio, percebemos de imediato uma terceira contradição: que os globalizadores mais ávidos darão apoio aos desenvolvimentos locais que tenham o potencial de oferecer rendas de monopólio, mesmo que o efeito de tal apoio seja criar um clima político local antagônico à globalização. (HARVEY, 2014, p. 187)

Ainda que ocorra de forma indiscriminada no *mainstream* do RAP, esta comercialização da cultura em hábitos de consumo que instigam o individualismo e a competição também reflete a contradição de alimentar no movimento, grupos que prezam pela valorização dos ideais originais do Hip Hop. Harvey, inclusive cita o RAP como uma das vítimas da apropriação por parte do capitalismo:

O que espero ter mostrado ao evocar o conceito de renda de monopólio na lógica da acumulação de capital é que o capital tem meios de extra excedentes de diferenças locais, de variações culturais locais de significados estéticos, seja qual for sua origem. Turistas europeus podem hoje desfrutar de excursões pelo Harlem, em Nov York (com um coral de música gospel incluído no pacote), assim como o "turismo da pobreza" oferece visitas às favelas da África do Sul, de Dharavi, em Mumbai, e do Rio de Janeiro. A indústria da música nos Estados Unidos é extremamente bem-sucedida na apropriação da enorme criatividade dos músicos de origem popular e local de todas as tendências (quase invariavelmente em benefício da indústria, e não dos músicos). Mesmo a música politicamente explícita que fale de uma longa história de opressão (inclusive algumas formas de *rap*, *reggae* e *dancehalls* de Kingston) também se tornou mercantilizada. A mercantilização e comercialização de tudo constitui, afinal, uma das marcas características de nossa época. (HARVEY, 2014, p. 202)

O tema abordado por Harvey, trata de um aspecto muito amplo da sociedade, o estilo de vida do ser humano. Ao descrever como “o ser humano se transforma através da transformação da cidade”, Harvey pode parecer um tanto pessimista sob o olhar de quem busca meios alternativos de resistência a esta imposição sistêmica ao qual refere-se. Ainda assim, nos sub-capítulos seguintes, declara seus votos de esperança em um mundo melhor a partir da ação política dos agentes culturais. Segundo o autor, as contradições pressupostas pelo capitalismo e a “renda de monopólio” alimentam características fundamentais às iniciativas culturais locais.

Mas a renda de monopólio é uma modalidade contraditória. Sua busca leva o capital global a valorizar iniciativas locais distintas - na verdade, em certos aspectos, quanto mais distintas e, hoje em dia, quanto mais transgressoras forem essas iniciativas, tanto melhor. Também leva a valorização da singularidade, da autenticidade, da particularidade, da originalidade e de todas as demais dimensões da vida social que são incompatíveis com a homogeneidade pressuposta pela produção de mercadorias. (HARVEY, 2014, p. 202)

Aqui é o momento em que se revela um elemento chave (talvez) à Batalha da Escada e as outras Batalhas de forma geral. As Batalhas fomentam todas estas singularidades citadas por Harvey. Fato que deve ser levado em consideração pelos gestores das Batalhas, que constantemente sofrem com o assédio explorador de suas atividades por parte de grandes eventos comerciais de fins lucrativos.

Esta é uma linha muito tênue às Batalhas que em seu caráter colaborativo resguarda o desprendimento de suas intenções aos interesses do capital. Os preceitos originais do Hip Hop as distanciam, na verdade. Este vínculo com o Hip Hop, mantém nos gestores das Batalhas, a preocupação em efetivar aquilo que consideram como a missão da cultura: lutar pela igualdade. Uma característica inata ao RAP, que se manifesta constantemente nas Batalhas.

O problema para o capital é encontrar maneiras de cooptar, classificar, mercantilizar e monetizar essas diferenças e bens culturais o suficiente para se apropriar de rendas de monopólio deles. Dessa forma, o capital frequentemente produz alienação e ressentimento entre os produtores de cultura, que experimentam em primeira mão a apropriação e exploração de sua criatividade e de seus compromissos políticos em benefício econômico de terceiros, do mesmo modo que populações inteiras podem se ressentir por suas histórias e culturas serem exploradas por mercantilização. (HARVEY, 2014, p. 203)

Ainda assim, nesta relação estão os “espaços de esperança” ao qual Harvey se refere. É no âmbito da criatividade destes movimentos que reside o poder transformador das cidades, por parte da população trabalhadora. Através da ação destes coletivos, principalmente aos de ocupação de espaços públicos com cultura popular, que a cidade adota uma gestão mais democrática dos espaços.

Quando se trata de Batalhas, isso é ainda mais evidente. A disputa de ideias através das rimas, instigada por assuntos de interesse comunitário, traduz o sentimento de preocupação para com estes espaços. No âmbito do RAP, os espaços públicos afetados por suas atividades, abrigam reuniões de grupos que somam-se às lutas por maior participação popular na construção de políticas públicas, fomentando a implementação destes “espaços de esperança” e assim, transformando a cidade.

As lutas disseminadas mas geralmente fragmentadas que ocorrem entre a apropriação capitalista e a criatividade cultural passada e presente podem levar um segmento da comunidade envolvido com as questões culturais a tomar o partido de uma política oposta ao capitalismo multinacional e favorável a alguma alternativa mais instigante baseada em modalidades diferentes de relações sociais e ecológicas. (HARVEY, 2014, p. 204)

Este é o potencial o qual Harvey pretende explorar: a contradição desta relação Direito à Cidade/Renda de Monopólio que leva à manutenção dos espaços de esperança em um mundo melhor. Através das contradições condicionadas a implementação da renda de monopólio, mantém-se a subjetividade que produz os espaços que perpetuam os estilos de vida alternativos a alienação do sistema.

Essa é uma contradição central que a esquerda deve enfrentar. Os espaços para uma política transformadora continuam a existir porque o capital não pode se dar o luxo de fechá-los. Eles oferecem oportunidades para a oposição socialista. Podem ser espaço para explorar estilos de vida alternativos, ou mesmo filosofias sociais (assim como Curitiba, Brasil, foi pioneira em ideias sobre sustentabilidade ecológica urbana, conseguindo fama considerável à cidade por suas iniciativas). Como a Comuna de Paris em 1871 ou os numerosos movimentos políticos de urbanos ao redor do mundo em 1968, eles podem constituir um elemento crucial naquele fermento da revolução que há muito tempo Lenin chamou de "Festa do Povo". (HARVEY, 2014, p. 205)

Em exemplificação de cidades que apresentam aspectos que chamam atenção quanto a luta pelo Direito à Cidade, o autor cita Porto Alegre, com a realização do Fórum Social Mundial, em 2001, como uma alternativa que “não é totalmente antagônica à globalização, mas quer que esta se dê em termos muito diferentes” (HARVEY, 2014, p. 205). Mais do que isso, Harvey chama a atenção quanto a importância de incentivarmos a subjetividade humana de forma que o capitalismo não seja mais instigado através da renda de monopólio. Em outras palavras, realizar a tão sonhada revolução, em um movimento “de dentro pra fora” do sistema.

A cultura popular, como é produzida nas relações comuns da vida cotidiana, também é de importância crucial. É onde se encontra um dos espaços fundamentais da esperança de construção de um tipo alternativo de globalização e uma vibrante política antimercantilização: uma política em que as forças progressivas da produção e transformação cultural podem buscar apropriar-se das forças do capital e suprimi-las, e não o contrário. (HARVEY, 2014, p. 206)

Nos bastidores das ações ao redor do mundo em prol dos processos de urbanização das grandes cidades, está a dinâmica competitiva imposta pela globalização. Harvey nos demonstra toda a perversidade sistêmica alocada em um aspecto da vida, contribuindo para noção construída em “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” de Milton Santos. Nesta obra, Santos revela a perversidade do sistema no mundo contemporâneo, além de trazer reflexões quanto às possibilidades alternativas de estilos de vida do ser humano no mundo atual.

Santos, assim como Harvey, acreditava no poder repousado na diversidade cultural entre as pessoas. É a partir da relação entre os diferentes costumes e hábitos que a sociedade assimila a realidade de forma mais ampla e compreende a sua situação no espaço. Dessa forma, o processo de globalização, ao tentar reduzir os seres humanos a um padrão em comum, provoca a reação por parte da população (SANTOS, 2011)



Para a maior parte da humanidade, o processo de globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultura, as relações interpessoais e a própria subjetividade. Ele não se verifica de modo homogêneo, tanto em extensão quanto em profundidade, e o próprio fato de que seja criador de escassez é um dos motivos da impossibilidade da homogeneização. Os indivíduos não são igualmente atingidos por esse fenômeno, cuja difusão encontra obstáculos na diversidade das pessoas e na diversidade dos lugares. Na realidade, a globalização agrava a heterogeneidade, dando-lhe mesmo um caráter ainda mais estrutural. (SANTOS, 2011, p. 142)

Este padrão imposto pelo sistema, tenta moldar um ser humano que tenha o dinheiro como centralidade da vida, fato que agrava as condições desiguais tão incisivas nas grandes cidades ao redor do mundo. É esta centralidade que Santos questiona como premissa de um processo de globalização alternativo ao qual vivemos:

Nas presentes circunstâncias, conforme já vimos, a centralidade é ocupada pelo dinheiro, em suas formas mais agressivas, um dinheiro em estado puro sustentado por uma informação ideológica, com a qual se encontra em simbiose. Daí a brutal distorção do sentido da vida em todas as suas dimensões, incluindo o trabalho e o lazer, e alcançando a valoração íntima de cada pessoa e a própria constituição do espaço geográfico. Com a prevalência do dinheiro em estado puro como motor primeiro e último das ações, o homem acaba por ser considerado um elemento residual. (SANTOS, 2011, p. 147)

Ainda sobre este tema, Santos traz à reflexão do leitor as suas concepções quanto aos agentes responsáveis pela mudança. Ao diferenciar a população engajada em construir uma nova realidade, a partir da contestação do que nos é imposto (chamada pelo autor de “população passiva” em alusão a falta de eficácia por parte deste grupo em relação as atividades econômicas de suas nações), Santos elucida o poder desta que pode ser subjugada:

As atividades dessa nação passiva são frequentemente marcadas pela contradição entre a exigência prática da conformidade, isto é, a necessidade de participar direta ou indiretamente da racionalidade dominante, e a insatisfação e inconformismo dos atores diante dos resultados sempre limitados. Daí o encontro entre o cotidiano de uma situação de inferiorização, tornada permanente, o que reforça em seus participantes a noção de escassez e convoca a uma reinterpretação da própria situação individual diante do lugar, do país e do mundo. (SANTOS, 2011, p. 157)

Ainda que colocada de maneira negativa por Milton Santos, a globalização e o aprimoramento da tecnologia e das técnicas podem representar o espaço ideal para a subversão dos padrões hegemônicos (SANTOS, 211). Isto porque é possível que através do desenvolvimento da comunicação a realidade que conhecemos hoje, reproduz-se o espaço de vivência dos seres humanos, em um processo contraditório, onde ao mesmo tempo em que a

ideologia hegemônica tente se atenuar no cotidiano, as reações aos padrões impostas encontram espaço para permear na vida humana.

É neste momento que Santos dá indicações quanto aos meios alternativos de se alcançar a igualdade entre as sociedades. Convergindo às ideias de Harvey, quanto a orientação das revoluções (de dentro pra fora), Santos apresenta este novo olhar sobre as técnicas e ferramentas ao qual o mundo globalizado produziu. É através da troca de experiências, principalmente sob as novas formas de comunicação, que se percebe e se compreende a existência humana e a realidade desigual que a precede. Sendo assim, “a realização de uma outra história a partir de vetores ‘de baixo’ é tornada possível. E para isso contribuirão, em todos os países, a mistura de povos, raças, culturas, religiões, gostos etc.” (SANTOS, 2011, p. 166).

Na cidade - sobretudo na grande cidade -, os efeitos da vizinhança parecem impor uma possibilidade maior de identificação das situações, graças, também, à melhoria da informação disponível e ao aprofundamento das possibilidades da comunicação. Dessa maneira, torna-se possível a identificação, na vida material como na ordem intelectual, do desamparo a que as populações são relegadas, levando, paralelamente, a um maior reconhecimento da condição de escassez e as novas possibilidades de ampliação da consciência. (SANTOS, 2011, p. 165)

Neste processo de tomada de consciência rumo a uma nova maneira de se comunicar, conduz a uma visão sistemática das forças exercidas pelos diferentes agentes, formando uma análise ampla das situações (SANTOS, 2011). Levando-se em conta a ação dos coletivos culturais, este processo pode ser determinante quanto à ação política dentro do espaço e a uma nova interpretação do meio urbano, que se distancie da lógica hegemônica do capital imposta até aqui, ainda que, como Santos nos propõe, este processo de “tomada de consciência”, não se dê de forma homogênea.

A subjetividade produzida em cada lugar, a partir da contradição do capital ao restringir os espaços sob a orientação de sua lógica exploratória da classe trabalhadora (HARVEY, 2011), retorna no espaço na forma das tentativas em se viver de formas alternativas às exigências do capital, ainda que as ações em prol desta conscientização devam se dar na forma de redes, em que cada agente se fortalece na ação coletiva e perpetua novas práticas e formas de viver (SANTOS, 2011).

O passo seguinte é a obtenção de uma visão sistêmica, isto é, a possibilidade de enxergar as situações e as causas atuantes como conjuntos e de localizá-los como um todo, mostrando sua interdependência. A partir daí, a discussão silenciosa consigo mesmo e o debate mais ou menos público com os demais ganham uma nova clareza e densidade, permitindo enxergar as relações de causa e efeito como uma corrente contínua, em que cada situação se inclui numa rede dinâmica, estruturada, à escala do mundo e à escala dos lugares. (SANTOS, 2011, p. 169)

Esta tomada de senso coletivo, é um caminho árduo para a emancipação e manutenção do Direito à Cidade, no que tange aos processos de urbanização das cidades. Centralizar o capital e o acesso aos bens e serviços tem sido uma estratégia eficaz por parte dos sistemas capitalistas ao redor do mundo, em prol do controle do poder hegemônico das altas camadas sociais. Mas ainda assim, a revolta por parte da classe trabalhadora, pode ser vitoriosa na busca por mundo mais igualitário a partir das propostas de ações alternativas que valorizem o ser humano como centralidade em meio ao espaço, ao invés do dinheiro. E que além disso, busquem inspirar esta noção na ação dos agentes ao redor, realizando assim a “mutação tecnológica e filosófica do ser humano”, citada por Santos, determinando um novo tipo de ação política.

As condições acima enumeradas deverão permitir a implantação de um novo modelo econômico, social e político que, a partir de uma nova distribuição dos bens e serviços, conduza à realização de uma vida coletiva solidária e, passando da escala do lugar à escala do planeta, assegure uma reforma do mundo, por intermédio de outra maneira de realizar a globalização. (SANTOS, 2011, p. 170)

### 3. METODOLOGIA DO TRABALHO

A pesquisa bibliográfica realizada subsidiou o trabalho com informações referentes a conceituação do Direito à Cidade e Espaços de Esperança, sobretudo aos olhares de David Harvey e a relação com as práticas culturais como uma possibilidade de mudança (HARVEY, 2014). Além disso, a partir do resgate histórico de Sérgio Leal sobre o Hip Hop, o trabalho foi subsidiado com informações referentes aos conceitos iniciais que originaram o Hip Hop, tanto internacionalmente quanto nacionalmente. O passo seguinte ao trabalho se deu na elaboração de questionários à serem aplicados com a gestão organizadora da Batalha da Escada e com o público que frequenta.

A investigação realizada através destes questionários almejou subsidiar o trabalho com informações referentes aos objetivos específicos deste trabalho, de forma que se extraísse não só um perfil dos indivíduos que integram o projeto, mas também o entendimento dessas pessoas quanto aos aspectos políticos e sociais da BDE. Para tanto, as questões elaboradas visaram questionar o entrevistado quanto à sua interpretação da conduta da BDE de forma geral, como um movimento cultural de politização e intercâmbio cultural ou não, sempre em consideração ao que os entrevistados entendem quanto Batalha da Escada.

Com início em Abril de 2015, a BDE reúne semanalmente em torno de 400/500 pessoas no Teatro de Arena, localizado entre o Instituto Central de Ciências Norte e a Biblioteca Central, todas as quartas às 18h. Além disso, cerca de 20/30 MCs são inscritos em um sorteio, ávidos por uma vaga na disputa. Porém, na Batalha da Escada, o sorteio das 16 vagas tem dois tipos de cotas: a primeira para mulheres (únicas participantes de todos os sorteios) e a segunda para MCs que nunca tiveram a oportunidade de serem sorteados, com duas vagas reservadas para cada tipo.

Após o sorteio, são chaveados 16 MCs que se enfrentam em um esquema de eliminatórias. Cada Batalha acontece com o enfrentamento de 2 MCs em 2 *rounds* de 45 segundos para cada. A partir disso, o público vota através do contraste de gritos, palmas e a clássica “mão pra cima”<sup>10</sup>. Ao fim de todos os enfrentamentos, o campeão leva o troféu e outros prêmios, além de ter o microfone aberto para o “Free do campeão”<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Muito usada (também pelo contraste) para aferir o resultado quando o barulho não distingue o vencedor da Batalha.

<sup>11</sup> Rima de encerramento após todas as Batalhas.

Os processos de coleta de dados se deram neste trabalho, sobretudo através de duas etapas: a primeira, analisar as entrevistas concedidas no documentário produzido por Rafael Montenegro da Silva, apresentado como produto do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, cujo presente autor teve participação como diretor de imagens e editor. O documentário vai “além de um registro histórico ou factual do projeto, o documentário promove discussões sobre pautas diversas, tendo a Batalha da Escada como ponto de partida.” (SILVA, 2017). Portanto, analisar o conteúdo destas entrevistas a partir da perspectiva de contextualização histórico, parece corresponder às expectativas quanto ao primeiro objetivo deste trabalho: investigar as origens da Batalha da Escada. “[RAP]ORTAGEM Bde” surge da demanda de se registrar nos anais da Universidade de Brasília, a realização da Batalha da Escada como este espaço transformador ao qual o presente trabalho também propõe.

E a segunda, através da aplicação de um questionário aos participantes da BDE, sobretudo aqueles que se envolvem com a organização do projeto. Elaboraram-se dois questionários: o primeiro, aplicado a 9 dos 12 integrantes (devido ao tempo de retorno que durou em média 10 dias) do coletivo gestor da Batalha da Escada que visou sobretudo abordar os respectivos assuntos: 1) qual a visão dos gestores sobre a Batalha da Escada e sobre o movimento Hip Hop; 2) qual o potencial à democratização e conscientização do espaço, em relação a Batalha, considerado pelos gestores; 3) e, se os gestores entendem a Escada como um movimento politizado. Definiu-se a semana de 30 de Abril à 04 de Maio para a coleta de dados com a gestão organizadora da Batalha da Escada (Anexo 1).

Um outro momento consistiu em aplicar um questionário com caráter mais objetivo ao público da Batalha da Escada, de forma que as perguntas fossem mais diretas (dando menos margem à abstrações) mas ainda assim mantivessem o objetivo de extrair a interpretação dos indivíduos quanto ao espaço construído na Universidade, a partir da BDE. Neste trabalho, por questões de logística, os MCs também foram entrevistados neste momento. Este aplicado com 133 pessoas, das quais cerca de 80 de forma virtual e o restante presencialmente durante a Batalha da Escada em duas semanas consecutivas. Como dito anteriormente, entre MCs e espectadores da BDE. Definiram-se as duas quartas de 09 e 16 de Maio para a aplicação dos questionários com o público da BDE (Anexo 2). Além disso, concomitantemente à essas datas, aplicaram-se questionários com o público virtualmente, através da plataforma *Google Form*, onde registraram-se entrevistados entre estudantes e MCs que já participaram mais de

uma vez na Batalha da Escada.

O questionário também visava responder perguntas importantes sobre o entendimento das pessoas que frequentam o espaço, quanto ao encontro que participam, mas sobretudo, entender também como se dá essa relação de entendimento quanto ao espaço, entre gestão e público. De modo a buscar um efeito comparativo que elucide um pouco de como se constrói a identidade deste lugar.

Entender a motivação do grupo no surgimento deste movimento, faz-se necessário para entender como se dá o processo de ressignificação dos espaços através da relação entre os diversos agentes que se envolvem com o projeto. Até o nascimento da BDE, o Teatro de Arena fora palco pra grandes manifestações políticas do corpo estudantil da universidade, além de abrigar algumas atividades culturais da UnB.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1. Um olhar sobre a origem da Batalha da Escada a partir do documentário “[RAP]ORTAGEM Bde”

A Batalha da Escada percorreu um caminho longo até o primeiro encontro com o Teatro de Arena. Em Abril de 2015, dois colegas, empolgados com a ideia de reunir um pequeno grupo de pessoas envolvidas com o *Freestyle*, se reúnem abaixo de uma mangueira nas redondezas do Teatro de Arena. Mal sabiam que acabariam por retornar ao ponto de origem. Sobre os primeiros passos, o MC Good, lembra:

A gente foi pra pracinha da FAU com um violão e mais dois. Ai chegou lá, tinha mais três pessoas e foi isso, com sete pessoas, mais as que já estavam lá, brincando de *freestyle* e tocando uma viola. Na outra semana a gente veio pra pracinha da FAU, só que a gente olhou pra essa árvore aqui [apontando para a mangueira] e tinham umas quatro ou cinco cabeças fazendo um *freestyle*, ai eu falei ‘oxi, que esquisito, será que a galera pensou a mesma coisa?’. Juntou essa galera e falou ‘bora combinar aqui da próxima vez também?’, mas quando a gente chegou, tava sem luz, sacou?! Ai a gente olhou pro lado, viu que tinha luz e falou ‘bora pra lá!’. Nem era batalha ainda, só que ai a gente foi e viu que tinha uns dez MCs, ai já dava pra batalhar. (SILVA, 2017)

Desde o início a BDE se caracteriza por um movimento de reciprocidade dos alunos em relação ao RAP. Apesar de darem início ao movimento, Good e Além não teriam conseguido a realização de tal projeto, se os outros colegas não estivessem simultaneamente alinhados ao sentimento de necessidade de se vivenciar o Hip Hop dentro da universidade. Fato marcante no crescimento exponencial da BDE, tanto em MCs “batalhadores” quando em público ouvinte.

Este fator respalda a espontaneidade do seu surgimento, que aos poucos, foi conquistando verdadeiros adeptos que toda semana se engajavam em realizar os encontros. O som, ainda que acústico através de um violão, era palco para as rimas entoadas sem o auxílio de um microfone, já que o grupo ainda era pequeno e reunia cerca de 20/30 pessoas por semana. A segurança (dos indivíduos que participavam), ainda que inconscientemente era uma preocupação também, por isso o deslocamento da mangueira em frente a FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) rumo ao curto lance de escadas, em frente a um dos pontos de encontro do ICC Norte, o Ceubinho. Essa transição, fora um dos primeiros pontos de

adaptação da BDE para com o ambiente universitário, como evidencia o DJ Coajim, atual DJ da Batalha.

Figura 01 - Uma das primeiras edições da BDE, nas escadas em frente ao Ceubinho



Fonte: Batalha da Escada (2015)

[A batalha de fato] Começou aqui com uns instrumentais e tal, quando dava algum batuque, pouca gente... Eu mesmo comecei a colar depois que já estava acontecendo. [...] E ai cresceu, a gente começou a ter problema com a segurança [do campus], com o barulho para as aulas. Ai descemos ali pro Arena, que é até então, onde acontece. (SILVA, 2017)

Este processo ao qual o DJ se refere, fora algo lento, algo em torno de um ano. Trata-se do crescimento da Batalha da Escada em termos de público, tanto de MCs, quanto de espectadores. Por se localizar em um verdadeiro rito de passagem da maioria dos frequentadores da UnB, a Batalha da Escada cresceu em um ritmo acelerado. Na medida em que a BDE passava a ser frequentada por MCs que batalhavam nas principais batalhas de Brasília, a BDE chamava a atenção de um público extremamente aberto a novas ideias, como é a academia. O sucesso desta união entre o Hip Hop e a academia, se vê não mais somente na produção em termos de pesquisa e ensino, mas também de extensão.



O público que até então havia se consolidado em cerca de 50 pessoas, agora aglomerava o dobro ou o triplo de pessoas e já demonstrava os primeiros indícios de que necessitaria de uma breve organização. Com cerca de um mês e meio de Batalha da Escada, ocorre a primeira reunião entre um grupo interessado em institucionalizar os encontros como uma das Batalhas do DF. O breve surgimento de demandas como a segurança interna dos participantes ou a relação com a universidade, mais diretamente com o ambiente acadêmico, resultaram na aproximação de indivíduos interessados em desenvolver a organização do projeto para lidar com estas pautas.

É uma organização que se construiu a partir de pessoas que também estavam se construindo, sobre como elas se organizam. Então eu acho *massa* que a gente foi evoluindo. Cada um evoluindo por si e isso se manifestando na gestão. Hoje, querendo ou não, a gente já tem uma gestão bem mais complexa do que a gente tinha no começo, apesar de que a gente ainda aponta críticas, então é sempre esse processo de evolução, né?! (SILVA, 2017)

O processo de se estabelecer como um agente da universidade foi um tanto complicado no início, visto a falta de manejo dos próprios integrantes deste coletivo e a falta de conhecimento da até então gestão da universidade, fatos que impediram um diálogo saudável a ambos. Ao longo deste período, a Batalha acumulava ocorrências na segurança do campus, que todas as quartas feiras se direcionava a BDE no intuito de registrar as matrículas dos indivíduos que “organizavam o evento”.

Este posicionamento da Universidade, demonstra a falta de entendimento quanto ao que é uma Batalha, por parte da gestão da UnB. Faltava o entendimento de que mais do que um evento, aquilo era um encontro entre vários indivíduos afim de debater o cotidiano através da cultura Hip Hop, e que portanto, seria impossível encontrar um único agente que “organizava” uma batalha. Era (e ainda é) uma construção coletiva.

Ainda assim, com o incentivo coletivo das pessoas que se aglomeravam na BDE, a gestão conseguiu se organizar em prol de dar continuidade às quartas-feiras. Reuniões semanais, parcerias com outros coletivos e até a gestão financeira das doações recebidas pelos admiradores da Batalha, levaram não só o coletivo gestor mas todo o grupo de pessoas envolvido à reunir esforços coletivamente em construir o espaço que agora se institucionaliza como um espaço construído pelos estudantes.

A própria forma do grupo que gere a Batalha evidencia esta construção. Entre os integrantes deste coletivo existem Comunicadores, Advogado, Geógrafo, Assistente Social, Engenheiros, Turismólogo, entre outros que dão o caráter interdisciplinar ao projeto de extensão. Ainda assim, como o coletivo ainda lida com diversas pautas de conhecimentos diversos, esta interdisciplinaridade vai além, pois todo trabalho desenvolvido até agora, tem caráter colaborativo.

Figura 02 - Caixinha de doações



Fonte: Batalha da Escada. 2015

Ao continuar as suas ações semanais, a BDE dava o tom de resistência a sua presença, o qual agora já não passava mais despercebida por parte da universidade. As pautas e debates entre os MCs eram assiduamente frequentadas por cerca de 250 pessoas e a BDE galgava seu espaço no cenário Hip Hop do DF, ao passo em que começava a dialogar com a gestão da universidade através da Faculdade de Comunicação (pela proximidade do departamento com o projeto), visto que isto nunca fora um impedimento para dialogar com o ambiente acadêmico e ter uma relação saudável com os outros agentes universitários. Tanto é fato, que neste ponto a BDE já era percebida pelo cenário do Hip Hop, mas também na produção cultural da cidade, chegando a ser convidada para ocupar a clássica sala Cássia Eller, na Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) com seus confrontos.

Figura 03 - Arte com agenda de atividades



Fonte: Batalha da Escada. 2015

Sempre em busca de se adaptar ao meio que a abrigou, a Batalha da Escada reconhece as dificuldades em permanecer no local em que está situada e migra ao Teatro de Arena, já em 2016. É o movimento que permite uma ampliação do público participante, graças ao gigantesco espaço físico que é o Teatro de Arena da UnB. É neste ponto que a Batalha cresce e passa a realizar outros projetos que não só os encontros nas quartas feiras, além de reivindicar sua institucionalização perante a Universidade. A iluminação pública volta a ser pauta entre o coletivo, visto que o Teatro de Arena não tinha alguma. Resistentemente, o público que tinha espaço limitado, agora alcançava números de 300 até 400 pessoas que com luz ou sem, estavam presentes em todas as quartas feiras.

O sucesso entre os estudantes e funcionários da universidade reside não só no fato de o próprio Hip Hop estar em alta comercialização midiática, mas também por que, muitas das pautas debatidas entre os MCs através das rimas, eram as mesmas pautas debatidas em sala de aula e nas conversas de corredor do cotidiano da UnB. Desse modo, se estabeleceu a principal ideia do coletivo gestor da BDE para a institucionalização do projeto como mais um agente

acadêmico: Tornar a Batalha em um projeto de extensão. Olgamir, atual Decana de Extensão, lembra da sua primeira visita à Batalha:

Eu tive a oportunidade de ver uma apresentação, mas muito rapidamente. Me chamou a atenção por que é um conjunto de pessoas muito grande, utilizando algo que não é tão simples, por que trabalha com a métrica, trabalha com o ritmo, com a rima. Vocês [Batalha da Escada] desafiam e trabalham com pautas muito interessantes, aquilo já havia chamado a minha atenção. (SILVA, 2017)

Figura 04 - Batalha da Escada no Teatro de Arena



Fonte: Batalha da Escada. 2016

Esse processo para se estabelecer no espaço acadêmico da UnB, vence uma barreira na gestão seguinte da UnB. Com a nova gestão, vem o reconhecimento da universidade da batalha como um agente universitário, e inclusive a inserção de algumas das ações da Batalha no calendário oficial das comemorações dos 55 anos de UnB. Além disso, a luz que até então era problema, deixou de ser e o coletivo teve tempo para dialogar com a universidade sobre as pautas que realmente importam como as que são debatidas em Batalhas e a própria institucionalização da Batalha da Escada como um projeto de extensão da universidade. Fernando Paulino, Diretor da Faculdade de Comunicação opina:

No começo de 2017 pra cá, acho que tem havido um pouco mais de estrutura pra realização da Batalha e acho que tem havido o esforço significativo, dos

docentes, dos estudantes envolvidos com o projeto, de fazer a regularização da atividade e até houve o reconhecimento institucional que possibilitou o convite da universidade pra incorporar na programação da Semana Universitária, que é a “apoteose” dos eventos acadêmicos anuais aqui da UnB, uma Batalha da Escada especial celebrativa da Semana Universitária, que pode parecer pouco mas acho que é um reconhecimento, uma percepção que a UnB demonstra da relevância acadêmica, científica e cultural que a Batalha tem. (SILVA, 2017)

Figura 05 - Durante uma das batalhas



Fonte: Batalha da Escada. 2015

Os diálogos avançados com a atual gestão da Universidade de Brasília, na responsabilidade do Decanato de Extensão tendo em vista as iniciativas do coletivo em tornar o projeto da Batalha da Escada em extensão, são reflexo das pretensões da própria construção conceitual da UnB. O projeto Batalha da Escada, que começou espontaneamente do desejo dos alunos em trazer ao ambiente universitário as suas vivências no cenário Hip Hop, agora reflete a própria construção da universidade. Uma universidade aberta e produtora de um conhecimento que busque estar comprometido com a sociedade.

O projeto desenvolve, para além de uma Batalha de MCs, um espaço de interação entre a universidade e seu principal “cliente”, a sociedade. O cenário já desenvolvido de Batalhas de MCs do DF, quase que em sua totalidade ocupando espaços públicos como

praças, centros comerciais, estações de metrô, etc, passa a se relacionar com um outro ambiente que fora historicamente de uma realidade distante aos produtores da cultura Hip Hop. A universidade e o sistema educacional de forma geral, como a conhecemos atualmente é também produto desta lógica burguesa, inclusive no que se refere aos processos de urbanização mencionados por Harvey, Lefebvre, entre outros.

Para os adeptos desta cultura, em maioria pessoas negras, em situação de baixa renda, o acesso a universidade e às instituições produtoras de conhecimento, é uma realidade muito nova, e por isso ações que viabilizem cada vez mais essa relação são de suma importância na tentativa de romper com a lógica burguesa que impera na contemporaneidade. Sobre esta realidade, MC Cardoso ressalta o seu entendimento sobre a importância de projetos como a Batalha da Escada:

Na minha visão, é uma *parada* muito positiva, mano. Porquê? Essa questão de a gente estar dentro da academia, tá ligado?! A Batalha acontece dentro de uma universidade federal, da capital do país. E o que que rola?! A gente sabe que o conhecimento não está limitado só às salas de aula da universidade. O conhecimento é a vivência, é a troca. Eu vejo muitos manos da quebrada conhecer a UnB por causa da Batalha da Escada, tá ligado?! O cara nem sabia que existia a UnB, mano. Isso é a real mesmo, por que tem uma rapaziada que nem sabe como que faz pra estudar aqui. [Não sabe] O que que é um vestibular, mano, o que é uma faculdade. (SILVA, 2017)

Esta troca ao qual Cardoso se refere, é a troca essencial para trazer ao lume do conhecimento acadêmico, as necessidades da sociedade que a precede. Dessa forma, a Universidade se engaja no modelo de “espaços de esperança”, proposto por Harvey, na busca de um modelo alternativo de vida. A Batalha da Escada já conta com seu caráter natural de contestação das desigualdades, oriundo da sua íntima relação com o Hip Hop. somado aos esforços dos agentes que a rodeiam, pode ajudar esta comunidade a alcançar “uma política em que as forças progressivas da produção e transformação cultural podem buscar apropriar-se das forças do capital e suprimí-las, e não o contrário” (HARVEY, 2014, p. 206). Soma-se à este potencial, o fato de estar situada em uma instituição produtora de conhecimento, fato que potencializa suas ações, como elucida o Professor Fernando Paulino.

O projeto da Universidade de Brasília, foi constituído não só para armazenar ou depositar conhecimento, mas também para estabelecer um dialogo entre o conhecimento acadêmico e o saber popular. Também tomar o Brasil como um projeto ou problema, à ser respondido e decifrado. Então eu acho que o projeto Batalha da Escada tem muito a ver com essa história da Universidade de Brasília, por possibilitar romper os ‘muros’ da universidade e atrair pra UnB

uma reflexão sobre o seu papel, sobre o que deve ser a nossa missão, por um lado. E por outro também, qual devem ser nossas contribuições, que a sociedade como um todo pode trazer, pra em verso, em crítica, em poesia, a gente expressar que país queremos e que mundo podemos construir coletivamente. (SILVA, 2017)

Tomando este Brasil como uma questão à ser respondida, trilhar a produção do conhecimento estritamente ligada ao Hip Hop parece ser uma estratégia viável para romper com a padronização das culturas e a sua respectiva comercialização imposta pelo “globalitarismo” (SANTOS, 2011). O intercâmbio destes conhecimentos (popular e acadêmico) não apenas torna mais acessível o ambiente acadêmico, mas também traz para a reflexão da produção da universidade as questões latentes no cotidiano que está ao redor dela, e o qual receberá seus estudantes.

O Hip Hop tem papel preponderante nesse intercâmbio, visto que desde suas origens traça paralelos entre a produção cultural, através da música e das artes, e a reivindicação de direitos que visem a cidadania e a igualdade social. Nesse sentido, o Hip Hop deve sempre estar atrelado ao sistema educacional, tendo em vista que seu potencial emancipador é enorme e esta é uma das funções de uma escola, se quisermos um estilo de vida alternativo que rompa com os processos desiguais vistos até hoje. MC Lorak, estudante de Serviço Social e por vezes campeã da BDE, ressalta as origens do Hip Hop elucidando esta importância:

Por isso que o RAP tem uma letra pesada. Porque a realidade é pesada. Não é uma realidade de boa, por isso a periferia chora, por isso a periferia grita. Porque todos dias morrem pretos, mães, pessoas somem todos os dias da favela e as pessoas não tão ligando pra isso. Então o RAP é uma forma de reivindicar essa exclusão social que a periferia sofre. (SILVA, 2017)

Esse processo inicia-se desde o estudante que aproveita o seu intervalo para frequentar a Batalha e refletir o que os MCs tem a rimar sobre as diferentes pautas levantadas, até o MC que desconhecia a universidade e passa a se envolver mais com o ambiente acadêmico<sup>12</sup>. Muito além. São diversos os agentes que interagem neste encontro e realizam o intercâmbio das experiências e conhecimentos, de forma que a produção cultural neste caso ganha conotações de uma forma alternativa. Sobretudo, uma Batalha em uma universidade, rompe com o contexto histórico do ensino superior brasileiro de servir às elites, pois traz a este

---

<sup>12</sup> Como é o caso do MC Math, por exemplo. MC assíduo que conheceu o ambiente da UnB por conta da Batalha, fato que instigou à ingressar com êxito na universidade, no curso de Filosofia, em 2016.

espaço os saberes e vivências da cultura Hip Hop, os quais estão atrelados a uma outra parte da população, de origem negra e com baixa renda.

Figura 06 - Intervenção no Teatro de Arena



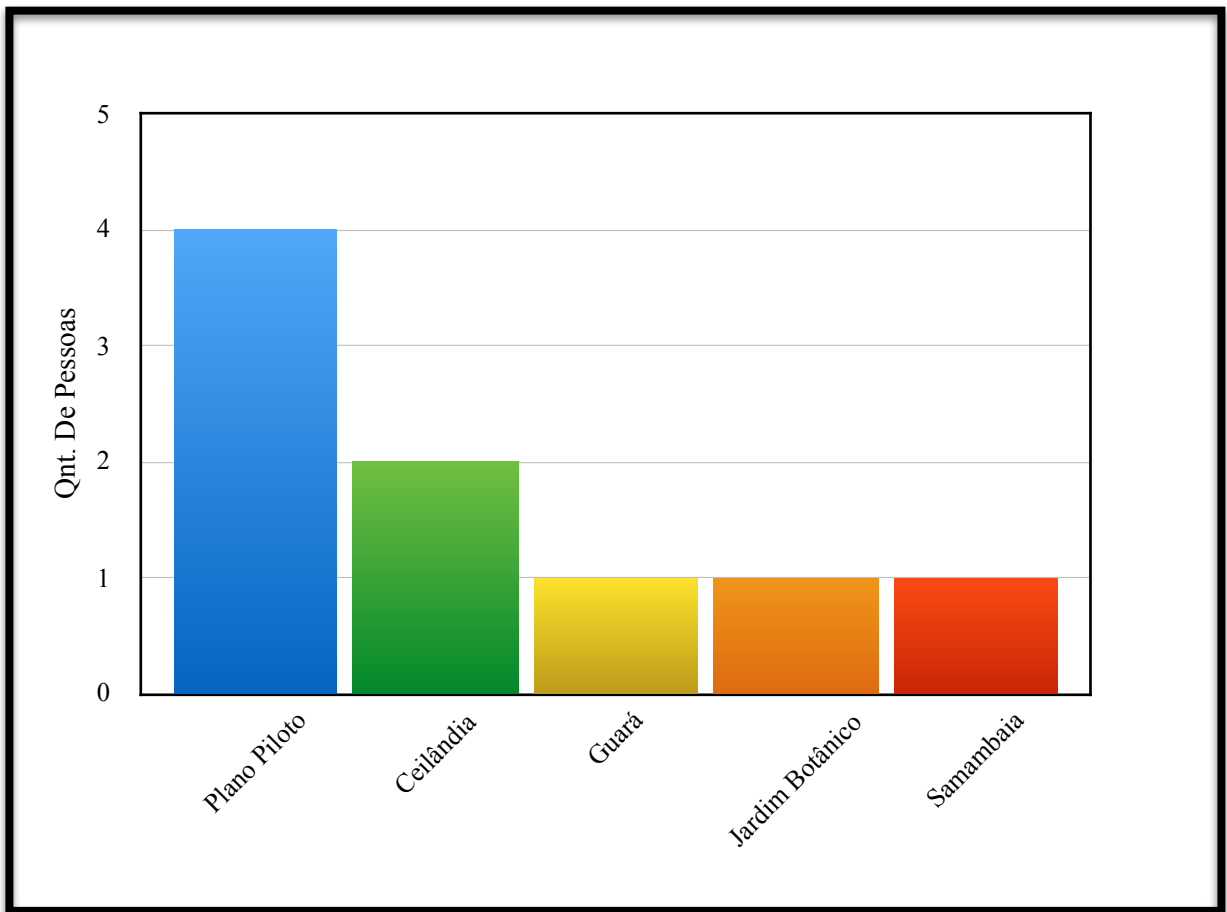
Fonte: Batalha da Escada, 2018

#### 4.2. Perfil e entendimento do coletivo gestor da Batalha da Escada

São diversos agentes, fato inclusive levado em consideração neste trabalho como perspectiva de futuros estudos complementares que abarquem todos os personagens envolvidos na construção deste espaço. A gestão, os MCs que batalham, o público, os ambulantes, etc. Muitos agentes envolvidos em um mesmo sistema. Somado ao fato de acontecer em uma universidade federal, podem elucidar a grande diversidade entre os frequentadores. A própria gestão da Batalha da Escada representa isso. São pelo menos 5 RAs de residência diferentes entre os 9 entrevistados, que se reúnem a partir da UnB como mostra o gráfico abaixo:



Gráfico 01 - Regiões Administrativas de residência dos gestores



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Esse fator pode auxiliar na compreensão da receptividade entre os participantes. Quando questionados sobre o sentimento de cada indivíduo em relação a receptividade do movimento Hip Hop, independente do lugar em que residam e da realidade que vivam, todos sentem-se bem-vindos e afirmam que este é um caráter intrínseco ao movimento: a inserção dos diferentes tipos de pessoas no movimento, e a aceitação dos mesmos, como elucida uma das respostas em sua fala: "sim. Pelo propósito do movimento, onde há pessoas de todas as partes que podem dialogar e resolver questões sociais que são criadas pelo abismo social que predomina em nosso país.". Mais do que isso, a diversidade de experiências é pontuada como uma "riqueza" do movimento, com a ressalva de sempre buscar melhorias para a comunidade, segundo o "gestor 3".

Sim. Pois acredito que o movimento Hip Hop é literalmente pessoas e ideias se movimentando. E quem faz isso como instrumento para conectar e fazer sua sociedade ter um salto qualitativo, com certeza é membro ativo do Movimento Hip Hop.

Ainda assim, na Batalha, há quem acredite que o movimento não consegue ser bem receptivo à determinadas pessoas. Além da timidez pessoal, o desconforto com determinados assuntos que podem ser citados durante as batalhas, como a questão dos discursos de ódio, é relatada como um inconveniente na relação do indivíduo para com a Batalha. É o que aponta o "gestor 1", quando questionado sobre esta receptividade na Batalha da Escada.

Acredito que todas as pessoas que respeitam as diferenças são bem vindas. De modo geral a Batalha aceita e dá espaço para qualquer pessoa que queira chegar e mandar sua ideia na roda. Porém, a Batalha da Escada tem a intenção de ser pedagógica. Nem todas as ideias são aceitas entre mc's e plateia. Principalmente por estar inserida dentro da Universidade de Brasília, onde há a constante luta contra a intolerância de quaisquer gêneros.

Esta é uma ideia que inclusive é o meio pelo qual o entrevistado, aponta como razão pela qual as pessoas são bem vindas, quando diz que o respeito à diversidade cultural na Batalha ocorre “Na medida de buscar não ser excludente independente das ideias jogadas nas rodas. Porém, a Batalha tende a ser pedagógica em relação às ideias repressivas, intolerantes e individualistas.”. Uma das respostas, corrobora com essa argumentação (assim como a maioria dos integrantes da gestão) ao levantar a mesma problemática. Ainda assim, percebe-se na fala do "gestor 2", as intenções do coletivo quanto ao modo como a questão é tratada entre o grupo.

Essa é a intenção, mas certamente muitas pessoas sentem-se desconfortáveis para participar do sorteio ou da gestão, ainda acho que uma parte da comunidade UnB tem receio de alguns frequentadores, do uso de drogas e outras coisas e não vão por medo. Aos poucos conseguimos tornar a quarta feira mais plural, diferentes minorias sociais representativas hoje rimam, declamam poesias ou fazem intervenções. Essa proposta da liberdade de expressão em palco público nunca vai abraçar todos, muitos ainda não vão sentir-se "bem vindos" mas tudo isso é um esforço para dar voz e vez aos que querem e estão dispostos a disputar esses espaços e participar do movimento.

Composta por diferentes agentes, a gestão tem de alinhar esta comunicação entre as pessoas que gerem o espaço público do Teatro de Arena e os utilizadores deste espaço no que diz respeito à Batalha. Este diálogo que as vezes dificultado, fica refém do poder político em

torno da Reitoria da Universidade. Logo, é diretamente influenciado pela gestão vigente, fato que leva a uma oscilação da efetividade desta relação.

Esta realidade, exigiu do movimento, a busca por um método que legitimasse a permanência do movimento em meio às atividades da Universidade de Brasília. Assim surge o projeto de extensão Batalha da Escada. Em meio a busca pelo estabelecimento de um local para a realização da Batalha, a gestão organizadora do projeto, inicia a investida em tornar a ideia em um projeto de extensão oficial da universidade, fato que viria a influenciar na relação da Batalha com a Reitoria da UnB. Sobre esta relação, o "gestor 4" enfatiza:

Existe, por um tempo foi um diálogo difícil inclusive, no mapeamento de demandas estruturais e legais conseguimos hoje realizar um diálogo bom, e conseqüentemente o apoio institucional. Ele acontece primordialmente e diretamente à instituição UnB, através do grupo de trabalho de "Extensão" sendo que agora estamos registrados como um projeto de extensão da universidade.

Porém, esta não foi a única perspectiva abordada pelos gestores nas respostas quanto ao diálogo com a UnB. Um dos entrevistados, lembra que: “a relação com a universidade pode ser vista em duas instâncias. A primeira é o diálogo óbvio que ocorre por meio da Batalha em si, às quartas - o diálogo com a Universidade de fato. Por outro lado, o diálogo com a universidade instituição ocorre principalmente com o DEX.”. O gestor nota que o diálogo entre estes dois agentes também se dá em uma perspectiva humanista, em que o lugar “Escada”, se manifesta como agente e também exerce um diálogo mas para com a comunidade acadêmica. Assim como corrobora para esta visão, o "gestor 2", ao enfatizar este caráter na Batalha da Escada:

Existe, graças ao Universo. Ela acontece a partir da ideia de que a Batalha da Escada é um movimento social que ocupa o espaço público do Teatro de Arena com construções sociais pertinentes e necessárias tanto a comunidade acadêmica, quanto ao público de Brasília e do DF em geral. Ocorre, também, a partir da iniciativa de se criar um projeto de extensão que vise girar em torno da educação social entre crianças e jovens que passam por dificuldades emocionais e financeiras constantemente nas ruas, escolas, em casa e demais lugares de convívio social. Visto que, nossa cidade, capital do país, precisa de mais inserção social e cultural por conta de ser uma cidade nova que necessita criar uma identidade cultural própria.

Esta institucionalização do movimento perante organizações políticas, não fora objeto apenas neste questionamento. Uma das perguntas do questionário, indagava sobre a relação da Batalha da Escada com organizações de cunho político, como ONGs, partidos políticos,

juventudes organizadas, etc. Em grande maioria, as pessoas na gestão notam a existência de uma relação entre estes agentes, mesmo que esta seja delicada. As respostas do questionário neste ponto, apontam para uma incerteza quanto a necessidade e a efetividade desta relação. Uma das opiniões que talvez mais reflita esta lógica é a de uma das respostas do "gestor 6" que considera não haver “cunho ideológico” por parte da gestão:

A relação com esses diferentes grupos se dá de forma mais informal considerando o espaço que a batalha proporciona é bastante diverso e o objetivo é proporcionar o debate. É natural que a Batalha seja um espaço procurado por estes grupos considerando o número de pessoas que podem ser atingidas, mas ainda não percebo cunho ideológico do coletivo.

Em termos de construção das políticas da UnB, os gestores aparentam não concordar entre si. Quando questionados se “A Batalha busca construir juntamente com a gestão da UnB, as políticas da universidade?”, a maioria dos gestores entende que a Batalha ainda não exerce o papel de um agente participativo nestas construções. Ainda assim, o potencial para tal função, é notado pela maioria também, como afirma o "gestor 1".

Acredito que ainda não alcançamos o patamar de atuar de forma direta na construção de políticas na UnB, porém a Batalha é um espaço em que os alunos, terceirizados, servidores e a comunidade, manifestam seus anseios, problemas e conquistas. Agora como projeto de extensão percebo que podemos atuar de forma mais operante na construção das políticas.

Um dos integrante da gestão ("gestor 5"), discorda. Para o gestor, na verdade, a Escada constrói diretamente as políticas da universidade ao construir a agenda da UnB em conjunto: “Sim, quando se insere no calendário oficial da universidade e apresenta projetos que possam fomentar a cultura e o saber na universidade a Batalha constrói as políticas da universidade.” Ainda assim, a maioria dos entrevistados não enxerga um caráter tão incisivo quanto o anterior, mesmo que não seja descartado o potencial para tal função.

Sempre que possível. As políticas da universidade podem variar de acordo com a gestão da reitoria e da prefeitura. A Batalha da Escada busca estar atenta e fazer o uso da voz sempre que possível, em defesa de medidas sociais construtivas e integradas para o melhor convívio social entre comunidade acadêmica e pessoas vindas de outros cantos do DF e Brasil.

A política institucionalizada talvez não seja percebida como um instrumento ativo dentro da BDE. Porém quanto a ação direta como mediador do espaço, os gestores enxergam

a efetividade do projeto. Ao serem questionados sobre a contribuição da Escada, para a gestão democrática dos espaços públicos, os entrevistados, em maioria absoluta, concordam que a Batalha em sua existência, contribui para a democratização de espaços até então elitizados, como é o ambiente universitário da UnB, como lembra um dos entrevistados: “pondo pessoas para ocupar um espaço que foi feito para ser ocupado. Não há registro de outro evento que levou 400 pessoas por 3 anos na UnB. O evento/movimento não só ocupa aquele espaço como estabelece uma nova rede.”.

Ainda que esta acertividade vista no discurso anterior não seja unânime entre as opiniões, a maioria dos gestores, concordam que a Batalha abre espaço para que pessoas tenham mais acesso ao ambiente universitário no momento em que permite o contato com a parcela que não está inserida institucionalmente na universidade. Isto significa dizer que, na Batalha, as pessoas se reúnem independente de matrículas que as vinculem à instituição. Rompendo uma barreira da própria universidade.

A BDE contribui com voz ativa e com impactos diretos na gestão democrática dos espaços públicos. Uma vez que sempre ocupa lugares com a intenção de disseminar conhecimento e diálogo entre as pessoas, ao dar voz para a interlocução de ideias e quebra de paradigmas sociais derivadas da sociedade individualista.

O consenso entre os gestores de que existe este caráter na BDE é algo mais palpável. De certo modo, todos enxergam que as ações nos esforços de realizar uma Batalha dentro de uma universidade, levaram estas pessoas à ocupar um espaço público com cultura, política, assuntos comunitários e por que não, diversão, sem restrições para nenhuma pessoa e através do Hip Hop. Ainda que nem todos concordem que esta seja a razão de contribuir para uma gestão democrática dos espaços públicos, uma das respostas define muito bem se a Escada realiza esta contribuição ou não: “muito, já que tomando e cuidando dos espaços é que percebemos que ele é também nosso”.

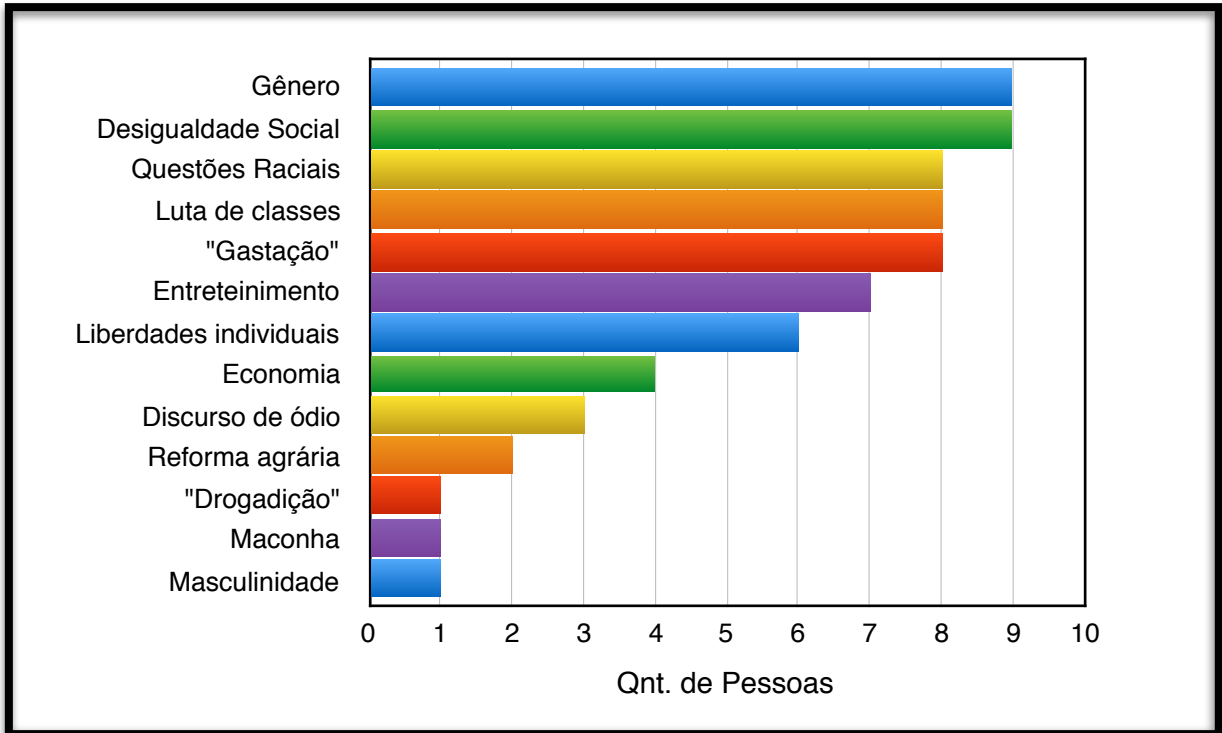
Os principais assuntos abordados na Escada foram classificados pelos gestores. O gráfico abaixo demonstra os resultados obtidos. Mas neste ponto é necessário se fazer uma observação. As possíveis respostas dos candidatos foram listadas em: Gênero, desigualdade social, questões raciais, economia, liberdades individuais, luta de classes, entretenimento, “gastação”<sup>13</sup>, discurso de ódio e reforma agrária. O formulário também previa a possibilidade

---

<sup>13</sup> Em referência ao estilo livre em que o MC diminui o oponente através de rimas que, na maioria das vezes, tratam de forma taxativa as características físicas ou situações embaraçosas expostas ao público.

de se elencar um outro tema, e vem deste campo os temas “Drogadição” (possivelmente em referência ao consumo de drogas), maconha e masculinidade.

Gráfico 02 - Principais conteúdos abordados nas batalhas, segundo os gestores



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

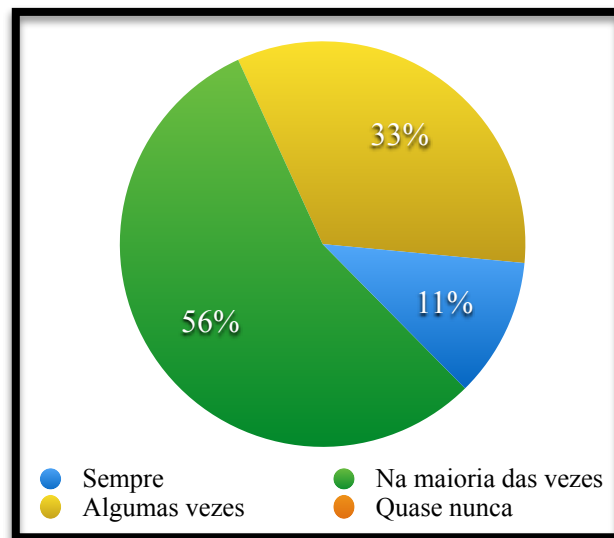
Claramente vemos pautas oriundas de discursos de resistência como os assuntos mais observados entre a gestão, durante a batalha. Nesse sentido, o formulário continha uma questão que vem justamente tentar esclarecer se existe algum caráter do tipo na existência da Batalha enquanto movimento cultural da universidade. O "gestor 2", traz em sua resposta uma contribuição muito valiosa a este trabalho quando diz que “A Batalha exerce resistência contra a visão de mundo que acredita que a dinâmica social gira em torno da propriedade e não dos espaços públicos.”

De forma geral, todos os questionários apontam algum caráter intrínseco a existência da Batalha como uma perspectiva de resistência frente aos padrões impostos. Mas mais interessante ainda, é notar que alguns dos gestores acreditam em uma resistência interna também, no que diz respeito a disputa do debate dentro do próprio movimento Hip Hop, como elucidada um dos integrantes: “sim, pois ainda existem pessoas que querem continuar com o RAP com sua função original. E essas pessoas trazem em suas pautas a resistência da periferia

que constantemente é invisibilizadas.”. O "gestor 1" nos traz esta resistência em relação a um movimento de resgate dos valores do Hip Hop, oriundos de sua gênese.

‘Sim, exerce resistência ao passo que traz para a universidade pessoas que nunca entrariam ali, pautas que timidamente são discutidas em sala de aula, propõe projetar uma cultura que tem princípio social e tem valores importantes frente ao problemas atuais.’

Gráfico 03 - “O conteúdo das batalhas aborda questões de teor político de alguma forma?”



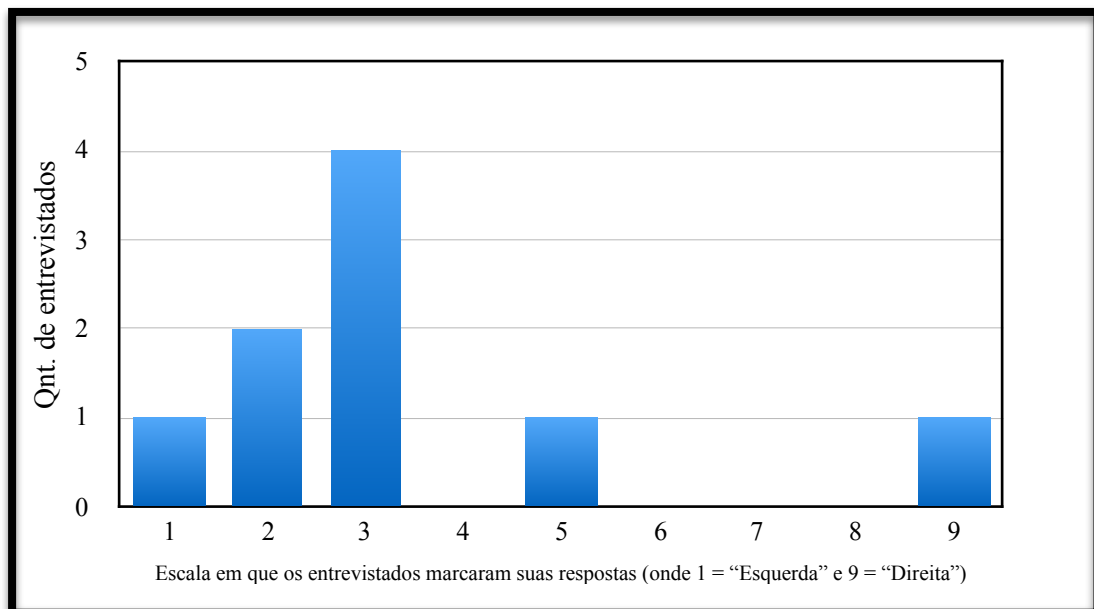
Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

É interessante notar também como se dá a construção deste conteúdo. Teria ele um caráter vertical, sendo implementado através de suas ações pela gestão? Ou é algo horizontal, proposto entre os diversos agentes que estão na Batalha, em suas ações coletivas? Ou mais, os gestores enxergam algum viés político na Batalha (gráfico abaixo)? Neste ponto, uma das respostas do "gestor 9" nos propõe uma conclusão quanto a uma possível proposta ideológica da gestão da Batalha.

Percebo um certo cuidado dos integrantes da gestão Batalha da Escada em propor algum tipo de ideologia. Eu enquanto integrante da gestão, percebo que o ambiente universitário é diverso e são vários tipos de ideologias num mesmo espaço, o que dificulta uma uniformização. Questões como gênero, raça, desigualdade social são naturalmente expostas nas batalhas, sem que os integrantes da gestão influenciem. Quando algum Mestre de Cerimônia extrapola na improvisação de forma a ferir direitos individuais, ocorre a manifestação do apresentador informando a posição da BDE sobre o tema. Em relação a ideologia interna do coletivo, identifiquei que o objetivo da maioria é o papel social da BDE, diferente de outros coletivos que buscam apenas o lucro.

De forma geral, esta é a opinião da maioria dos entrevistados. A ideia de que a Batalha segue um padrão de ideologia imposto pela gestão, não convém com a própria ideia de o que é a Batalha para os gestores, como fica claro na resposta: “a Batalha em si não, pois ela é feita pelos MCs e pela platéia, mas a gestão sim, inclusive nos posicionamentos contra atitudes que vão contra as nossas ideologias.” Para os gestores, o fato da gestão da Batalha se posicionar em determinados assuntos (sobretudo em situações de opressão, como apontado pela maioria) não define algo que talvez seja concebido como uma construção horizontal e coletiva, e portanto, diversa.

Gráfico 04 - “Existe algum viés político na Batalha?”



E é essa diversidade que é apontada quando questionados sobre a função social da Escada. São variadas perspectivas em que os gestores categorizaram a função social da Batalha, mas salvo detalhes, todos enxergam no debate entre os diversos agentes da Batalha, a ressignificação de um espaço, em prol de uma maior conscientização social e política. O que em si pode resultar em mais de uma função social, como nos elucida o "gestor 7".

Percebo que a função social da Batalha da Escada é aproximar a periferia e a universidade, e o instrumento é o Hip-Hop. Há pessoas que descobrem a universidade ao vir para a Batalha e, estar presente na universidade o encoraja à prestar vestibular e ingressar em algum curso. Os três pilares da Universidade são: pesquisa, ensino e extensão e a Batalha da Escada reforça esse papel da UnB.



Esta função social, se justifica no uso deste espaço, por estas pessoas. A Batalha da Escada, através deste encontro entre ambas as comunidades, em torno das pautas lançadas nas quartas, traz esta relação com o espaço de forma que ambas as comunidades se sentem impactadas por este fenômeno (tanto a comunidade interna, quanto externa a UnB). Quando questionados sobre a “relação da Batalha com o espaço em que ela acontece”, as respostas contrastam impactos dentro e fora do Campus, e de maneiras diversas, como elucida o "gestor 8" ao lembrar das outras atividades ao qual o projeto se propôs à realizar:

Maior do que pensamos, talvez. É onde a BDE está estabelecida. Não só o Teatro de Arena, mas o Darcy e a Asa Norte. Quando conseguimos romper isso foi massa, nas Batalhas Itinerantes, em Salvador até. A BDE pra gente é mais móvel, pra muita gente ela é o Teatro de Arena.

Uma das respostas retoma um pouco deste impacto sobre o campus universitário e a comunidade acadêmica: “o Teatro de Arena é lar de grandes movimentações em defesa da democracia e da UnB. Ao fazer o Teatro de Arena lotar toda quarta, a Batalha atualiza ao século 21 uma nova forma de reunir as pessoas para discussão pública.”. A relação apontada enfatiza a distância do Hip Hop com a universidade. De fato o Teatro de Arena fora palco de grandes movimentações, sobretudo em virtude de grandes decisões políticas e que agora são debatidas também entre os frequentadores da BDE. Ainda assim, esta relação com o espaço, também se dá de forma enfática para com os agentes do movimento Hip Hop.

Totalmente, pois a batalha acontece em uma universidade e querendo ou não isso interfere na postura do MC, onde muitos possuem muito cuidado com o que vão falar com medo do julgamento da plateia por serem pessoas que 'estudam mais'.

O relato do entrevistado atribui uma nova perspectiva desta relação. O fato de estar ligado ao ambiente universitário, denota um caráter mais crítico por parte do público em relação a outras batalhas. Corroborando para esta ideia, um dos entrevistados ressalta que “inclusive essa relação é praticamente constitutiva da Batalha da Escada”. Além disso “torna-se evidente ao contrastar o que ocorre na ‘UnB, 18h, quarta feira’ com as numerosas outras Batalhas do DF, Brasil e do mundo.”

Ainda que existam divergências entre o grupo, aparentemente a existência desta relação (ou cerimônia, como alguns gestores preferem chamar) leva a produção de um novo espaço em que os padrões possam ser discutidos entre as pessoas que propuserem à isso. É

nesta perspectiva que o "gestor 6" discorre sobre a ressignificação do local onde a Batalha acontece:

Hoje em dia as pessoas não discutem mais, não fazem grandes debates e reflexões sobre a realidade, e acabam por consumir o tempo inteiro de forma não crítica. A Batalha apresenta a oportunidade de um ambiente plural em ideologias e opiniões, trazendo mais elementos para a compreensão do meio.

Este talvez seja o principal potencial notado entre os gestores. O de que a Batalha pode representar algo novo, na forma em como os debates são conduzidos, potencializando os reflexos na comunidade que se envolve. Quando questionado sobre a resistência em meio a vida alienante, o "gestor 5" ressalta as características da luta em se resistir a este modelo, relatando esta perspectiva como um caráter absoluto da Batalha.

Parte do problema da alienação é o sentimento de isolamento que o processo de libertação pode causar, torna-se mais cômodo socialmente permanecer na alienação. Ao reunir diversas pessoas que buscam essa libertação, esse sentimento de isolamento diminui e, acredito, surge um vislumbre de esperança aos que participam.

Assim como o questionário inteiro, as respostas em torno desta temática, não são unânimes. Há quem acredite ainda, que na verdade esta é uma constante na Escada, porém não absoluta. Para o gestor 6, é justamente na localidade da Batalha que a mesma demonstra uma certa contradição em relação ao rompimento com a alienação sistêmica a qual vive-se hoje.

Depende do dia. Na maioria das vezes sim, pois são discutidas ideias que condizem com a consciência coletiva e colaborativa. Mas algumas vezes não, pois já houveram momentos em que mc's ganharam batalhas disseminando ideias preconceituosas, com o aval da plateia, que tende a ser em sua maioria branca e burguesa. Por conta da localidade e privilégio temporal para frequentar a batalha.

Talvez esta, somada as outras variações que são vistas nas respostas do questionário aplicado a gestão da BDE, possam atestar justamente como este espaço de debate é amplo e horizontal. Essa diversidade de ideias e valores, não se resume às 400/500 pessoas que se aglomeram nas quartas feiras, mas também a gestão em sua pluralidade de interpretações.

Um dos retratos relatados como resistência aos padrões impostos pelo sistema, é o da pluralidade de ideias em debate nas batalhas como meio de se produzir uma comunidade

consciente politicamente. Pluralidade esta que talvez se manifeste desde a gestão, passando pelo MC, indo até o público. Ainda sobre as formas de rompimento para com a alienação, o "gestor 2" explica porque acredita na Batalha como este movimento:

A batalha produz um espaço de esperanças, cada vida com sua peculiaridade pode entrar em contato com o seu pertencimento oculto, com o sentimento de representação pelo outro, com novas manifestações políticas, com possíveis novos caminhos para seguir uma vida profissional ou apenas apresentar uma nova perspectiva de pensamento para estes sujeitos

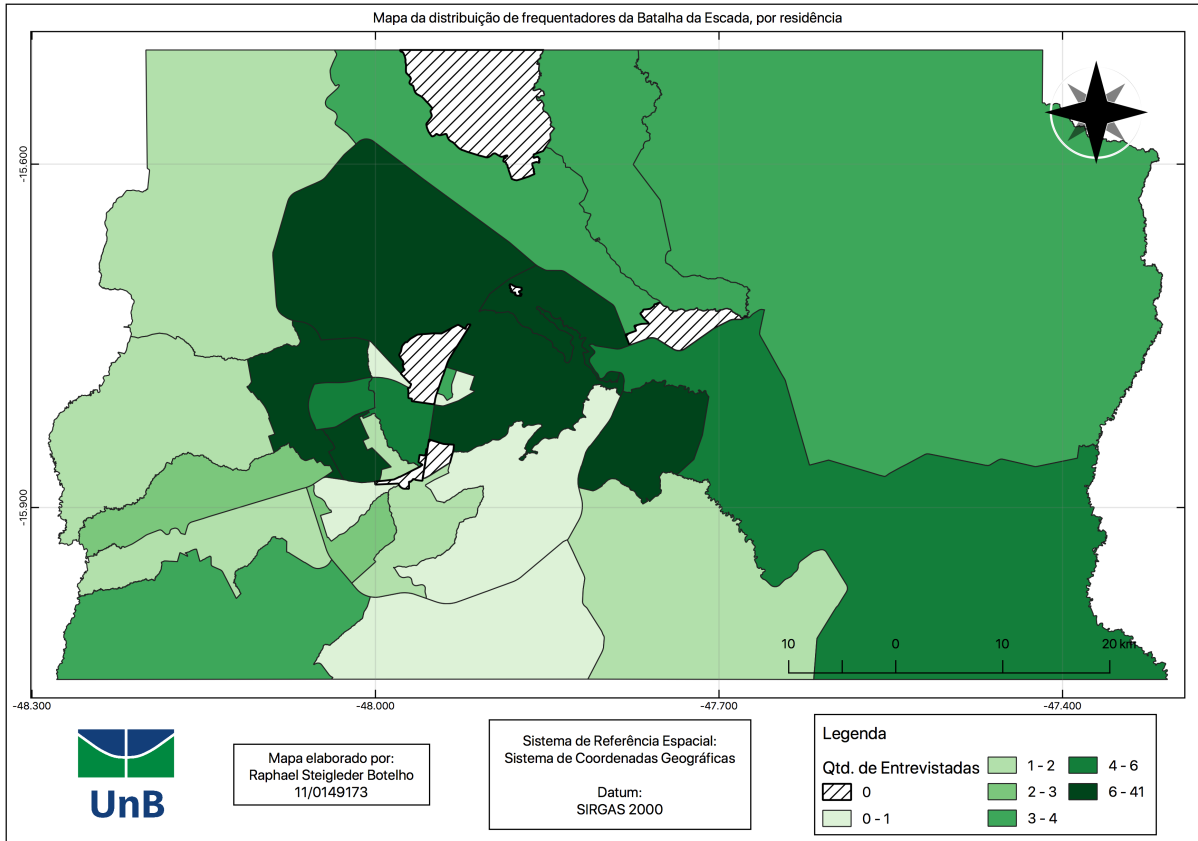
#### 4.3. O olhar da Escada: o espaço percebido pelo público

O passo seguinte à aplicação dos questionários com a gestão da BDE, fora a aplicação de um questionário mais objetivo que o primeiro, de modo a gerar um *survey* com dados de perfil e informações que subsidiassem as dúvidas quanto a como é a interpretação dos frequentadores sobre a BDE em relação a interpretação dos gestores. Para realizar esta etapa do trabalho, foram aplicados 133 questionários durante a realização da BDE em duas semanas.

As primeiras perguntas buscam traçar um perfil dos frequentadores da BDE e questionam quanto a Região Administrativa de residência, Idade e o vínculo com a UnB. A questão da localidade é um fato peculiar na BDE, como demonstra o gráfico abaixo, pela heterogeneidade da moradia dos entrevistados. Ao todo, 30 RAs e municípios foram citados como locais de residência dos frequentadores.

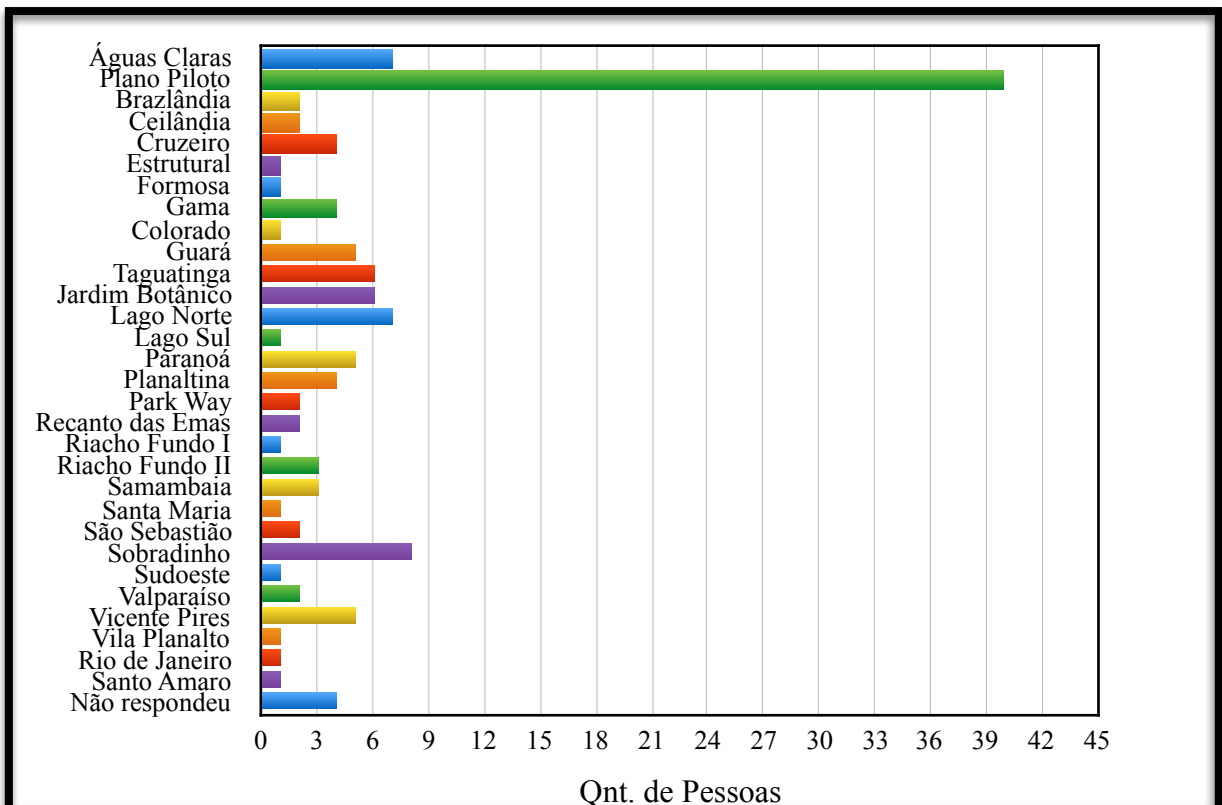
Em relação ao Distrito Federal, a concentração de pessoas que vão a Batalha da Escada é fortemente influenciada pela questão da localidade. O mapa abaixo é resultado da espacialização do gráfico 5 e aponta a forte discrepância que existe entre as RAs. Entre a maioria das RAs os resultados variam de 1 até 5 pessoas que afirmaram residir nas respectivas Regiões. Porém Taguatinga, Águas Claras, Lago Norte e Jardim Botânico, surgem com valores acima a de 6. O Plano Piloto, representa a maior parcela com 41 pessoas das 133, muito influenciado pelo fator localidade (por ser a RA em que o campus Darcy Ribeiro está localizado).

Figura 07 - Mapa da distribuição de frequentadores da BDE, por RA de residência



Fonte: Elaborado pelo autor

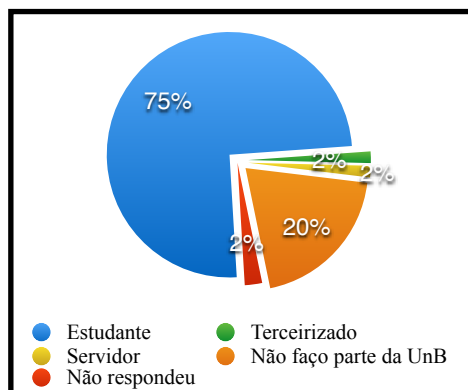
Gráfico 05 - Regiões Administrativas de residência do público entrevistado



Fonte: Elaborado pelo autor

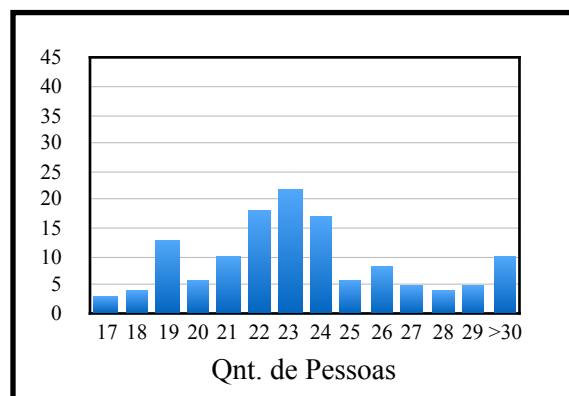
A mesma heterogeneidade não é tão presente no que diz respeito ao vínculo acadêmico das pessoas que frequentam a Batalha (gráfico 06), assim como se deflagra na informação da idade das pessoas. Do total de entrevistados, cerca de 75% são estudantes da Universidade de Brasília. E este número é corroborado se analisarmos a média de idade das pessoas que frequentam a BDE (gráfico 07), que demonstra receber mais pessoas entre os 19 e 24 anos, em geral, a média de idade dos estudantes da universidade.

Gráfico 06 - Relação com a UnB



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 07 - Idade dos entrevistados



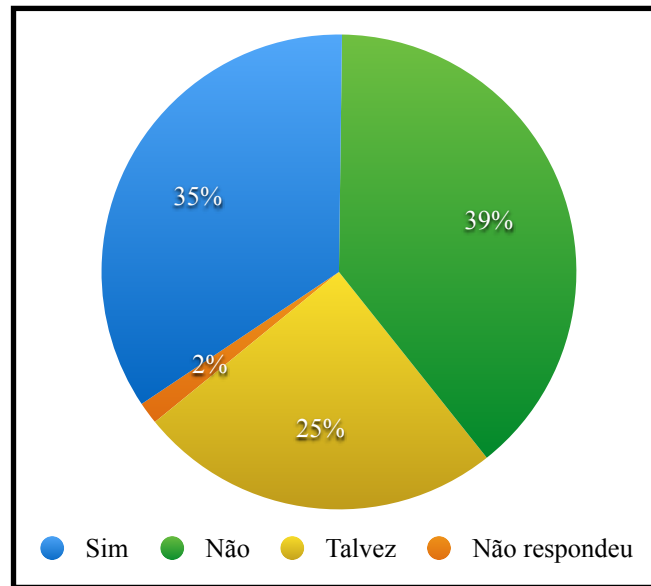
Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda assim, um número expressivo de pessoas, afirma não fazer parte do corpo acadêmico da UnB. Este número representa um dos fortes apelos mencionados não só pelos gestores, mas também pelos professores envolvidos (SILVA, 2017): o de que a BDE é um ponto de encontro entre pessoas que estão ligadas institucionalmente à UnB e pessoas que ainda não tiveram a mesma oportunidade.

Independente da idade, vínculo acadêmico ou local de residência, a média de frequência é alta, se considerarmos as distâncias percorridas pelos entrevistados. Em uma escala de 0 à 5, onde 0 equivale à “nunca” e 5 equivale à “sempre”, os entrevistados marcaram a frequência com que costumam ir a Batalha da Escada.

Após a parte inicial, os entrevistados responderam 8 questões as quais buscavam compreender qual a interpretação das pessoas quanto ao espaço e a atividade realizada na BDE, em diferentes aspectos. Nesse intuito, a primeira pergunta visa identificar como o público da BDE se encara dentro do movimento Hip Hop.

Gráfico 08 - “Você se considera integrante do movimento Hip Hop?”



Fonte: Elaborado pelo autor

Esse fator de integração também foi muito comentado pelos entrevistados, quando questionados se existe alguma função social na BDE e qual seria esta. Aproximar do debate político e social duas comunidades que historicamente foram afastadas pelo elitismo dos processos seletivos aplicados ao ensino superior.

Vejo como uma ocupação cultural de espaço público, que reúne pessoas das mais diversas categorias sociais e ali produz, debate e pensa a cultura. Reflete sobre a cultura urbana, sobre a cidade, e tendo como principal manifestação cultural o Hip Hop evidencia no espaço a criatividade, e como essa criatividade pode transformá-lo. Lugar de contestação das relações e da produção capitalista do espaço, mesmo com suas contradições, é lugar de resistência.

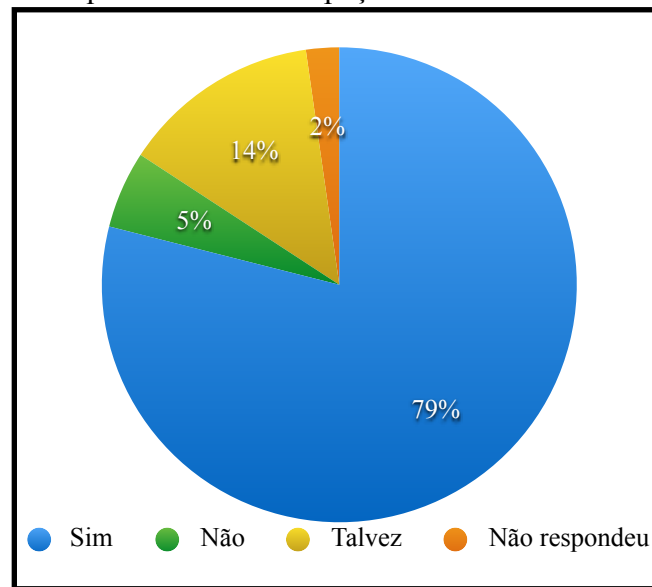
Os resultados refletem bem a heterogeneidade do público, como demonstra o gráfico acima. Assim como fora mencionado pela gestão, esta é uma das intenções da Batalha, trazer ao ambiente acadêmico o contato com a cultura Hip Hop, assim como às pessoas que não integram este movimento. Considerando a heterogeneidade vista até aqui, esta não é uma característica que surpreende, levando em conta também o público que frequenta a UnB (gráfico 08).

Para aferir estas informações, o questionário perguntou aos entrevistados qual a compreensão quanto ao caráter democrático do espaço da Batalha da Escada. Para quase 80% dos 133 entrevistados, a Batalha da Escada é sim um espaço democrático, apesar de seus privilégios em relação às outras batalhas como lembraram alguns dos entrevistados, a BDE é

um espaço democrático e para a maioria, este é o caráter de resistência intrínseco à Escada (gráfico 09).

Significa um espaço de interação social através da música, da política e principalmente do hip hop dentro da universidade. É uma resistência cultural de afirmação de nossa formação cultural. Um espaço que busca a equidade perante a desigualdades de gênero e de raça, onde quem "fala merda" leva puxão de orelha da platéia, ou seja, é também um espaço de muito aprendizado.

Gráfico 09 - Você acredita que a BDE é um espaço democrático?

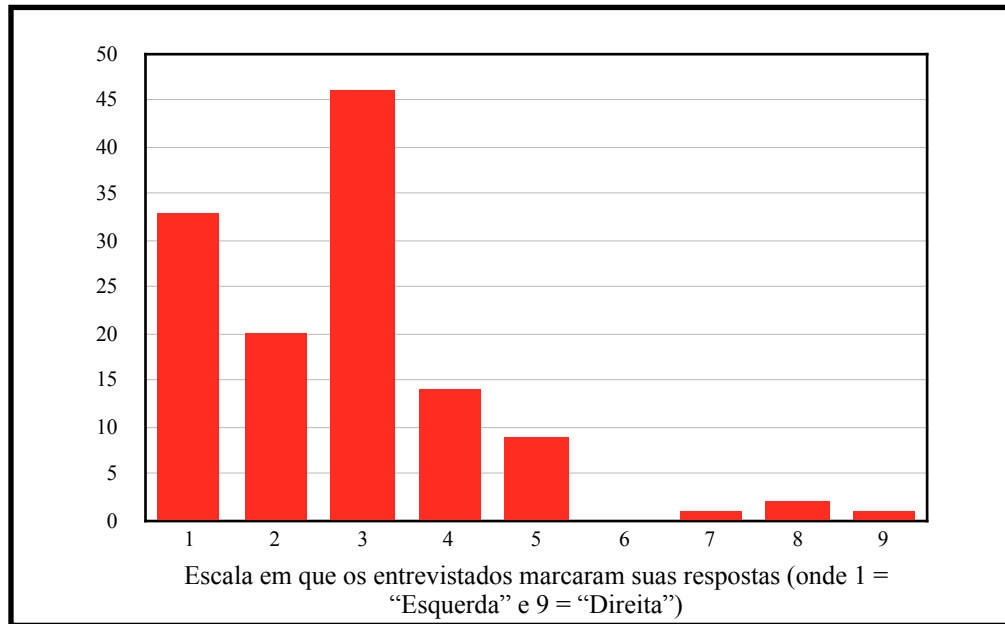


Fonte: Elaborado pelo autor

No ambiente democrático da Batalha da Escada, que assim dizem ser os entrevistados, a tolerância a ideias diferentes é primordial, visto que o encontro se dá através do debate em forma de rimas. Ainda assim, por ser um debate, o posicionamento quanto às pautas é algo intrínseco à batalha, portanto, o conflito entre os determinados tipos de pensamento que correm por aquele local é algo que pode ser encarado com naturalidade, pois é no choque de valores e ideais que se questionam as pessoas que estão presentes naquele momento.

Para responder sobre a possibilidade da Batalha ter um viés político claro, os entrevistados definiram em uma escala de 1 à 9 qual seria este viés, onde 1 = “Esquerda” e 9 = “Direita”, em uma clara alusão a termos constantemente reproduzidos para se delimitar os campos progressistas e conservadores no Brasil, respectivamente. Talvez por ocorrer na universidade, a qual tem um relação histórica direta com movimentos políticos, o gráfico 10 tenha sido tão expressivo (gráfico 10).

Gráfico 10 - Existe algum viés político na Batalha?



Cerca de 90% dos entrevistados afirma que a BDE representa posturas e decisões baseadas em ideais e valores de esquerda. Se considerarmos a escala como um espectro entre os diversos campos progressistas e conservadores existentes no Brasil, a Batalha provavelmente reproduziria a diversidade existente na esquerda brasileira, em quanto a discursos e conteúdos que são produzidos neste lugar.

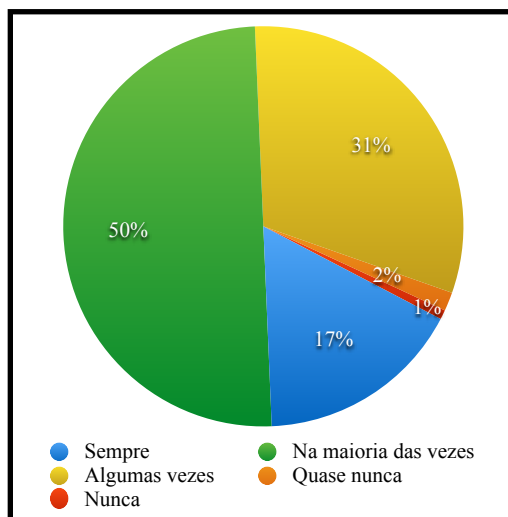
Ainda sobre este tema, os entrevistados responderam quanto a frequência com presenciavam questões de teor político no conteúdo das batalhas. Considerando os 90% que afirmam existir um viés político de esquerda na BDE, é interessante saber se as pautas políticas são de fato uma constante nos confrontos. Nesse sentido, o gráfico abaixo representa as respostas dos entrevistados, onde a exata metade, afirma presenciar em todas as quartas feiras problemáticas da perspectiva política dessas pessoas (gráfico 11). Na verdade, o gráfico elucida que a menor parcela das pessoas que frequentam a Batalha afirmam não presenciar essa realidade, o que pode estar vinculado com a frequência em que estas determinadas pessoas assistem ou rimam na Batalha.

Estar vinculada a movimentos políticos progressistas, com uma enorme relação aos movimentos sociais, e debater através das rimas, problemáticas políticas, ainda assim, não elucida em que perspectivas essas questões são levantadas. Nesse sentido, a reivindicação de



direitos, a qual é caráter intrínseco da origem do Hip Hop, foi algo levantado no questionário aplicado ao público.

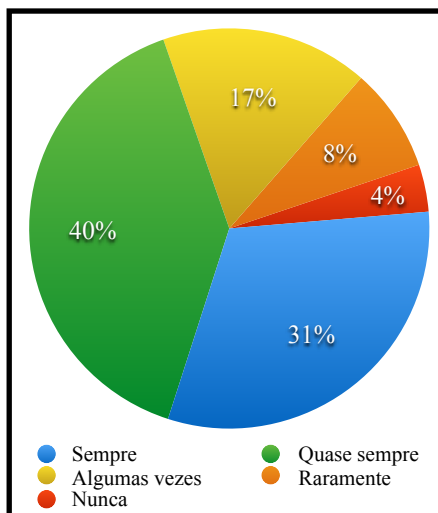
Gráfico 11 - Frequência com que o conteúdo das batalhas aborda questões de teor político



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Os entrevistados responderam ainda, quanto ao que testemunham nas Batalhas em relação a discursos que reivindicam de alguma forma, algum direito seja ele qual for. Considerando o público de MCs e o vínculo direto desta prática ser associado a marginalização perante a sociedade, esta poderia ser uma constante na Batalha tão expressiva quanto ao questionamento anterior, o qual se relaciona (gráfico 12).

Gráfico 12 - Frequência em que os entrevistados afirmam testemunhar a reivindicação por direitos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

O gráfico acima demonstra que ainda que seja expressiva, existe uma pequena mas também expressiva parcela (considerando o total de entrevistados de 133 pessoas) que não testemunham a reivindicação de direitos na Batalha da Escada, fato que pode ter relação direta com o gráfico 02 resultante dos questionários aplicados com a gestão, em que questionam-se os conteúdos mais abordados nas Batalhas e tem a “Gastacão” como um dos temas mais selecionados entre os gestores.

A politização da Batalha da Escada abordada até então no questionário pode ser superficial devido a objetividade do questionário aplicado e a impossibilidade de abstração a partir das respostas. Pensando nisso, duas questões importantíssimas aos objetivos deste trabalho, foram selecionadas para extrair este tipo de informação que possibilita uma análise mais fundamentada em como entendem o espaço em que estão os frequentadores da Batalha.

“Você acredita que a BDE exerce alguma função social? Qual?” e “O que significa o espaço onde a BDE acontece, na sua interpretação?”, foram as duas perguntas elaboradas nesse sentido. A primeira buscando entender qual a função social que a Batalha aplica ao Teatro de Arena se é que ela existe. E a segunda, buscando entender se a partir do que é vivenciado na Batalha, produz-se algum tipo de “espaço de esperança”.

Propagar a arte, integrar a comunidade, promover a aproximação e o diálogo. Estas foram as principais perspectivas levantadas pelos entrevistados quando questionados quanto a função social da BDE. Mas ainda assim, a principal ideia levantada quando questionados sobre o que significa este espaço e o que ele produz, a palavra resistência é uma das palavras mais mencionadas na aplicação do questionário.

Em minha perspectiva, creio que a Batalha consegue trazer a junção de cultura, política, educação e resistência pra quem participa, tanto batalhando como quem assiste. É direito humano acesso a essa vida cultural e por meio da BDE se apresenta uma cultura contra hegemônica que é viva dentro dos espaços do DF e acabam trazendo a comunidade pra uma vivência cultural dentro da universidade.

De maneira geral, a maioria dos entrevistados acredita que realizando a Batalha, o que se faz é dar um novo significado a um espaço que até então não tinha o devido uso. A partir da ocupação do espaço público com cultura de rua, transforma-se o espaço do Teatro de Arena, em que reconhece-se que existe uma carga histórica (entre alguns entrevistados). Uma das definições mais interessantes dada ao espaço da BDE é a de que “é uma espécie de ágora moderna, só que mais subestimada por parte da população”.

Essa interpretação de ressignificação do espaço a partir da ocupação do espaço público com Hip Hop, encontra-se em muitas respostas de diversas formas. Sobretudo na UnB, palco de grandes movimentos no contexto de construção política do país, a compreensão de que a BDE oferece uma nova forma de se ocupar um espaço público cujo o qual tem um histórico importante na construção das mesmas lutas que são pautadas nas Batalhas como elucida uma das respostas ao afirmar que é “Um espaço com grande carga histórica e que agora a BDE reapropriou-se do espaço afim de expressar novas manifestações sociais”.

Representa uma resistência, a UnB é um local de grande luta política, social, econômica. O projeto da batalha da escada, desde seus primeiros eventos tem se mostrado aliada à esta luta. É um projeto memorável e histórico. Muito embora a batalha em si e os próprios idealizadores e produtores, tenham sofrido com ataques burocráticos e outros ataques sem fundamento claro ou específico, com muito êxito essas dificuldades foram vencidas e hoje tem um público fiel e diversificado e respeitoso tanto pelas normas sociais básicas, quanto pela segurança de estar ali, com respeito à diversidade de gênero e opção sexual. Tanto que se há algum comentário/rima que fira o respeito ou as normas, a coesão social fala mais alto.

O intercâmbio de cultura de uma forma geral, também fora um ponto fortemente levantado nos questionários aplicados ao público. Trazer uma comunidade marginalizada perante a sociedade a um local historicamente elitizado como é a universidade pública no Brasil (levantado em algumas respostas), é uma das vias que também segue a Batalha, assim como levar até a comunidade do Hip Hop a produção e as relações que se desenvolvem no ambiente acadêmico.

Por estar dentro da Universidade de Brasília, local privilegiado de acesso ao conhecimento, a Batalha da Escada permite com que os integrantes do movimento HipHop das periferias tenham acesso à universidade, bem como estudantes universitários que não tem contato com o movimento do RAP na sua vida cotidiana.

Contudo, a heterogeneidade de opiniões é tão grande, que há ainda quem se questione quanto às reais intenções presentes na realização da BDE. A apropriação cultural é um ponto levantado entre alguns dos entrevistados, de forma que alerta para uma das características do sistema em relação ao poder de construção de identidade. A BDE poderia então estar contribuindo para esta lógica? É o questionamento que chama atenção em uma das respostas:

Fico na dúvida. Ou é elite se divertindo e se apropriando de um movimento da periferia, ressignificando o mesmo, colocando reivindicações com pouca consciência de classe e privilégio; ou é a periferia entrando na universidade

elitizada, assumindo sua representatividade e realizando uma interação com os alunos universitários. Estes últimos, começam a se enxergar além da bolha da universidade, os primeiros, começam a entender que a entrada na universidade é alcançável. Creio que é mais para a segunda.

Em meio a capital do país, aparentemente a BDE é vista como um ponto fora da curva do Plano Piloto. Apesar dos questionamentos quanto ao que de fato é a BDE, existe um entendimento de que em meio a um território já muito estratificado como é o Distrito Federal, a BDE incentiva o diálogo e intercâmbio entre culturas de forma a quebrar a lógica burguesa que historicamente persegue a produção do espaço.

O Teatro de Arena é, assim como grande parte da UnB um espaço histórico de aglutinação política, de resistência à Ditadura entre outros períodos densos de nossa história, por isso, carrega consigo uma territorialidade histórica de luta e organização popular/social. Por outro lado é, nos dias de hoje, um território de resistência à segregação espacial tão gritante na capital, em que o Plano Piloto e seus habitantes não reconhecem o entorno, e as cidades Satélites como parte de uma única cidade. Nesse Sentido, o intercâmbio, o fluxo de pessoas, ideias, cores, sabores, a corpo política e a cidade em movimento, possibilitam a resignificação e apropriação do espaço acadêmico, tendo em vista o carácter elitista e a estratificação social, gritantes na instituição. Enfim, BDE no Teatro de Arena é resistência, é territorialidade de transgressão.

Ainda que na sua diversidade de interpretação, o público da Batalha da Escada apresentou um certo consenso quanto ao que representa e as possibilidades envolvidas com a realização da Batalha da Escada. Com o devido reconhecimento do privilégio do espaço em que acontece, o público de maneira geral reconhece que o carácter enriquecedor da BDE reside no fato de que ao realizar este intercâmbio cultural, a partir da ocupação do espaço público, produz-se a resistência perante a vida alienante imposta pelo sistema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imposição sistêmica quanto aos padrões de vida entre a sociedade é uma característica histórica dos processos de urbanização vividos na maioria das cidades, lógica que levou à restrição de acesso aos espaços privilegiando uma dita qualidade de vida entre as elites sociais em detrimento da classe trabalhadora (HARVEY, 2008). Desde os tempos de Napoleão, a sociedade presencia a desigualdade social ser alimentada pela configuração territorial imposta por governantes (HARVEY, 2008). Os grandes conglomerados urbanos se estabelecem a partir de uma lógica nefasta de marginalização e estratificação social reproduzidas no espaço e analisar alternativas quanto a essa lógica, também constitui a luta pela emancipação do Direito à Cidade.

Romper com essa lógica tem sido pauta de movimentos sociais urbanos, sobretudo os relacionados às políticas de moradia. Porém, a manifestação cultural tem sido igualmente pauta de movimentos que buscam maior democratização quanto ao acesso aos instrumentos e espaços públicos, como é o caso dos coletivos culturais de ocupação do espaço público (HARVEY, 2014). Desde a década de 80, o mundo convive com um fenômeno chamado Hip Hop. A cultura que surge a partir de tradições jamaicanas, no Brooklyn de Nova Iorque (LEAL, 2007), conta com história rica em vertentes e personagens que de alguma maneira influenciaram a forma como, sobretudo a juventude negra e de periferia, ocupa o espaço.

Nesse sentido, em meio à produção cultural do Hip Hop, estão as Batalhas de MCs (Mestres de Cerimônia), um enorme intercâmbio de ideias entre diversos vetores e receptores das inúmeras mensagens. Sempre em espaços públicos, as batalhas reúnem fãs e transeuntes e convidam as pessoas a debater de uma forma inovadora. Os debates, influenciados pela origem do Hip Hop de alta contestação política e social, colocam em pauta situações de vida que são fortemente influenciadas pela lógica imposta aos processos de urbanização das cidades.

É neste bojo que está inserida a Batalha da Escada (BDE), uma batalha de RAP que ocorre semanalmente no Teatro de Arena da Universidade de Brasília (UnB) e objeto de pesquisa deste trabalho. Em meio à dificuldade de acesso aos instrumentos e espaços públicos das cidades, seria a ocupação do espaço público com manifestações culturais, uma forma de transformar o acesso aos espaços da cidade?

É nesse sentido que o presente trabalho se propôs a entender em que medida a Batalha da Escada na UnB transforma o espaço construído pelos frequentadores da Batalha da Escada em prol da esperança em uma vida menos alienante, reivindicando o Direito à Cidade. A BDE se propõe a levar até a Universidade de Brasília, o debate no que diz respeito a desigualdade e as injustiças sociais, as quais tem vínculo direto com a essência do RAP e do Hip Hop de se contestar a realidade das adversidades vividas pela população negra e de periferia. Além disso, a UnB, quando sob influência da lógica elitista de acesso aos espaços, pode não contemplar as diferenças sociais da população, e transmitir ao público do Hip Hop ainda distante da universidade, um pouco do ambiente, da produção e do debate vividos na academia.

O resultado é um intercâmbio cultural produzido, fortemente influenciado por pautas e demandas do Hip Hop, produzindo certa conscientização política e social em um público tão diverso. Sendo assim, os agentes envolvidos na construção da Batalha da Escada entendem estar produzindo um espaço em que rompe-se com a lógica sistêmica de restrição de acesso, interage-se socialmente entre agentes diversos e produz-se uma alternativa. Em outras palavras, um espaço de esperança que através de uma cultura marginalizada, democratiza o acesso a cultura e aos espaços públicos, em garantia da autonomia, emancipação e plenitude do Direito à Cidade. (HARVEY, 2014)

David Harvey traz grandes contribuições para a compreensão de como se dão e o que influenciam os processos de urbanização das cidades. Além disso, o trabalho de Sérgio Leal em “Acorda Hip Hop” se mostrou peça fundamental deste trabalho no tocante a contextualização histórica de formação do movimento cultural. A pesquisa não estaria completa sem o auxílio também do documentário “[RAP]ORTAGEM Bde: Um documentário sobre a Batalha da Escada.” e da aplicação das entrevistas semi-elaboradas direcionadas ao público (MCs e espectadores) e gestão da BDE, os quais elucidaram as principais perguntas do trabalho em relação ao objeto de estudo.

Como primeiro objetivo específico, o presente trabalho se propôs a investigar a origem das Batalhas de RAP no Distrito Federal, cuja a qual é fortemente influenciada pela forte ligação da produção destes coletivos com a popularização de ferramentas como o *Youtube* e *Facebook*. A Batalha da Escada, surge no bojo do surgimento de Batalhas de RAP no DF sobretudo do anseio dos estudantes em viabilizar o contato entre o Hip Hop e a universidade.

Além disso, essa interação tem provocado uma caracterização da BDE como uma Batalha diferenciada tanto em relação ao julgamento quanto em relação aos privilégios.

Um outro objetivo proposto nesta produção foi o de assimilar se a Batalha da Escada contribui para a gestão democrática dos espaços públicos, que através de sua ação, aparenta estar influenciando para uma nova conceituação do que é o espaço do Teatro de Arena. Através do debate em forma de poesia, os frequentadores da BDE transformam um espaço que já fora palco de grandes movimentos políticos, sociais e culturais, mas que até então, restringiam-se ao público universitário e que encontram agora na Batalha da Escada uma forma de abrir ainda mais à população um campus universitário idealizado para isso.

Dessa forma, foi imprescindível a este trabalho analisar se a BDE contribui para a formação de um espaço de esperança ao realizar suas atividades. Através do debate sobre pautas que refletem as mazelas vividas por uma parcela da sociedade marginalizada, o Teatro de Arena, se transforma em um ambiente convidativo à pessoas extremamente diversas, sejam elas relacionadas ao Hip Hop ou não, discutem-se experiências que traduzem um pouco da vivência desigual do país e conscientiza-se todo um grupo em prol da construção de um espaço democrático e acessível.

Avaliar o potencial à ação política da Batalha da Escada surgiu como o último objetivo específico, de forma que foi imprescindível contar com o auxílio dos questionários para a conclusão desta etapa. Entender como os agente envolvidos neste espaço se relacionam com a politização foi determinante para compreender até que ponto a BDE é um evento que estimula a cultura ou o mero entretenimento. Sob esta ótica, a Batalha da Escada, em sua origem, preocupa-se em resgatar a valorização dos preceitos que originaram o Hip Hop, de forma a instigar no indivíduo a reflexão a partir do debate, de maneira que o estimule a exercer sua cidadania em plenitude. Dessa forma, contribui ainda mais para a formação desse espaço de esperança, onde a população marginalizada tem seu espaço de fala reconhecido e traz ao lume das discussões, contribuições de grande importância na construção do Direito à Cidade.

A politização da Batalha da Escada abordada até então no questionário pode ser superficial devido a objetividade do questionário aplicado e a impossibilidade de abstração a partir das respostas. Pensando nisso, duas questões importantíssimas aos objetivos deste trabalho, foram selecionadas para extrair este tipo de informação que possibilita uma análise mais fundamentada em como entendem o espaço em que estão os frequentadores da Batalha.

“Você acredita que a BDE exerce alguma função social? Qual?” e “O que significa o espaço onde a BDE acontece, na sua interpretação?”, foram as duas perguntas elaboradas nesse sentido. A primeira buscando entender qual a função social que a Batalha aplica ao Teatro de Arena se é que ela existe. E a segunda, buscando entender se a partir do que é vivenciado na Batalha, produz-se algum tipo de “espaço de esperança”.

Propagar a arte, integrar a comunidade, promover a aproximação e o diálogo. Estas foram as principais perspectivas levantadas pelos entrevistados quando questionados quanto a função social da BDE. Mas ainda assim, a principal ideia levantada quando questionados sobre o que significa este espaço e o que ele produz, a palavra resistência é uma das palavras mais mencionadas na aplicação do questionário.

De maneira geral, a maioria dos entrevistados acredita que realizando a Batalha, o que se faz é dar um novo significado a um espaço que até então não tinha o devido uso. A partir da ocupação do espaço público com cultura de rua, transforma-se o espaço do Teatro de Arena, em que reconhece-se que existe uma carga histórica (entre alguns entrevistados). Uma das definições mais interessantes dada ao espaço da BDE é a de que “é uma espécie de agora moderna, só que mais subestimada por parte da população”.

A pesquisa revelou que há um consenso entre os frequentadores da BDE, tanto gestão quanto público, de que o que se realiza na Batalha da Escada, é a transformação de um espaço público de acesso privilegiado, através da ocupação do espaço público com cultura. Mais do que isso, os agentes mais diversos envolvidos na Batalha, reconhecem o poder transformador deste projeto em quebrar com padrões de estilos de vida sistêmicos, reproduzidos e massificados a todo instante nos processos de urbanização. Desse modo, a Batalha da Escada transforma o espaço público da universidade em um intercâmbio cultural muito valorizado por seu público e que o constitui como um movimento. Sendo assim, ainda que com suas contradições por ser um espaço privilegiado e um privilégio para poucos, a BDE contribui para a luta em defesa do Direito à Cidade e apresenta os coletivos culturais de ocupação do espaço público como uma possibilidade de ser uma forte ferramenta de construção de espaços de esperança em uma vida que rompa com as formas alienantes de se viver.

Ainda que os resultados levem a entender essa forte expressão da BDE e demais movimento, a pesquisa enfrentou algumas adversidades que definitivamente apresentam impactos. A dificuldade em se contemplar todos os perfis de agentes envolvidos no processo



talvez seja a maior. 133 pode ser um número expressivo para um Trabalho de Conclusão de Curso mas representa pouco do universo envolvido na BDE. Além disso, este público é volátil, tanto em gestão quanto em público, ou seja, muda de acordo com o tempo. A gestão por exemplo já inseriu mais de 10 pessoas desde sua formação original, fato que demonstra a volatilidade e horizontalidade deste movimento, o que em si não prejudica a pesquisa, mas apenas deixa claro que este é um recorte no tempo da BDE, que inclusive pode servir a análises temporais em um futuro não muito distante.

Outra problemática oriunda da metodologia escolhida para a realização deste produto, foi a dificuldade em se determinar a melhor forma de extrair as informações. O tema da pesquisa envolve um certo nível de abstração que provavelmente a pesquisa não tenha contemplado ao definir um questionário mais objetivo a ser aplicado com o público. Infelizmente, devido a quantidade de entrevistados e visando uma efetiva organização da informação, a abstração teve de ser ignorada e o público teve seu questionário afetado por conta disso.

A complexidade do projeto é outra marca forte da BDE, mas que talvez também não tenha sido tão contemplada pela pesquisa. A Batalha da Escada não se limita à realização de uma batalha de RAP na universidade. Mais do que isso, projetos com escolas da rede pública de ensino do DF, *workshops*, palestras, participações em congressos e fóruns já são realidade deste coletivo que começa a se inserir de forma mais direta na construção de políticas públicas relacionadas a infância e a juventude, porém, a pesquisa limitou-se à analisar o escopo original do projeto.

Estas são novas formas que podem ser analisadas em futuros estudos. Na verdade, a complexidade deste projeto pressupõe uma maior investimento em relação a estudos que visem compreender este fenômeno. O presente trabalho elucidou a necessidade de se envolver mais a fundo para analisar estas outras vias de ação da BDE e até que ponto elas corroboram ou não para a hipótese até aqui defendida.

Além disso, a contribuição de novos estudos que contemplem uma maior totalidade de agentes envolvidos, pode revelar questões que surgiram ao fim deste produto, como a relação da gestão organizadora do projeto com os coletivos políticos organizados, que parecem enfrentar barreiras tanto na BDE como com o movimento Hip Hop de forma geral; Ou em que medida o espaço de esperança produzido a partir do Hip Hop, tem potencial para se

institucionalizar como fundamento de construção de políticas públicas; Ou ainda, qual a influência que o Hip Hop passa a ter dentro da UnB com a institucionalização da BDE (entre outros projetos) como projeto de extensão.

Independente de qual seja a área, oportunidades de estudos não faltam com este objeto. Este é inclusive um anseio dos gestores, que em sua maioria realizam e incentivam pesquisas que tenham a BDE como objeto. Talvez com muitas dificuldades se realizem mais pesquisas sobre este fenômeno, talvez cada vez menos, mas certo é que o presente trabalho chama a atenção para o que considera muito importante na busca de alternativas ao mundo que nos é proposto: A necessidade de se aproximar ainda mais a academia ao Hip Hop, mas principalmente, ao público que ele representa. Esta foi a principal missão desta produção e espera-se que a mesma tenha sido completa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Valmir Alcântara. **De repente o rap na educação do negro: O Rap do Movimento Hip-Hop Nordestino como Prática Educativa da Juventude Negra**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/4870>>. Acesso em: 25 dez. 2017.
- BALBONI, Mariana Reis. **POR DETRÁS DA INCLUSÃO DIGITAL**: Uma reflexão sobre o consumo e a produção de informação em centros públicos de acesso à Internet no Brasil. 2007. 223 pág. Tese (Doutorado) - Curso de Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Jornalismo e Editoração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-10102007-120815/en.php>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- CABRAL, Ailim. As batalhas de rima do DF: os gladiadores do intelecto. **Correio Braziliense**, p. 20–25, 07 mai. 2017. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/05/07/interna\\_revista\\_correio,593415/as-batalhas-de-rima-do-df-os-gladiadores-do-intelecto.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/05/07/interna_revista_correio,593415/as-batalhas-de-rima-do-df-os-gladiadores-do-intelecto.shtml)>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- CARTA MAIOR (Org.). **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2012. Coleção Tinta Vermelha.
- DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jul. 2002.
- FIDELES, Nina (Org.). **Hip Hop Brasil**. São Paulo: Caros Amigos, 2014. 122 p. Disponível em: <<https://bc.pressmatrix.com/en/profiles/61723fff6785/editions/61ab583057f6b7f69052/pages>>. Acesso em: 25 jul. 2017.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito a cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014(a). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/362220987/HARVEY-Cidades-Rebeldes-pdf>>. Acesso em: 08 set. 2017.

HARVEY, David. **O Direito à Cidade**. New Left Review, n. 53, 2008. (Trad.). PINHEIRO, Jair. Lutas Sociais, São Paulo, n. 29, p.73-89, jul/dez 2012. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod\\_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf)>. Acesso em: 08 set. 2017.

HESS, Mickey. **Is hip hop dead? The past, the present, and future of America's most wanted music**. Connecticut: PRAEGER, 2007. 197 p.

**HIP Hop Evolution**. Direção de Darby Wheeler. Roteiro: Rodrigo Bascunan. Nova Iorque: Banger Films, 2016. Série Documental.

LEAL, Sérgio José de Machado. **Acorda hip hop!**: Despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. 458 p. Disponível em: <[https://issuu.com/tramasurbanas/docs/acorda\\_hip\\_hop](https://issuu.com/tramasurbanas/docs/acorda_hip_hop)>. Acesso em: 23 dez. 2017.

MACHADO, Carlos Geovani Ramos. **O ENSINO DE GEOGRAFIA E O HIP HOP**. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56237/000860602.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos; FONSECA, Ricardo Lopes. O Ensino de Conteúdos Geográficos a partir do Hip Hop. **Geografia**, Londrina, v. 2, n. 26, p.164-176, jul/dez, 2017.

MOREIRA, Jade Arierom da Silva. **OS JOVENS, O MOVIMENTO HIP-HOP E A APROPRIAÇÃO DA CIDADE**. In: II Colóquio do NUGEA. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2016/06/Texto-Nugea-Jader2.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2017.

POSTALLI, Thífani . O hip-hop estadunidense e a tradução cultural brasileira. **Cultura Crítica**, v. 14, n. 2, p. 7–15, 2011. Disponível em: <<http://www.apropucsp.org.br/revistas/revista-cultura-critica>>. Acesso em: 25 dez. 2017.

**Rádio BDE** - Bonde do Tey Tey #001. Produção: Coletivo Batalha da Escada. Brasília: Coletivo Batalha da Escada. Entrevista, 35'59". Disponível em: <<https://youtu.be/4VcPv-5jdIo>>. Acesso em: 03 jan. 2012.

RODRIGUES, Thais. Batalhas de MCs tornam-se meio de expressão de jovens em todo o DF. **Metrópoles**. Brasília. jul. 2016. Disponível em: <<https://www.metrosoles.com/entretenimento/batalhas-de-mcs-tornam-se-meio-de-expressao-de-jovens-em-todo-o-df>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

ROSE, Tricia. Política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop (Trad.). LAMEGO, Valéria In: HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. 20ª ed. 174 pág.

SILVA, Rafael Montenegro da. **[RAP]ORTAGEM BdE: Um documentário sobre a Batalha da Escada**. 2017. 36 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

TORRES, Raphaella. Cada vez mais comuns, batalhas de rap se tornam tradição no DF. **Correio Braziliense**. Brasília. mar. 2018. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/05/interna\\_diversao\\_arte,663674/batalhas-de-rap-brasilia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/03/05/interna_diversao_arte,663674/batalhas-de-rap-brasilia.shtml)>. Acesso em: 15 fev. 2018.

**[RAP]ORTAGEM BdE**. Direção: Rafael Montenegro da Silva. Produção: Rafael Montenegro da Silva e Raphael Steigleder Botelho. Brasília. Documentário, 25'53".

## ANEXOS

### ANEXO I - Modelo de questionário aplicado aos gestores da Batalha

## Questionário TCC - Batalha da Escada

Questionário de subsídio para o Trabalho de Conclusão de Curso, do aluno Raphael Steigleder Botelho, como pré-requisito de aprovação no curso de Bacharel em Geografia, pela Universidade de Brasília.

\*Obrigatório

Nome

Sua resposta

Idade \*

Sua resposta

RA de residência \*

Sua resposta

É parte integrante da comunidade acadêmica? Se sim, qual categoria? \*

- Não faço parte da UnB
- Servidor
- Professor
- Estudante
- Terceirizado



Quais os principais conteúdos abordados nas Batalhas? \*

- Gênero
- Desigualdade Social
- Questões raciais
- Economia
- Liberdades individuais
- Luta de classes
- Entretenimento
- "Gastação"
- Discursos de ódio
- Reforma Agrária
- Outro:

Você acredita que a Batalha exerce algum tipo de resistência? Se sim, em relação a o que? \*

Sua resposta

A Batalha propõe algum tipo de ideologia? Porque? \*

Sua resposta

A Batalha exerce alguma função social? Porque? \*

Sua resposta

Você acredita que existe alguma relação da Batalha com o espaço em que ela acontece? Se sim, qual? \*

Sua resposta

Vai à Batalha da Escada com que frequência? \*

0 1 2 3 4 5

Nunca       Sempre

Você se sente inserido no movimento Hip Hop? Porque? \*

Sua resposta

Você acredita que todas as pessoas são bem vindas na Batalha? Porque? \*

Sua resposta

A Batalha busca obtenção de recursos? Se sim, de que modo? \*

- Investimento de iniciativa privada
- Financiamento público através de editais
- Economia solidária e colaborativa
- Investimento pessoal dos organizadores
- Comercialização de produtos
- Doações
- A Batalha não busca obter recursos
- Outro:

De que maneira a Batalha gere seus recursos? \*

Sua resposta



Em que medida se dá o respeito à diversidade cultural na Batalha? \*

Sua resposta

A Batalha produz um espaço de esperança para uma vida menos alienante? Porque? \*

Sua resposta

Existe algum viés político na Batalha? Se sim, qual? \*

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Esquerda           Direita

O conteúdo das Batalhas aborda questões de teor político de alguma forma? \*

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Algumas vezes
- Quase nunca
- Nunca

Você acredita que a Batalha contribui de alguma forma para a reivindicação de direitos? Porque? \*

Sua resposta

Qual a relação da Batalha com organizações políticas? (ONGs, partidos, grupos ou coletivos partidários, juventudes organizadas, etc) \*

Sua resposta



Existe algum tipo de diálogo entre a Batalha e a universidade? Se sim, como ele acontece? Se não, porque ele não acontece? \*

Sua resposta

A Batalha busca construir juntamente com a gestão da UnB, as políticas da universidade? Em que medida? \*

Sua resposta

Existe alguma forma de divulgação da Batalha? Qual o objetivo desta divulgação? \*

Sua resposta

Em que medida a Batalha contribui para a gestão democrática dos espaços públicos? \*

Sua resposta

De que forma a Batalha lida com as demandas próprias? \*

Sua resposta

ENVIAR

## ANEXO II - Modelo de questionário aplicado ao público da Batalha da Escada

### Questionário TCC - Batalha da Escada

Questionário de subsídio para o Trabalho de Conclusão de Curso, do aluno Raphael Steigleder Botelho, como pré-requisito de aprovação no curso de Bacharel em Geografia, pela Universidade de Brasília.

Idade

Sua resposta

Região Administrativa de residência

Sua resposta

É parte integrante da comunidade acadêmica? Se sim, qual categoria? Se não...

- Não faço parte da UnB
- Servidor
- Professor
- Estudante
- Terceirizado

Vai à Batalha da Escada com que frequência?

- |       |                       |                       |                       |                       |                       |                       |        |
|-------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------|
|       | 0                     | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |        |
| Nunca | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Sempre |



Você se considera integrante do movimento Hip Hop?

- Sim
- Não
- Talvez

Você acredita que todas as pessoas são bem vindas na Batalha?

- Sim
- Não
- Talvez

Você acredita que a BDE é um espaço democrático?

- Sim
- Não
- Talvez

Você acredita que a BDE exerce alguma função social? Qual?

Sua resposta

O que significa o espaço onde a BDE acontece, na sua interpretação?

Sua resposta

Existe algum viés político na Batalha? Se sim, qual?

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9
- Esquerda          Direita



O conteúdo das Batalhas aborda questões de teor político de alguma forma?

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Algumas vezes
- Quase nunca
- Nunca

Você testemunha a reivindicação por direitos na BDE? Se sim, com que frequência?

- Sempre
- Quase sempre
- Algumas vezes
- Raramente
- Nunca

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.